

EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

MUCIO TEIXEIRA

HUGONIANAS

POESIAS

DE

VICTOR HUGO

Traduzidas por Poetas Brasileiros

SEGUNDA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1885

João da Costa Paranhos
Rio, 16/5/1910

Un poète est un monde enfermé dans un homme.

VICTOR HUGO

À M.^{ELLE}

JEANNE HUGO

Le dernier amour de Victor Hugo

HOMMAGE

DE

Mucio Teixeira

VICTOR HUGO

Biographia a traços largos

VICTOR HUGO — é a mais logica expressão d'este seculo.

A grandeza de um coincide com a grandeza do outro. A approximação d'essas duas enormidades deu ensejo á permuta de um berço e um tumulto por um nome e uma gloria.

Este seculo dá esse nome á posteridade ; a posteridade pôde dar esse nome a este seculo.

Um e outro surgiram quasi ao mesmo tempo, cresceram, luctaram junctos ; junctos e quasi ao mesmo tempo é que ambos desaparecem.

Alimentaram-se ambos de utopias sagradas e gastaram-se em luctas heroicas. Assistiram ao espectáculo surprehendente das mais completas manifestações das energias humanas, desde o assombro individual — synthetizado em Napoleão, até ás maravilhas collectivas — ampliadas pela electricidade.

O seculo ligou as nações e libertou os povos ; Victor Hugo identificou as idéas e libertou as consciencias. Ambos tiveram por inimigos o fanatismo e a tyrannia.

Bismarck e Mastai fizeram o seculo entrar-se pelos despenhadeiros da idade-média ; Napoleão III (*le Petit*) fez com que Victor Hugo errasse pelas agruras do exilio.

O seculo, porém, viu Pariz reconquistar as suas aguias arrebatadas em Sedan, e conseguiu a unidade da Italia ; Victor Hugo viu tambem de novo a terra da patria e conseguiu a queda do segundo imperio.

Hugo e o seculo hão de entrar, tão grandes e tão bellos, pelo caminho largo dos tempos,

que a posteridade nem ha de dar pela differença d'este resto de annos que nos separam do seculo XX.

*
* *

O general José Leopoldo Segisberto Hugo, mais tarde conde de Hugo, foi um dos mais notaveis heróes da Republica e do Imperio. * José Bonaparte, quando rei de Napoles, confiou-lhe a ariscada missão de bater a quadrilha de Fra-Diavolo, que acampava nas montanhas da Calabria. Vencido o bandido, foi o heróe nomeado governador de Avellino. **

O conde de Hugo, nascido em Nancy, em 1773, aos vinte e quatro annos de idade contrahiu matrimonio com uma joven de Vendéa, Sofia Francisca Trebuchet, de quem houve tres filhos, — Abel, Eugenio e Victor.

* Mon père, ce héros, au sourire si doux...

(V. H. — *La Légende des Siècles*).

** Cidade de 20.000 habitantes, situada a uns 50 kilometros da capital do reino.

Victor Maria Hugo nasceu em Besançon, a 26 de Fevereiro de 1802. *

Ao vel-o, diz Alfred Barbou, ** um de seus irmãos exclamou: « *Oh ! la bête !* » tanto era feio e debil e pequeno o ultimo fructo do amor *d'un père vieux soldat et d'une mère vendéenne*. ***

Estudava preparatorios em Pariz, quando seu pai foi condemnado á pena de fuzilamento. ****

Co siècle avait deux ans.

Alors dans Besançon, vieille ville espagnole ;
Jeté comme la graine au gré de l'air qui vole,
Naqui d'un sang breton et lorrain à la fois
Un enfant sans couleur, sans regard et sans voix.

(Victor Hugo).

** *Victor Hugo, sa vie - ses œuvres*. Paris, 1880.

*** Si débile qu'il fut, ainsi qu'une chimère,
Abandonné de tous excepté de sa mère,
Et que son cou ployé comme un frêle roseau
Fit faire en même temps sa bière et son berceau.
Cet enfant quo la vie effaçait de son livre,
Et qui n'avait pas même un lendemain à vivre,
C'est moi.

(V. H.)

**** O conde de Hugo, regressando á França, defendeu a fortaleza e a praça de Thionville, pelo imperador Napoleão, rendendo-se não aos allados, mas ás tropas francezas, em virtude de uma ordem do rei Luiz XVIII ; fixou residencia em Pariz, entregando-se a estudos militares e trabalhos historicos.

Falleceu a 28 de Janeiro de 1828, quando Victor Hugo já era um poeta celebre ; deixando, entre varias obras notaveis, uns curiosos apontamentos sobre as guerras da Vendéa, da Italia e da Hespanha, sob titulo de *Mémoires du général Hugo*. (Paris — 1825).

Seguiu, então, para a Hespanha, em companhia de sua mãe, fazendo uma romanesca viagem por terra, a través de abysmos e acampamentos, ora temendo feras, ora tomando encruzilhadas ao alcance das balas inimigas. *

Tinha o poeta apenas dez annos de idade; e tão fortes foram as impressões extranhas que recebeu então o seu espirito transparente, que até nos seus ultimos livros ainda palpitam recordações vivas d'esse remoto período agitado da sua longa e extraordinaria existencia. **

« A minha infancia formou o meu talento, » diz elle. N'essa idade de deslumbramentos, uma viagem é um sonho extraordinario. Quem nos

Enfant, sur un tambour ma crèche fut posée.
 Dans un casque pour moi l'eau saint fut puisée.
 Un soldat, m'ombrageant d'un belliqueux faisceau,
 De quelque vieux lambeau d'une bannière usée
 Fit les langes de mon berceau.

** Je revins, rapportant de mes cours lointains
 Comme un vain faisceau de leurs incertaines.
 Je devais, comme si j'avais, durant mes jours,
 Rencontré sur mes pas les magiques fontaines
 Dont l'on onivre pour toujours.

Mes souvenirs germaient dans mon âme échauffée ;
 J'allais, chantant des vers d'une voix étouffée ;
 Et ma mère, en secret observant tous mes pas,
 Pleurait et souriait, disant : C'est une fée
 Qui lui parle, et qu'on ne voit pas !

(V. H.)

diz que o scenario luxuriante do paiz das andaluzas e dos árabes não passou-lhe pela mente ao cantar as suas primeiras *Odes et Ballades*, reaparecendo-lhe em todo o seu esplendor nas suas originalíssimas *Orientales*?

Quem nos diz que essas montanhas, que na aproximação da sua agonia foram agitadas violentamente por uns terremotos prolongados, não deram ao seu poderoso estylo essas hyperboles e essas antítheses de uma grandeza bíblica? Quem sabe si aquelle genio creador não deve ao calor e á luz meridional a intensidade de fulguração do seu estro potente e radioso?— « A formação das intelligencias é tão mysteriosa como a dos diamantes. »

Matriculou-se o futuro poeta em Madrid, no Seminario dos Nobres, foi pagem do rei José e regressou á França em 1813.

Pariz foi a cordilheira d'onde aquella aguia eterna levantou o vôo sobranceiro.

Só a capital do mundo podia servir de Thabor ás transfigurações do seu genio.

Estudava no collegio Decotte, quando a Academia Franceza deu para assumpto do seu premio annual, de poesia, o thema :—*Le bonheur*

que procure l'étude dans toutes les situations de la vie. Inscreveu-se o audaz menino n'esse concurso, commettendo a dupla imprudencia de accrescentar a uns versos irreprehensíveis * uma declaração de idade *impossível*. **

Esses sabios, *tão sabios*, na phrase ironica de Napoleão — o Unico, não contentes com a lição de Fulton, julgaram aquillo nova zombaria lançada á alvura de suas venerandas cans... e o premio foi dividido entre Lebrun e Saintine.

A *criança sublime*, da phrase prophetica de Chateaubriand, limitou-se a enviar-lhes simplesmente a sua certidão de idade.

Os classicos mestres, então, além de uma classica mensão honrosa, escreveram-lhe apuradas

Quand la fraîche rosée, au retour de l'aurore, .
Tromble encor sur le sein du lys qui vient d'éclorre,
Quand les oiseaux joyeux célèbrent par leurs chants
L'astre aux rayons dorés qui féconde nos champs,
Mon Virgile à la main, bocages verts et ombros,
Que j'aime à m'égarer sous vos paisibles ombres !
Que j'aime, on parcourant vos paisibles détours,
A pleurer sur Diden, à plaindre ses amours !
Là, mon âme tranquille et sans inquiétude,
S'ouvre avec plus d'ivresse au charme de l'étude ;
Là, mon cœur est plus tendre et sait mieux compatir
A des maux... que peut-être il doit un jour sentir !

** Moi qui, toujours fuyant les cités et les cours,
Do trois lustres à peine ai vu finir le cours...

cartas, cheias de enthusiasmos patrioticos e de textos latinos.

Foi esse o baptismo de fogo do heróe do pensamento. Nunca mais perdeu de vista a visão da gloria, que surprehendeu-o nos brincos infantis para seguil-o sempre. Tanto assim, que transformou-lhe os espinhos da sua corôa de genio — em raios de uma auréola eterna; a velhice n'uma apotheóse; o leito de morte n'um throno de immortalidade, o catafalco em arco de triumpho e o tumulo em altar!

*
*

Victor Hugo foi poeta, romancista, dramaturgo, historiador, philosopho, orador e politico.

Poeta — escreveu : *Odes et Ballades* (1818-1828); *Les Orientales*, (1829); *Les Feuilles d'Automne*, (1831); *Les Chants du Crépuscule*, (1835); *Les Voix Intérieures*, (1837); *Les Rayons et les Ombres*, (1840); *Les Châtiments*, (1853); *Les Contemplations*,

(1856); *La Légende des Siècles* (première série, 1859); *Les Chançons des Rues et des Bois*, (1865); *L'Année Terrible*, (1872); *La Légende des Siècles*, (nouvelle série, 1873); *L'Art d'être Grand-Père*, (1877); *Le Pape*, (1878); *La Pitié Suprême*, (1879); *Religions et Religion*, (1880); *L'Ane*, (1880); *Les Quatre Vents de l'Esprit*, (1881); *La Légende des Siècles* (dernière série, 1883).

Romancista :— *Han d'Islande*, (1823); *Bug-Jargal*, (1826); *Le Dernier Jour d'un condamné*, (1829); *Notre-Dame de Paris*, (1831); *Claude Gueux*, (1834); *Le Rhin*, (1842); *Les Misérables*, (1862); *Les Travailleurs de la Mer*, (1866); *L'Homme qui Rit*, (1869); *Quatre-vingt-Treize*, (1872).

Dramaturgo :— *Cromwell*, (1827); *Hernani*, (1830); *Marion de Lorme*, (1831); *Le Roi s'Amuse*, (1832); *Lucrèce Borgia*, (1833); *Marie Tudor*, (1833); *Angelo, Tyran de Padoue*, (1835); *La Esmeralda*, (1836); *Ruy Blas*, (1838); *Les Burgraves*, (1843); *Torquemada*, (1882).

Historiador :— *Napoléon le Petit*, em 1852 e *Histoire d'un Crime*, em 1877.

Philosopho:— *Littérature et Philosophie Mêlées*, em 1834 e *William Schakespeare*, em 1864.

Orador, o mais brilhante período da sua eloquencia está limitado de 1847 a 1851.

Político, teve a sagração do exílio; e n'esse character escreveu, não só muitas das obras já citadas, como também: *Avant l'Exil*, (1841-1851); *Pendant l'Exil*, (1852-1870); *Depuis l'Exil*, (1870-1876).

Diante do poeta, porém, desaparece o romancista; ao lado do romancista para o dramaturgo; por traz do dramaturgo fica o historiador; escondido no proprio poeta foi que se percebeu o philosopho; com o philosopho appareceu o orador, perdendo-se de vista o político.

Não vão pensar que eu tento fazer uma injustiça ao character do homem, fazendo sobresahir o genio do poeta. Não!. O que eu tenho em mente é procurar medir-lhe a estatura moral por todas as suas grandes manifestações. O que eu quero dizer é isto:

O romancista vê ao seu lado um Balzac e um Dumas; o dramaturgo não se sentiu muito á vontade, entrando com os seus personagens

na scena povoada pelas creações de Calderon e Schakespeare; o orador encontrou a tribuna ainda vibrante das phrases de Mirabeau e mais tarde illuminada pelo verbo faiscante de Castelar; o político conviveu com Thiers e teve conhecimento da existencia de um Cavour; o historiador não teve a intuição scientifica de Southey, nem se serviu dos processos modernos de Cesar Cantu, e o philosopho... foi compatriota e contemporaneo de Aug. Comte!

Ao passo que o poeta, que teve como rivaes — um Byron e um Lamartine, um Musset e um Longffelow, levou-os de vencida, mesmo aos de outros seculos, mesmo aos de todo o mundo: — desde Homero até Dante, de Dante até Camões, de Camões até Goethe, passando solitario ácima de todos elles!...

Bem sei que um só dos seus dramas, ou um só dos seus romances, era o sufficiente para immortalisal-o. Quero crer, mesmo, que si Hugo não pronunciasse aquelle celebre discurso de 13 de Junho de 1847, na camara dos Pares, a família do antigo rei de Westphalia não entraria mais na França... A sua influencia foi profunda tanto no mundo litterario como no

mundo político; mas é porque elle sempre apparecia como o maior de todos os poetas.

Além d'isso, como que tudo coincidiu para dar-lhe: aquelle prestígio de que só elle dispunha. Passar de um berço brazonado a receber ainda na escola os laureis da Academia; vêr-se aos vinte annos orphão e pobre, sacudido com violencia pelos ímpetos do genio e ainda mais violentamente batido pelos golpes rudes das privações; alcançar a estima e protecção de um rei e ver bem cedo o seu magnanimo protector descer do throno; bater-se com um déspota e ir expiar no exilio o crime da sua heroicidade; só voltar á patria — depois do seu inimigo inundal-a de sangue até á altura d'esse throno, que desapareceu com *elle*. eis o que se deu com Victor Hugo.

A verdade é que até em política foi sempre um visionario esse homem excepcional, que a princípio obedeceu á influencia fatal do *meio* em que elaborou, seguindo sempre de perto as evoluções do seu tempo, e que finalmente passou por cima de tudo isso, fluctuando á superficie dos acontecimentos políticos e litterarios e ultrapassando os limites da sua época.

Assim é que o legitimísta *da flor de lix* transforma-se em bonapartista, tão monarchista, que até escrevia *Buonaparte*, seguindo a moda dos adeptos do regímen derrocado pela Revolução franceza ; aceita uma pensão do rei Luiz Filippe ; applaude a intervenção franceza de 1823, que teve por fim restabelecer na Hespanha o regímen do absolutismo * ; pranteia a morte do príncipe duque de Berry **, celebra o nascimento e o baptismo do duque de Bordeus, conde de Chambord ; *** e declara-se finalmente

Oh ! quo la Royauté, peuplos, est douce et bello !
(V. H. — *La Guerre d'Espagne*)

**
Port au ciel tos clamours, ô peuplo désolé !
Tu l'as trop pou connu ; c'est à sa dornière houro
Quo le héros s'est révélé.
Pour consolor la veuve, aportoz l'orpholino ;
Donnez sa fille à Caroline,
La naturo oncore a ses droíts.
Mais, quand périt l'espoir d'un tigo féconde,
Qui pourra consoler, dans sa terreur profonde,
La Franco, vouve do ses rois ?

(V. H.)

O' joie ! ô triompho ! ô mystère !
Il ost né, l'enfant glorieux,
L'ange que promet à la terre
Um martyr partant pour los cioux !
L'événir voilé so révélo,
Salut à la flamme nouvollo
Qui ranime l'ancien flambeau !
Honneur à ta première aurore,
Au jeune lys qui vions d'écloro,
Tendre fleur qui sors d'un tomboau.

*

republicano, mas um republicano atheniense, desfraldando a *bandeira tricolor* ante a *bandeira vermelha*, batendo-se pela *Civilização* contra o *Terror*.

Fallei muito propositalmente do homem político, quando só devêra analysar o poeta; mas a minha admiração pelo Mestre é sem limites e vejo-o muito calumniado n'esse character. Ouçamol-o, para poder julgal-o por suas proprias palavras :

« Duas republicas são possíveis.

Uma supplantará a bandeira tricolor pela bandeira vermelha; abaterá a Columna para com o seu bronze cunhar moedas; derribará a estatua de Napoleão para substituil-a pela de Marat; destruirá o Instituto, a Escola Polytechnica e a Legião de Honra; accrescentará á augusta legenda: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, esta opção sinistra:— *ou a morte*; fará a banca-rota; aruinará os ricos sem enriquecer aos pobres; aniquillará o credito, que é a fortuna de todos, e o trabalho, que é o pão de cada um; abolirá a propriedade e a família; fará uma procissão conduzindo cabeças espetadas em lanças;

Honneur au rojeton qui deviendra la tige !
 Henri, nouveau Jeas, sauvé par un prodige,
 A l'ombro de l'autel creitra vainqueur du sort ;
 Un jour, de ses vertus notre France ombellie,
 A ses soours, comme Cornélie,
 Dira ; voilà mon fils, c'est mon plus beau trésor.

(V. H.)

atulhará as prisões por simples suspeitas e as esvaziará por meio do morticínio ; incendiará a Europa e reduzirá a civilização a cinzas ; fará da França a patria das trévas, estrangulará a liberdade, suffocará as artes, decapitará o pensamento, negará Deus ; tornará a pôr em movimento estas duas machinas fataes que sempre funcçionam juntas, a placa dos *assignados* e a lamina da guilhotina ; em uma palavra, fará friamente tudo o que, com ardor, fizeram os homens de 93 : e depois do horrível no grandioso, a que nossos pais assistiram, dar-nos-hão o monstruoso na pequenez.

A outra será a santa communhão de todos os francezes desde já e a de todos os povos, algum dia, no principio democratico ; fundará á liberdade sem usurpação e sem violencias e a igualdade, que admittirá o engrandecimento de cada um e a fraternidade, não a dos monges em convento, mas a dos homens livres ; fornecerá a todos a instrucção, assim como o sol fornece a luz, gratuitamente ; introduzirá a clemencia na lei penal e a conciliação na lei civil ; multiplicará os caminhos de ferro ; replantarás as florestas em uma parte do nosso territorio ; roteará a outra parte ; augmentará dez vezes o valor do sólo ; partirá d'este principio — que o homem deve começar pelo trabalho para acabar pela prosperidade ; assegurará portanto a propriedade como a representação do trabalho e o trabalho como elemento da propriedade futura ; respeitará o direito de testar, porque a herança nada mais representa do que a mão do pai estendida aos filhos atravez do tumulo ; combinará pacificamente, para resolvel-o, o glorioso problema do bem estar universal, do desenvolvimento das industrias, da sciencia, das artes, do pensamento ; proseguirá, sem sahir da realidade, do

possível e da verdade, na realisação serena de todos os grandes sonhos dos sabios; fundará o poder na propria base da liberdade, isto é, sobre o direito; subordinará a força á intelligencia; supprimirá os motins e as guerras, essas duas fórmãs da barbaría; fará da ordem a lei dos cidadãos e da paz a lei das nações; viverá e resplandecerá; engrandecerá a França, conquistará o mundo; será em uma palavra — o magestoso amplexo do genero humano sob os olhos de Deus satisfeito.

D'estas duas republicas a ultima chama-se Civilisação; a outra chama-se Terror.

Estou prompto a consagrar a minha vida para estabelecer a primeira e combater a segunda. »

Um republicano assim... pôde odiar um Napoleão III e um rei Guilherme, mas tambem pôde amar um Napoleão I e um Pedro II.

*
* *

Victor Hugo é o poeta que maior influencia exerce sobre a poesia brasileira.

Byron proporcionou ao Sr. conselheiro F Octaviano admiraveis traducções e inspirações;

Manifesto de Victor Hugo aos sessenta mil eleitores que deram-lhe os seus suffragios espontaneos, nas eleições do Sena, em 1848.

o seu estylo, perigoso e bello, palpita em todas as paginas de Alvares de Azevedo; o qual, por seguil-o tão de perto na voragem da gloria, pelos despenhadeiros do desalento e das utopias, com elle mergulhou repentinamente no Oceano do Mysterio, fluctuando o seu nome, como Ophelia engrinaldada, á superficie da corrente dos tempos.

Lamartine inspirou as mais bellas paginas das *Primaveras* de Casimiro de Abreu, foi interpretado por um brilhante grupo de poetas nacionaes, que figuram na collecção das *Lamartineanas*, destacando-se entre elles muitos nomes de que já se orgulha a nossa litteratura, como os de Bittencourt Sampaio, Pedro Luiz, Joaquim Serra, Franklin Doria, Almeida Braga, Trajano Galvão e Maciel Monteiro; não esquecendo a notavel traducção do seu *Jocelyn*, caprichosamente feita pelo Sr. Barão de Parana-piacaba.

Temos de Longfellow duas bellíssimas traducções, da *Evangelina*, uma (que tive occasião de ler entre outros manuscritos do Dr. Bittencourt Sampaio); outra, elegantemente impressa em um volume de 175 pp,

firmada pelo Sr. conselheiro Doria. Ha ainda uma outra, feita pelo Sr. Americo Lobo, em versos alexandrinos.

Temos do mesmo cantor americano ainda mais tres traducções, feitas pelo incansavel e primoroso poeta das *Flores sylvestres*, uma do poema *Hiawatha*, ainda inedita, outra da celebre poesia *O Relogio* (que foi paraphrazeadada pelo nossa poeta Alvarenga Peixoto), além dos sentidos *Poemas da Escravidão*, publicados em livro, em 1884.

A não ser a *Luva** e *O Sino*** de Schiller, fragmentos do *Fausto* de Goethe,*** e algumas poesias de Musset,**** só para Victor Hugo se têm voltado os poetas brasileiros.

Gonçalves Dias, Magalhães e Felix da Cunha inspiraram-se em mais de uma pagina das *Odes*

Vide o volume de *Versos de Pietro de Castellamare* (pseudonymo de JOAQUIM SERRA) e *Novos Ideaes* de MUCIO TEIXEIRA.

** Traducção de THEODORO DE MIRANDA.

*** *Vide* o *Fausto e Margarida*, poema-dramatico de MUCIO TEIXEIRA.

**** *Vide* o volume de *Versos de Flavio Reimar* (pseudonymo do Dr. Gentil Homem de ALMEIDA BRAGA).

et *Ballades* e das *Orientales*. O primeiro, além de traduzir litteralmente as duas poesias, que estão n'estas *Hugonianas*, de pp. 9 a 16, mesmo nas suas poesias originaes deixa transparecer fortes impressões de repetidas leituras.

Assim é que a *Rosa no Mar* tem a mesma fórma, repete muitas imagens e até reproduz as subtilezas de estylo da *Sara la Baigneuse*.

Magalhães copia versos inteiros das odes de Hugo á *Colonne* e à *l Arc de Triomphe*, na sua notavel poesia *Napoleão em Waterlão*. Felix da Cunha traduziu a *Canção da Maria Tudor* * inspirou-se no Victor Hugo de 1828 a 1840 e escreveu o drama *Victor* sob os moldes do *Hernani* e da *Marion de Lorme*.

Alvares de Azevedo, que tambem bebeu nos seus livros muitas inspirações, diz :

! Na minha sala tres retratos pendem :
Alli — Victor Hugo. Na larga fronte
Erguidos luzem os cabellos louros
Como c'rôa soberta. Homem sublime,
O poeta de Deus e amores puros
Que sonhou *Triboulet*, *Marion Delorme*,
E *Esmeralda* a Cigana.

Castro Alves, Pedro de Calasans, Tobias Barreto e Ramos da Costa, de todos os seus discípulos são os que mais se aproximam do Mestre. Castro Alves perpetuou a sua admiração na seguinte nota á poesia que tambem intitulou *As duas Ilhas* :

« Victor Hugo escreveu *As duas Ilhas* a Napoleão :

Ajaccio e Santa Helena — berço e tumulto do heróe — justificam o titulo dessa ode sublime.

Os presentes versos * têm por assumpto Jersey e Santa Helena, Hugo e Napoleão. — Duas enormes peanhas — para dois enormes vultos.

Ha não sei que semelhança nestes dois perfis (aliás

* Eis algumas estrophes d' *As duas Ilhas* de Castro Alves:

São dois marcos milliarjos
 Que Deus nas ondas plantou.
 Dois rochedos, onde o mundo
 Dois Promethous amarrou ! ...
 Acolá.. (Não tonhas medo !)
 E' Santa Helena — o rochedo
 Desse Titan quo foi rei !
 Alli... (Não feches os olhos !)
 Alli... aquelles abrolhos
 São a ilha de Jersey ! ...

São olles — os dois gigantes
 No seculo do pygmeus.
 São olles — quo a magostado
 Arrancam das mãos do Dous.
 — Esto concentra na fronte
 Mais astros que o horizonte,
 Mais luz — do que o sol lançou !...
 — Aquollo, na doxtra alçada
 Traz segura sua ospada,
 — Comota, que ao céu roubou !...

tão distintos) que o espirito do pensador os reune numa fraternidade lógica.

Parece que, si Hugo tivesse sido guerreiro, chamarse-hia Napoleão; e que o heróe de Austerlitz — poeta, escreveria *Lucrecia Borgia*. E depois serem genios não é serem irmãos? E depois não é predestinação esta confraternidade de exilio? estes dois postes? estes do's mares? estas duas solidões? A Europa os irmanou, arrojando-os do continente... a estes dois leprosos... de divindade.»

Pedro de Calasans consagra-lhe inspiradas estrophes nas suas *Ultimas Paginas*, de que dou aqui apenas estes fragmentos, onde o nosso poeta (em 1858) escreveu versos propheticos:

«.....»

Mimoso cantor do Sena,
 Não vês ao longe o porvir?
 Que importa o rugir da hyena,
 De um féro tigre o rugir?!

E olham os velhos rochedos
 O Sena, que dorme além...
 E a França, que ontro caligem
 Dorme em sudario tambem...
 E o mar perguntta ospantado:
 — Foi devéras desterrado
 Bonaparte — mou irmão?...
 Diz o céo, astros chorando:
 — E Hugo? — E o mundo, pasmando,
 Diz: — Hugol... Napoleão l...—

.....»

Espumas Fluctuantes.

O povo te adora em pasmo,
 Já no ardor do entusiasmo
 Tuas glórias consagrou!
 Genio da França, o teu nome
 Com seus clarins o renome
 Pelo mundo apregooou

.....

Que a França inteira se levante prestes
 Do abatimento, dos crueis afans,
 E esmague o verme que profana as vestes,
 Que honraram os Orleans!

E quando a aurora festejar o povo,
 A doce aurora de um melhor porvir,
 Á patria volta... existirás de novo,
 Vendo a patria existir! »

Tobias Barreto diz :

... á noite, quando medito,
 Quando as lagrimas enxugo
 No fogo de um verso de Hugo,
 Mais duravel que um trophéo !.. »

Ramos da Costa, que toma sómente versos
 de Victor Hugo para epígraphes de *todas* as suas
 poesias sociaes, diz, n'uma das vigorosas deci-
 mas da *Voç do Seculo*, que a liberdade é

— « Noiva de Franklin e de Hugo ! —

O proprio Casimiro de Abreu, que parece voltar-se de todo para Lamartine, de quem, não obstante, nunca traduziu nem um verso, enleva-se tanto nos livros de Hugo, que— inconscientemente— decora-lhe uma poesia inteira, recita-a, repete-a, tradul-a e apresenta-a como original, não só quando enviou-a á redacção da *Illustração Luso-Brazileira*, como também quando incluíu-a entre as flores das suas *Primaveras* *

Perdõem-me os Srs. Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas, Joaquim Norberto e demais criticos nacionaes e estrangeiros, que nas repetidas edições das *Primaveras* tanto têm esmiuçado os erros e bellezas do suavíssimo poeta brasileiro, si assignalo esta grave falta, que tem passado incólume por tantas edições *correctas e augmentadas*, parecendo zombar da perspicacia de Suas Excellencias.

Além dos illustres traductores que firmam as mais bellas paginas d'este livro, não ha poeta notavel, tanto no Brazil como em Portugal, que

Hugonianas, pp. 17 e 18. Vide a 5ª edição das *Obras completas de Casimiro de Abreu*, p. 257.

não veja em Victor Hugo o ponto culminante do pensamento ; e a prova d'isto é que os dois primeiros poetas portuguezes d'este seculo, o cantor do *Bispo* e o cantor da *Morte de D. João*, curvam-se ambos deslumbrados diante do poderoso artista das *Orientaes*.

Guilherme Braga escreve *sobre um livro de Victor Hugo*:

« Quando, á noite, o suor da minha fronte enxugo,
E aos livros vou pedir um instante de paz,
Não sei que extranho ardor, se leio Victor Hugo,
O auctor das *Orientaes* ao coração me traz.

Brilha uma nova luz n'aquelle novo estylo !
Ora, é Napoleão calcando o mundo aos pés,
Ora, manso a boiar sobre as aguas do Nilo,
Como um nevado cysne, o berço de Moysés...

Ás vezes mesmo eu chego a murmurar de susto
Pensando que no livro, onde leio a estudar,
Uma aguia levanta o seu vôo robusto
Dos antros d'um vulcão que vejo rebentar. »

Guerra Junqueiro escreve a Fernando Leal,
desculpando-se por não haver cumprido a

promessa feita ao insigne traductor da *Légende des Siècles*, de consagrar uma ode ao Mestre:

« Cantar Victor Hugo neste momento é um impossível. Era o mesmo que se me convidasse a escalar o Himalaya. Não tenho pernas nem pulmões. Uma ode a Victor Hugo deve ser de uma altura, de uma elevação vertiginosa, para que, ao menos, lhè possa dar... pelos joelhos. Offerecer uma violeta a um roble é comico. Cantar um trovão com um assobio!... que ridiculo! Pois que! havia de eu dizer ao Oceano — toma lá uma lagrima!? Queria você que eu prendesse á aza titanica do vendaval, com uma fitinha azul, uma carta de namoro! Para cantar o homem que fez cahir o Imperio, era necessario a trombeta que fez cahir Jericó.

Pegue você n'uma tonelada de bronze de canhões, já acostumado a rugir, funda-o n'um clarim monstruoso; diga á tempestade — Sopra-lhe! — e terá você o primeiro verso da ode de Victor Hugo.

Arranje em seguida outra tonelada de ouro, derreta-o em outro clarim: diga a uma alvorada deslumbrante — Sobre-lhe! — e terá você o segundo verso do poema.

Finalmente diga ao mesmo tempo a cem crianças : — Ride ! — a cem cotovias : — cantae ! — a cem estrellas d'alva : — brilhae ! — e terá você o terceiro e ultimo verso da epopéa .

Organize no alto do Sinai um terceto em que o tenor seja Izaías, o barytono Homero e a contralto Venus, com os cabellos de ouro ainda orvalhados pela musselina alvíssima das ondas do mar da Jonia — terá você um côro olympico digno do auctor dos *Châtiments*, do *Satyro* e das *Canções das ruas e dos bosques*. »

*
* *

Nenhum homem pugnou tanto em prol do direito e da justiça, como esse constante defensor dos opprimidos de todas as nações. Não é de estranhar, pois, que reis e povos attendessem-no e venerassem-no. Foi justo que corôassem os seus ultimos annos de benções e de apothéoses.

Suas cartas a todos os soberanos do mundo

eram promptamente attendidas; seu apparecimento em publico — uma provocação de applausos; as edições de suas obras multiplicavam-se, reproduzidas em diversas linguas; os príncipes de varios paizes não passavam por Pariz sem vê-lo; os velhos illustres orgulhavam-se de terem-lhe apertado a mão e as mãis ensinavam a seus filhinhos esse nome que enche todo o seculo!

Elle era o enviado extraordinario da posteridade, apresentando as suas credenciaes ao mundo!

De-Amicis, notavel crítico italiano, que de passagem por Pariz teve a ventura de estar duas vezes em presença de Victor Hugo, diz:

« Ha um escriptor em França que nestes ultimos annos se tem elevado a um tal grau de gloria e de influencia que nenhuma ambição litteraria póde sonhar jámais subir tão alto.

Era já celebre ha cincoenta annos quando Alex. Dumas dizia aos seus amigos, fallando delle, *Nous sommes tous flambés*,— e mais não tinha ouvido senão o drama *Marion Delorme*.

Seu nome e suas obras são conhecidos em

toda a terra. De cada novo livro desaparecem em poucos dias cem mil exemplares.

Os seus trabalhos da mocidade são ainda hoje procurados, como quando annunciaram pela primeira vez o seu nome á Europa.

São cheios de juventude e de vida todos os seus cincoenta volumes, como se sahisses á luz todos juntos ha poucos annos.

Nenhum outro escriptor do seu tempo foi mais guerreado do que elle, e nenhum se sentou, depois de velho, sobre um pedestal mais alto de despojos inimigos.

Sahiram-lhe ao caminho phalanges de adversarios furiosos; elle passou, e estes desappareceram.

Não houve prova, por que não passasse : foi pobre, foi perseguido, foi proscripto, sósinho, vagabundo, vituperado, escarnecido ; mas continuou impassivel, com prodigiosa obstinação, o seu enorme trabalho.

Nos momentos em que parecia extenuado, levantava-se de repente com obras cheias de novas forças e de novas promessas.

Na tribuna, no theatro, na patria, no exilio, na poesia, na critica, em moço e depois de

septuagenario foi sempre igualmente audaz, obstinado, descomedido, provocador, aspero, furioso, selvagem.

Suscitou exercitos de inimigos, mas levou exercitos atraz de si.

Calam-se os seus mais acerrimos inimigos litterarios de outro tempo; e se os seus mais encarniçados adversarios politicos atacam o republicano, respeitam comtudo o poeta.

.. aquelles, que combatem as suas ideias, enthusiasmam-se com a sua fórmula; os que não admiram nenhuma das suas obras em separado, admiram e exaltam a vastidão grandiosa do edificio que formam todas juntas; ninguem lhe contesta o genio; ninguem, fallando delle com estrangeiros, se mostra indifferente ou hostile ás homenagens que estes lhe rendem; e até os proprios que o odeiam, as ouvem com orgulho.

Chegou ao ponto culminante da gloria, para além do qual se não pôde subir mais senão morrendo.

A sua casa é como um paço de reis.»

De-Amicis, porém, esqueceu que Victor Hugo foi tambem apedrejado. Sendo este facto

um dos mais notaveis da sua vida, não posso deixal-o aqui em silencio.

Foi a 20 de Maio de 1871 — Sempre o fatal mez de Maio !. Ouçamos o proprio Victor Hugo :

«Um homem, um avô, com uma joven mãe de duas criancinhas, habitava na casa n. 3 da praça das Barricadas ;... já não era qualificado de *antigo par de França*, mas de *antigo proscripto* ; promoção devida ao cumprimento do dever.

Estava de lucto esse homem. Acabava de perder o filho. Bruxellas conhecia-o por vê-lo passar nas ruas, sempre só, a cabeça inclinada, phantasma negro de cabellos brancos... N'esse dia, elle fizera pela manhã uma cousa fraternal.

O governo belga annunciara na vespera, nas camaras, que recusava asylo aos fugitivos de Pariz. Vendo isto, o solitario decidira offerecer aos vencidos o lar do exilado. E por uma carta publicada n'esse dia, declarava que, considerando serem fechadas todas as portas aos fugitivos, a casa delle ser-lhes-ia patente, que podiam apresentar-se lá, onde seriam bem-vindos, que lhes offerencia tanta inviolabilidade

quanta para si possuía, que ahi ninguém lhes tocaria sem principiarem primeiro pelo dono d'ella, que associava a sua sorte á d'elles, e que ou estaria em perigo com elles, ou elles estariam consigo em segurança.

chegada a noite, depois do seu costumado passeio solitario, de meditação e de trabalho, entrou em casa. Todos se haviam deitado já. Pensou nas crianças, nos opprimidos, nos desesperados, nos supplicantes. . . Escreveu algumas palavras, alguns versos, despiu-se scismador, pensou com piedade nos vencedores e nos vencidos, e, em paz com Deus, adormeceu.

Foi bruscamente despertado. Atravez dos profundos sonhos do primeiro somno, ouviu tocar a campainha; ergueu-se. Uma lampada esclarecia o quarto. Houve segundo toque de campainha. . . Enfiou uns calções, sapatos, um roupão, foi á janella e abriu-a.

A praça estava sem luz: elle tinha ainda nos olhos a perturbação do somno; só via a obscuridade e perguntou:— Quem está ahi? — Uma voz muito baixa, mas distincta, respondeu: Dombrowski.— Era o nome de um dos vencidos de Pariz. Os jornaes annunciaram, uns

que elle fôra fuzilado, outros que tinha fugido.

O proscrito não hesitou e disse para si: Vou descer e abrir-lhe a porta. Quando ia fechar a janella uma grande pedra, lançada com força, bateu na parede ao lado da cabeça. Surprehendido, olhou. Um formigueiro de vagas formas humanas, que a principio não lobrigara, enchia o fundo da praça. Então comprehendeu. Recordou-se de que na vespera lhe haviam dito:— Não publique essa carta, si o fizer será assassinado.

Outra pedra mais certa quebrou a vidraça por cima da cabeça, cobrindo-lh'a com fragmentos de vidro, que o não feriram. Era o segundo aviso... Debruçou-se sobre a praça, o formigueiro de sombras aproximou-se, amontoando-se debaixo da janella; disse com voz alta a essa multidão:— *Sois uns miseraveis!*

E fechou a janella. Ergueram-se então gritos freneticos:— *Moi ra! A' forza! A' forza! Morra o bandido!*— Viu que o *bandido* era elle. Prevendo que essa hora podia ser para elle a ultima, olhou para o relógio. Era meia hora depois da meia noite. Resumamos. Houve um assalto

furioso... Imagine-se essa doce casa adormecida e esse despertar medonho.

As mulheres levantaram-se sobresaltadas, as crianças tiveram medo, as pedras choviam, o estrepito dos vidros e espelhos quebrados era inexplicavel. Ouvia-se este grito : — *Morra ! Morra !*

O assalto repetiu-se tres vezes e durou sete quartos de hora, da meia hora ás duas e um quarto. Mais de quinhentas pedras foram lançadas dentro do aposento; uma saraivada de seixos cahia sobre o leito, ponto de mira d'esta lapidação. A grande janella foi mettida dentro; as grades do respiradouro do corredor da entrada ficaram torcidas; no quarto, paredes, tecto, soalho, moveis, cristaes, porcelanas, cortinas arrancadas pelas pedras; um recínto esburacado pela metralha. Tentaram por tres vezes fazer a escalada e ouviam-se vozes gritando : *Uma escada !* Esforçaram-se por arrombar a casa, mas não puderam deslocar a chapa de ferro das bandeiras da janella do rez do chão.

Quiseram tirar a porta dos gonzos, houve um grosso ferrolho que resistiu. Uma das crianças,

a menina, estava doente; chorava, o avô tomara-a nos braços; uma pedra atirada ao avô passou perto da cabeça da criança. As mulheres rezavam; a joven mãe, corajosa, em cima das vidraças d'uma estufa chamava por socorro; mas ao redor da casa em perigo era profunda a surdez, surdez de terror, de cumplicidade talvez.

As mulheres resolveram deitar as crianças assustadas nos berços, e o avô sentado ao pé d'ellas tinha-lhes as mãos nas d'elle; a mais velha, um rapazinho, que se recordava do cerco de Pariz, dizia á meia voz, escutando o tumulto selvagem do ataque: — *É os prussianos!*... Durante duas horas os gritos de morte foram engrossando, uma multidão desvairada agglomerara-se na praça. Afinal só houve um clamor unico: — *Arrombemos a porta!*

Pouco depois d'este grito ser dado, n'uma rua vizinha, dois homens, trazendo uma grande trave, propria para abater as portas das casas sitiadas, dirigiram-se para a praça das Barricadas, vagamente entrevistos, como n'um crepusculo da Floresta negra.

Mas, ao mesmo tempo que a trave, chegava

o sol; o dia levantou-se. O dia é um grande olhar para certas acções; o bando dispersou. Estas fugas de aves da noite fazem parte da aurora. »

*
* *

A 22 de Maio de 1878 (22 de Maio.. singular coincidência!) recebeu Victor Hugo em sua casa, em Pariz, o Imperador do Brazil.

A 22 de Maio de 1885, pouco depois de chegar-nos pelo telegrapho a tremenda notícia do trespasso do poeta, fui á quinta de S. Christovão.

Tive a honra de fallar á Sua Magestade, que mostrou-se profundamente sentido; o Senhor D. Pedro de Alcantara se dignou fallar-me de Victor Hugo, como si fallasse de um velho amigo; é que antes e depois das duas visitas que o soberano fez ao genio, por muitas e muitas vezes o espirito do monarcha se communicára com o do poeta, por intermedio de suas obras.

Sua Magestade o Imperador conserva entre os livros da sua predilecção o volume das *Orientalés* e o da *Notre-Dame*, que lhe foram offerecidos pelo poeta.

Essa dedicatória é de uma simplicidade eloquente :

A D. Pedro de Alcantara

Victor Hugo.

O Sr. D. Pedro II demorou-se apenas duas horas em casa de Victor Hugo, na primeira visita ; mas o poeta instou com Sua Magestade para que não se retirasse sem lhe prometter voltar dentro de poucos dias.

Assim aconteceu ; o Imperador voltou á casa de Victor Hugo, onde se demorou das 8 horas até depois da meia noite.

O poeta tinha sahido á tarde e só voltou ás 8 1/2 da noite. Sua Magestade foi recebido pela Sra. Lockroy, Srs. Lockroy e Vacquerie, apparecendo em seguida Joanna e Jorge.

Os netinhos de Victor Hugo eram ainda pequenos; Sua Magestade abraçou-os carinhosamente, beijou Joanna e ainda hoje falla com carinho d'essas duas encantadoras crianças, de uma discrição surprehendente, que apenas respondiam ao que se lhes perguntava, mas com promptidão e discernimento.

Assim que Victor Hugo chegou, passaram todos para a sala de jantar, sentando-se Sua Magestade ao lado do poeta, que occupou o seu logar habitual.

Deixaram de apparecer n'essa noite alguns amigos íntimos da casa e notaveis homens de letras; que o poeta esperava poder apresentar á Sua Magestade; mas ainda assim correram as horas em animada palestra.

As phrases, tanto do Imperador como de Victor Hugo, foram todas de momento; sendo os galanteios, citados no livro intitulado — *Victor Hugo chez lui*, meras hypotheses do espirituoso escriptor...

Pedindo eu á Sua Magestade para que se dignasse de honrar este volume com alguma traducção de seu estro, o Sr. D. Pedro II, que por motivos alheios á sua vontade não

corresponde ao meu desejo, autorizou-me a declarar que, além da estima pessoal que lhe merecia Victor Hugo, é grande a sua admiração pelo poeta das *Orientales* e da *Notre-Dame*.

Foram essas, nomeadamente, as obras que deram ao poeta uma cadeira entre os immortaes :— o livro de versos da sua juventude e a estupenda cathedral... sem Deus! —

*
* *

Victor Hugo teve uma mocidade tempestuosa, passando por cima de todos os preconceitos do seu tempo e arrojando-se sobre os maiores obstaculos, para realizar as mais ligeiras phantasias. Si o coração humano fosse a séde das paixões, o d'elle podia ser comparado á salamandra — que passa incólume pelas labarêdas. Suas paixões, porém, apenas passavam-lhe pelo cerebro, com a intensidade na razão directa da rapidez com que se inflammavam.

Eram verdadeiras erupções vulcanicas, irrompendo a um olhar para se extinguir a um beijo.

Todas as mulheres a quem elle jurou amar muito, convenceram-se finalmente de que elle sómente sabia amar... muitas. Nasceu para amar; muito ou a muitas, pouco importa: a questão é amar.

« Por dois motivos, diz elle, fitaes uma estrella: por ella ser luminosa e por ser impene-travel. Descei, porém, a vista e vereis junto a vós uma luz mais branda e um mysterio mais indecifravel — a mulher.

Todos nós, quem quer que sejamos, temos os nossos entes respiraveis. Si elles nos faltam, falta-nos o ar, suffocamos. Então é certa a morte. Morrer por falta de amor... Oh! que terrível morte! É a asphyxia da alma!

Si sois pedra — sede íman; si sois flor — sede sensitiva; si sois homem — sede amor

O amor é insaciavel. Dai-lhe a felicidade, pede-vos o paraíso; dai-lhe o paraíso, pede-vos o céu.»

Victor Hugo amou sempre; começou por amar as mulheres e acabou por amar as crianças.

Passou dos mais voluptuosos extasis aos mais sublimes extremos.

Depois de povoar de deusas o Olympo — ao sol da sua mocidade, povoou de anjos o céu — ao luar da sua velhice. Passou de loucuras pagans a deslumbramentos sagrados.

Dizem os que tiveram a ventura de conhecê-lo de perto, que a sua aproximação em nada lhe diminuía a grandeza. Pelo contrario, era adoravel na intimidade! Ás vezes, os seus netinhos chegavam a rir se das infantilidades do avô. É que esse leão tinha azas de passarinho e coração de mulher.

Joanna, quando aquella mão poderosa tremia nos seus cabellos louros, repetia-lhe o seu formoso verso do *Hernani*:

« Vous êtes mon lion superbe et généreux ! »

O extraordinario poeta, além d'essas carícias leoninas, tinha excentricidades curiosíssimas e os habitos mais burguezes d'este mundo.

Acordava invariavelmente ás cinco horas da manhã, mettia-se no banho frio, almoçava,

passeiava então pelo jardim, ou percorria algumas ruas de Pariz no alto de um omnibus. *

Nunca admittiu piano em sua casa e nunca usou chapéo de chuva.

Escrevia em pé; não fumava; e todo o alcool que ingeriu em sua vida, dizia elle, que não enchia um copo de vinho.

Só conservou a barba depois que ficou branca. Dizia seu antigo barbeiro que fazer-lh'a dava mais trabalho que a de qualquer outro homem, porque cada bulbo pilloso continha tres pellos em vez de um.

Só uzava dos vinhos de Saint-Emilion e Madeira. Quasi só lia alfarrabios. Era muito amigo de Flaubert, mas nunca lêra-lhe uma linha. De George Sand apenas lêra um romance -- *La Marquise*, e ha muito tempo.

A sua vista era tão fina que, segundo Planche, era capaz de, estando na torre de Notre-Dame, conhecer um amigo na rua.

* Estas informações, publicadas ultimamente pelas folhas de Pariz, têm sido transcriptas em quasi todos os jornaes do imperio. Ainda assim, creio que devem ser consignadas aqui.

Explicando o motivo por que escrevêra a celebre resposta de Cambronne nos *Miseraveis*, disse a um amigo: — «Meu livro é consagrado a todos os miseraveis e entre as palavras o miseravel era aquella.»

*
* *

A casa onde o poeta viveu nos ultimos quatro annos e de onde passou para o Panthéon, com escala pelo Arco do Triumpho, está situada na Avenida Eylau (hoje *Avenue Victor Hugo*), n. 50. É um modesto edificio de dois andares, com jardim na frente; ahi recebeu elle a apotheóse de Pariz, no dia em que completou 80 annos.

Desde que as folhas de Pariz deram notícia da gravidade do seu estado, a multidão acercou-se do edificio, enchendo a Avenida Eylau e povoando as ruas proximas, não obstante a chuva que cahia e o vento que soprava rijo. A imprensa distribuía boletins consecutivos e o

telegrapho não se occupou mais de outro assumpto.

N'esse mesmo dia Monsenhor Freppel foi á casa do illustre enfermo e na vespera do dia fatal Mme. Lockroy recebeu esta notavel carta:

« *Arcebisado de Pariz.*

« Pariz, 21 de Maio de 1885.

« Minha senhora. — Tomo o mais vivo interesse pelos soffrimentos de Victor Hugo e pelos sustos de sua família. Já rezei no Santo sacrificio da missa pelo illustre doente. Si elle tiver o desejo de ver um ministro da nossa santa religião, ainda que eu mesmo esteja fraco e em convalescença de uma doença identica á sua, seria para mim um dever bem agradavel o de ir levar-lhe os soccorros e as consolações de que sempre se precisa tanto n'estes momentos.

« Queira acceitar, minha senhora, a homenagem dos meus sentimentos de muito respeito e de muita dedicação.

« † *J. Hipp. Cardeal Guibert,*

« *Arcebispo de Pariz,* »

Eduardo Lockroy respondeu-lhe nos seguintes termos:

« Pariz, 21 de Maio de 1885.

« Sr. Arcebispo de Pariz.— Mme. Lockroy, que não pôde abandonar o leito de seu sogro, pede-me para lhe agradecer os sentimentos que lhe exprimiu de um modo tão eloquent e tão benevolo.

« Quanto a Victor Hugo, elle declarou ainda estes dias que não queria ser assistido durante a sua doença por nenhum sacerdote de nenhum culto. Faltaríamos a todos os nossos deveres si não respeitassemos a sua vontade.

« Queira acceitar, senhor Arcebispo de Pariz, a expressão dos meus muito respeitosos sentimentos.

« *Eduardo Lockroy,*

« *Deputado de Pariz.* »

A familia do enfermo recebia telegrammas de toda a parte do mundo e entre elles mais de um do Imperador do Brazil.

A affluencia de povo augmentou extraordinariamente na madrugada de 22 (do fatal mez de Maio, que n'um dia 5 arrebatou Napoleão, o Grande! e no dia 22 Victor Hugo, o Maior), quando os medicos assistentes declararam pelas folhas de mais circulação ser desesperador o estado do poeta.

Às 11 horas da manhã, M. Vacquerie communicou a mais de cincuenta *reporters*, reunidos na sala de entrada, que Victor Hugo estava na agonia : uma agonia prolongada, sem gemidos e sem convulsões.

A uma e meia da tarde o dramaturgo V Sardou appareceu á porta e exclamou, soluçando : « Morreu Victor Hugo ! *Le maitre est mort !* »

A tremenda phrase foi repetida pela multidão em prantos, circulou rapidamente Pariz e dentro de poucas horas era transmittida pelo telegrapho a todo o mundo.

A multidão crescia cada vez mais ; livros de inscripção, abertos sobre mesas collocadas á frente da casa, ficaram cheios de assignaturas em pouco tempo, sendo logo substituidos por outros, inscrevendo-se n'um d'elles o presidente

da Republica. O Senado suspendeu a sessão ; o mesmo fez o conselho municipal, inscrevendo-se todos os seus membros no registro de pesames.

Ao mesmo tempo que Pariz curvava-se diante do grande morto, as grandes capitaes da Europa e da America acompanhavam-no em sua dor e nas suas homenagens.

Eis uns trechos da descripção feita por uma das testemunhas da agonia do homem-ídolo :

« Duas ou tres vezes, n'essa noite, Victor Hugo recuperou inteiramente as suas faculdades, com alternativas de socego e de oppressão :— os seus olhos fallavam. De manhã, ao romper do dia, murmurou :— « *Adeus, Joanna!* » — depois, fez signal á Sra. Lockroy para se approximar ; puxou-a para si e beijou-lhe a mão. Voltou-lhe o dilírio, recahiu sobre a cama e repetiu-se a lucta contra a morte ; defendia-se contra ella, resistia com a força de um homem em toda a sua plenitude da mocidade. Que horrível espectáculo !

N'um momento de tregua, abraçou Jorge ; depois, por volta das sete, ouvimos-o pronunciar

muito distinctamente esta palavra :— «*Separação*».

Por volta das oito e meia entraram os Drs. Vulpian e Germain Sée. N'esse momento já Victor Hugo não respirava senão aos solavancos, com vivas e profundas inspirações, que ás vezes cessavam bruscamente. Vinte vezes o julgámos morto. Mas o pulso batia ainda, tornando-se cada vez mais fraco, emquanto que a respiração era menos ruidosa ; o rosto conservava-se contrahido.

Novos amigos chegaram ; todos entraram para o quarto, aguardando o horrível desfecho.

Victor Hugo levantava a cabeça, depois tornava a cahir. — ... Morto !

Era 1 hora e 27 minutos. Um de nós, que approximara-se do relógio Luiz XVI collocado sobre o fogão, fel-o parar

.....

Assim que Victor Hugo morreu, os amigos da Sra. Lockroy, que se achavam na casa, desceram ao jardim ; a Sra. Ménard-Dorian quiz que todas as flores do jardim fossem colhidas ; fez-se com ellas grandes ramos, que foram depositados sobre o leito. A physionomia do poeta

recuperava toda a sua harmonia e socego ; parecia dormir. » *

*
* *

A casa de Victor Hugo continuou a ser o templo de uma romaria, desde 22 até 31 de Maio, dia em que o corpo do poeta, foi transportado para o Arco do Triumpho, ás 7 horas da manhã.

Doze poetas fizeram a guarda de honra ao cadaver até á hora dos funeraes.

A multidão apinhava as ruas e as praças, circulando por toda a parte vendedores de medalhas e de retratos de Victor Hugo.

Diz o redactor parisiense da *Gazeta de Noticias* :

« o espectaculo era impõnente. A

Pouco depois chegou o escultor Dalou, que fez, em gesso, o busto do poeta, e em seguida Nadar e Bonnat, que o retratarem, o primeiro na chapa photographica e o segundo na tãla.

O corpo foi embalsamado no dia 23, ás 5 horas da tarde. A operação durou hora e meia ; não lhe tiraram sangue algum e injectaram-lhe pelas cárotidas cerca de tres litros de chlorato de zinco. Julgam os medicos que o corpo pôde estar assim conservado 15 annos.

immensa praça (da Estrella), bordada de uma fila cerrada de soldados em grande uniforme, estava deserta. Ao centro erguia-se o Arco, protegendo o enorme catafalco, magestoso na pureza dos seus contornos e na gravidade das suas decorações, todo rodeado de corôas e de ramos. Em volta do Arco tinham-se construído tribunas, e alli, em todo o brilho dos uniformes, via-se o corpo diplomatico, a camara, o senado, a municipalidade, o estado-maior de Pariz — e depois, as celebridades litterarias, artísticas e scientificas, a Academia ou antes o Instituto de França em peso, — aqui e alli as fardas dos ministros, os costumes brilhantes dos juizes e dos advogados, uma ou outra physionomia celebre que se vê de passagem : Renan, Augier, Lecomte de Lisle, Rochefort, Daudet, Zola, Pasteur, Alex. Dumas, Sardou, — tudo quanto em Pariz tem um nome, uma posição brilhante, uma farda digna de se mostrar . . .

Nos predios distantes que bordam a praça viam-se massas humanas em equilíbrios difficeis sobre os telhados, sobre os balcões, e os mais arrojados chegavam a trepar para as chaminés em risco da propria vida. Era uma

verdadeira loucura, esta agglomeração de gente que desejava assistir a este enterro sem precedentes. Armaram-se estrados cujos logares se pagavam a 50 francos. N'uma casa dos Campos Elyseus que um incendio reduziu a ruínas e que ha tres annos está para ser construída — havia ás janellas mais de 200 pessôas que pagaram os seus logares a 30 francos cada um.

.. chegam nas carruagens, precedidas de couraceiros, o ministerio, a mesa da camara e do senado, o corpo diplomatico, a municipalidade de Pariz. Em toda a praça reluz o ouro e a prata dos milhares de uniformes. E voltado para os Campos-Elyseus vê-se no meio d'aquella magestosa solemnidade, o triste e humilde carro dos pobres, * puxado por dois cavallo, onde ha de ser posto o caixão do poeta. O cocheiro chama-se Provost. N'aquelle carro já foi conduzido Jules Vallés. E aquelle cocheiro já conduziu os enterros de Vallés, de Gambetta de Luiz Blanc, de Thiers.

Pronunciados os discursos, põe-se em marcha

Vide o testamento de Victor Hugo, no final d'este prefacio.

o cortejo. É a imprensa de Pariz e do estrangeiro que vai á frente, apenas precedida de um esquadrão de couraceiros e do batalhão escolar. Atraz da imprensa vem o carro mortuario onde se vê apenas duas pequeninas coroas de rosas brancas postas sobre o caixão pela mão de Jorge e Joanna Hugo, os netos do poeta. Atraz d'estes segue a família, depois os amigos particulares do poeta, depois o immenso cortejo, todo salpicado de corôas monstruosas, cortejo formado por mais de 300 mil pessôas, atravessando uma multidão de mais de um milhão de indivíduos.

O que foi este enterro ; o que foram estes applausos : o que foi este enthusiasmo ; o que foi este triumpho ninguem o saberá dizer. Vê-se mas não se conta ; admira-se, mas não se descreve. É insignificante uma penna, é insignificante um lapis. Não ha palavras para descrever este cortejo, para pintar esta multidão. Só Emilio Zola será capaz de deixar uma pagina eloquente do que foi este dia, unico na historia dos povos ; o que foi esta apotheose, unica na historia dos genios.

Quando o carro funebre passava, dir-se-ia

um carro triumphal, — o luto transformando-se em alegria, os olhos arrazados de lagrimas, mas de todos os peitos sahindo gritos de victoria, gritos de gloria, gritos de enthusiasmo, diante d'este sagrado corpo que representava a suprema conquista da intelligencia !

E não eram só gritos de triumpho á passagem do caixão — eram tambem applausos enthusias-ticos para todas as corporações, especialmente para a imprensa que a multidão acclamava delirante . .

No Panthéon, novamente discursos. O desfilar de todas as corporações levou cerca de cinco horas. As corôas foram collocadas nos degraus do templo que em menos de uma hora ficou coberto de flôres. Entre as corôas que possam interessar os meus leitores encontrei *uma* da colonia franceza do Rio de Janeiro, que foi immensamente applaudida em todo o transito, e que era realmente magnífica ; *outra*, aquella a que já me referi, (a da *Gazeta*), uma da redacção do *Paiç* ; e *outra*, do Dr. Lopes Trovão, em nome do Club Republicano Tiradentes.

O logar que me tinha sido offerecido por Th. Jourde, permittiu-me entrar no Panthéon.

Todos os symbolos religiosos tinham desapparecido. O edificio estava coberto de pannos de luto. Pude entrar no subterraneo, aproximar-me do logar onde ficou o caixão do poeta. Fica á esquerda do tumulo de Soufflot, o architecto do Pantheon, e em frente do tumulo de João Jacques Rousseau.

O enterro só terminou ás 7 horas da tarde. Pela volta das dez, nos restaurantes cheios, só se ouvia abrir garrafas de Champagne — e os copos tocavam-se e as lagrimas nos olhos, bebia-se com enthusiasmo—á Posteridade de Victor Hugo, ao seu Genio, á sua deslumbrante Apotheose!... » *

*
* *

Victor Hugo, que aos trinta annos ainda era pobre, tão pobre que chegou a passar privações, deixa uma fortuna superior a dois mil contos, ganhos legitimamente, pela penna.

* M. Pina—*Gazeta de Notícias* de 25 de Junho de 1885.

Os seus primeiros volumes de versos deram-lhe muita gloria, mas pouco dinheiro. As suas peças de theatro davam muitos enthusiasmos aos actores, mas davam pouco que fazer ao bilheteiro das emprezas que as montavam.

Han d'Islandia, vendido por mil francos, foi o dote de sua esposa, encantadora menina de 15 annos, com quem casou— por amor ; « Este livro, diz Th. Braga, * é considerado como uma série de quadros allegoricos da situação dos dois amantes, cujo casamento realizou-se apezar de todos os conflictos de familia que o embaraçavam. . . »

— O primeiro volume de poesias, *Odes e Balladas*, publicado n'esse tempo, produziu apenas novecentos francos. D'elles comprou o poeta o primeiro chale que deu á sua mulher .

« Minha Senhora, disse Alex. Dumas, outras, mulheres de banqueiros e de príncipes, têm tido chales mais bellos do que esse seu; nenhum de um tecido mais precioso. »

Foi sómente depois da publicação dos *Miséraveis*, em 1862, que Victor Hugo conheceu a

Vide *Victor Hugo*, apontamentos bibliographicos por J. M. V. P. Coelho.

riqueza. Desde então, a *reprise* triumphante de quasi todos os seus dramas foi das mais fructuosas.

A esta fonte importantíssima de receita junta-se ainda o producto das repetidas edições completas das suas obras, publicadas nos ultimos quinze annos.

Eis as suas ultimas disposições testamentarias: *

Dou cincoenta mil francos aos pobres de Pariz.

Desejo ser conduzido ao cemiterio no mesmo carro em que elles o são.

Recuso a oração de todas as igrejas; peço uma prece a todas as almas.

Creio em Deus.

Victor Hugo

Deixa em manuscrito muitos trabalhos concluídos ; entre os quaes ha uma peça intitulada o *Theatro em liberdade*, *A Fome* (drama) e varios poemas . O testamento determina a data das publicações ; devendo, porém, um d'esses poemas ser dado á publicidade no dia 1 de Janeiro de 1900. — « É a saudação do seculo XIX ao seculo XX ! »

É o desafio de luz que o sol no occaso atira ao grande dia da posteridade.

Salvè!

Rio de Janeiro

18- $\frac{7}{22}$ -85

Mucio Teixeira.

HUGONIANAS

VICTOR HUGO AOS BRAZILEIROS

RIBEYROLLES foi ter á vossa patria e escreveu um bello livro ;— livro em tudo digno desse admiravel paiz, dessa nobre nação e da vossa historia illustre.

Com sympathico enthusiasmo escreveu elle a vossa ascensão, cada vez mais luminosa, ás regiões do progresso. Fraternalmente, em nome da democracia e da civilização, fez-vos completa justiça. Algumas paginas do seu livro são laminas de marmore em que estão gravadas as vossas conquistas gloriosas e denunciado o vosso brilhante futuro. Ribeyrolles morreu antes de completar a sua obra ; morreu proscripto e pobre. Contrahistes uma divida para com elle e quereis pagal-a com magnificencia.

Ribeyrolles erigiu um monumento ao Brazil,— o Brazil erige um monumento a Ribeyrolles. Honra ao povo brasileiro. Contrahir por essa fórma uma dívida e por tal meio pagal-a, é ser duas vezes admiravel.

Quereis um epithaphio para esse tumulo e é a mim que o pedis ; quereis, enfim, gravar o meu nome nesse monumento. Dou o mais alto apreço á honra que me daes.— Agradeço-vos.

Desde o alvorecer da historia ha duas entidades que dirigem a humanidade :— os oppressores e os libertadores. — Uma domina pelo mal, outra pelo bem. De todos os libertadores porém o pensador é o mais efficaz,— sua acção nunca é violenta. De todas as forças, a mais suave e portanto a mais ingente — é a do espirito. O espirito trucida, esmaga o mal. Os pensadores emancipam o genero humano. Soffrem sim, e muito, mas triumpham sempre. E' sacrificando-se individualmente que elles conseguem salvar seus semelhantes. Morrem muitas vezes no exílio, mas que importa?!— O ideal que os animava sobrevive, e a obra da liberdade, começada em sua vida, prosegue depois da sua morte.

Carlos Ribeyrolles era um libertador ; tinha por objectivo a liberdade de todos os povos e a emancipação de todos os homens. Teve uma unica ambição, um desejo supremo, ver livres todas as nações e confraternisadas todas as raças.

Foi essa idéa fixa que o atrahiu á gloria e arrastou-o á proscipção. E' isto o que procurei synthetisar ` nos seis versos que remetto e que podereis, si quizerdes, mandar gravar em seu tumulo.

Quanto a mim, sentindo-me feliz pelo convite que me dirigistes, apresso-me em responder.— Scis homens de sentimentos elevados, sois uma nação generosa. Tendes a dupla vantagem de possuir uma terra virgem e descender de uma raça antiga. Um grande passado historico vos liga ao continente civilizador ; juntaes a luz da Europa ao sol da America. É em nome da França que eu vos glorifico. — Ribeyrolles já o havia feito antes de mim.

Ribeyrolles saudou-vos com a sua mascula eloquencia; applaudiu-vos ; porque vos amava. Vós, povo brasileiro, honraes a sua memoria. É bello, é nobre isto ! É a grande confraternisação que ahí se firma, é o encontro de dois mundos junto ao tumulto de um prescripto ; é a mão do Brazil apertando a mão da França através dos oceanos !

A todos cumpre agradecer-vos ! Ribeyrolles, com effeito, é tanto nesso como vosso. Os homens da sua tempera pertencem a todos. A proscricção que ora o fulmina augmenta a luminosidade da communhão universal. Quando um despota rouba-lhe a patria é bello que um povo dê-lhe um tumulto.

Saudo-vos e subscrevo-me vosso irmão:

Victor Hugo

Guernesey, Hauteville-Hause, 4 de Novembro de 1861.

*
* *

O famigerado golpe d'Estado de 2 de Dezembro que emprestou o throno da França ao principe Luiz Napoleão Bonaparte, victimou entre outros com a pena da proscricção ao notavel jornalista Carlos Ribeyrolles, que depois

de peregrinar por Londres e Guernesey, sendo ahí companheiro de exílio de Victor Hugo, veiu ter ao Rio de Janeiro, onde, associado a Victor Frond, deu começo ao *Brazil Pittoresco*, publicação em francez e portuguez, por elle escripta e illustrada por Frond, com photographias.

Um dos assumptos que mais interessou a C. Ribeyrolles foi a conjuração mineira, pela qual manifestou de um modo brilhante as suas sympathias, cabendo-lhe a gloria de ser o primeiro que trouxe á luz da publicidade a cruel sentença que condemnou a cruento e barbaro supplicio o desventurado Tiradentes, despertando assim a attenção dos escriptores nacionaes para o principal episodio da nossa historia colonial. Foi talvez a seu exemplo que o Sr. Joaquim Norberto escreveu o mais bem acabado trabalho, no seu genero, que possui a bibliographia brazileira.

Preparava-se Ribeyrolles para regressar á Europa, quando em 1860, agredido por fatal enfermidade, succumbiu em poucos dias, com grande pezar de quantos o conheciam e o admiravam. Reunidos os jornalistas mais influentes daquella época trataram desde logo de erigir-lhe um monumento, para o qual pediram então um epitaphio a Victor Hugo, que o enviou em verso, com a carta precedente *.

Felix Ferreira

* Ha poucoa annos visitando o Sr. conselheiro J. M. da Silva Paranhos Junior a Victor Hugo e fallando-lhe a este respeito, pediu-lhe o poeta para obter-lhe uma cópia da carta, pois, não a possuía e desejava incorporal-a á colleção que destinava a imprensa. O pedido não chegou a ser satisfeito por não ter o Sr. conselheiro Paranhos tido occasião de levar a Paris o traslado que obtivera quando aqui esteve em 1883.

OS BRAZILEIROS A VICTOR HUGO

*

26 de Fevereiro de 1802



VICTOR HUGO

*O Mestre completou a
sua obra: só lhe faltava
morrer — para não ser
um estranho entre os
immortaes.*

Mucio Teixeira

†

22 de Maio de 1885

CANÇÃO DE BUG-JARGAL

MARIA, porque me foges,
Porque me foges, donzella ?
Minha voz ! o que tem ella,
Que te faz estremecer ;
Tão temivel sou acaso ?
Sei amar, cantar, soffrer !

E quando ao travez dos troncos
Descubro d'altos coqueiros,
Junto ás margens dos ribeiros,
A sombra tua a vagar ;
Julgo ver passar um anjo,
Que os meus olhos faz cegar .

E dos labios teus se escuto
Deslisar-se a voz, Maria,
Cheio de estranha harmonia
Pulsa o peito meu queixoso,
Que mistura aos teus accents
Tenue suspiro afanoso.

Tua voz ! eu quero ouvir-t ' a
Mais do que as aves cantando.
Que vem da terra voando,
Em que eu a vida provei ;
Da terra onde eu era livre,
Da terra onde eu era rei !

Liberdade e realeza,
Hei de perder da lembrança :
Família, dever, vingança . . .
Té a vingança m'esqueee,
Fructo amargo e deleitoso,
Que tão tarde amadurece !

És, Maria, qual palmeira,
Altiva, esbelta, engraçada,
No tronco seu balançada
Por leve brisa fagueira ;
No teu amante a rever-te,
Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes?— Do deserto
A tempestade valente
Corre ás vezes de repente
Por acabar apressada
Com seu halito de fogo
A palmeira, a fonte amada !

E a fonte já mais não corre !
Sente a verdura sumir-se
A palmeira, e contrahir-se
A palma sua ao redor,
Que de cabellos dava ares,
De c'róa tendo o splendor.

D' Hespanhola, ó branca filha,
Teme por teu coração ;
Teme a força do vulcão
Que vai breve rebentar !
Que, depois, amplo deserto
Só poderás contemplar !

Talvez que então te arrependas
De me haveres desdenhado,
Porque houveras encontrado
Salvação no meu amor ;
Como o kathá leva á fonte
O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhas,
Não, Maria, não o sei ;
Não é por viver nas brenhas. . .
Que d'entre as fronte humanas
Entre as fronte soberanas
Levanto a fronte : sou rei.

Sou preto, sim, tu és branca ;
Mas que importa ? Junto ao dia
A noite o poente cria
E cria a aurora também,
Que mais luzentes bellezas,
Mais doces do que ambas tem.

1857



A TRISTE FLOR

A linda borboleta ali - brilhante
A flor dizia assim :
Que diferentes somos ! Vês que eu fico,
E tu foges de mim !

Nós vivemos comtudo sem os homens,
Sem elles nos amamos,
E ambas formosas, ambas flores, dizem
Que nós nos semilhamos.

Mas o ar te conduz !... e eu fico presa !...

Que triste fado o meu !

Com meu perfume antes soprar quizera

No céo o vôo teu.

Mas não, que longe vais ! por entre as flores

Me vais fugindo.

E eu fico a vêr-me a sombra que na terra

Se está bolindo...

Vais e voltas e foges para longe

Mais caprichosa :

Assim me encontras sempre a cada aurora

Toda chorosa.

Ah ! porque d'ora a vante não sofframos

Maguas tão cruas,

Como eu, cria raiz,— ou presta-me azas

Como essas tuas.

Ou rosa ou borboleta,— a morte cedo

Nos vem buscar ;

Não a esperemos, não ; vivamos juntas

N'um só lugar.

N'um só lugar, ou sejam mansos ares,
Se alli te exaltas ;
Ou sejam campos, se é alli que a relva
De pranto esmaltas !

Não importa o lugar ! — o quer que sejas,
Alento ou côr,
Ou corolla orvalhada, ou borboleta,
Ou aza ou flôr,

Vivamos juntas, onde mais te agrade ;
Pouco importa o lugar :
Que ou seja terra ou céu, estando juntas,
Nos havemos de amar.

Gonçalves Dias

1864



HONTEM Á NOITE

—

HONTEM, — sósinhos — eu e tu, sentados,
Nos contemplámos quando a noite veio :
Queixosa e mansa a viração dos prados
Beijava o rosto e te affagava o seio,
Que palpitava como ao longe o mar . . .
E lá no céu esses rubins pregados
Brilhavam menos, que teu vivo olhar !
H. 2

Co'a mão nas minhas, no silencio augusto,
Tu me fallavas sem mentido susto,
E nunca a virgem, que a paixão revela,
Passou-me em sonhos tão formosa assim !
Vendo essa noite pura, e a ti tão bella,
Eu disse aos astros : — dai o céo a ella !
Disse a teus olhos : — dai amor p'ra mim !

Casimiro de Abreu

1859



CANÇÃO

QUANDO, á noite, entre meus braços.
Modulas terna canção,
Não sentes que em meus abraços
Te responde o coração ?
Tu lembras na voz singela
Meus dias de mais prazer . . .
Canta, ó minha bella,
Canta — até morrer !

Sobre os teus labios de rosa
 Paira o amor quando ris...
E a suspeita rancorosa
 Logo esvae-se e sou feliz !...
Esse teu riso, donzella,
Diz que fiel me has de ser !
 Ri, ó minha bella,
 Ri — até morrer !

Quando dormes, calma e pura,
 Junto a mim, sobre teu leito,
O teu respíro murmura
 Ternos sons que vêm do peito !
E — nu — teu corpo revela
 As perfeições de teu ser !...
 Dorme, ó minha bella,
 Dorme — até morrer !

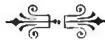
Se dizes : *eu te amo* ! eu creio
 O' meu anjo, que é assim,
E até julgo que teu seio •
 O céo abre para mim !...

No teu olhar, ó donzella,
Do amor vejo a chamma arder . . .
Ama, ó minha bella,
Ama — até morrer !

Vês ? . . . Toda a vida se encerra
Em quatro palavras só.
Todos os bens que ha na terra,
Tudo o que é goso sem dó,
Tudo o que — de seduzir
E' capaz — e de exaltar :
— Cantar e rir,
— Dormir e amar !

Felix da Cunha

1860



A CONSCIENCIA

QUANDO dos filhos seus, semi-vestidos
De pelles de animaes, Caim fugia
Das iras do Senhor,
Com o cabello revoltto, e o rosto pallido . . .
Em meio dos trovões, tombava a noite !

O apprehensivel homem juncto ao tôpo
Chegou de uma montanha, situada
Em planície espaçosa ;

Fatigada a mulher e os filhos d'elle
Sem folego lhe dizem : « Sobre a terra
« Deitemo-nos um pouco e adormeçamos. »

Só Caim não dormiu ; perdido em scismas,
Ao pé dos montes, meditava alerta !
Levantando a cabeça, eis viu no fundo
Dos céos escuros, grandemente aberto,
Um olho — que nas trévas o affligia . . .
E que na sombra fixamente o olhava ! . . .

« Inda estou muito perto ! » A tremer disse ;
E vai os filhos despertar que dormem ;
A mulher fatigada ergue nos pulsos ;
E sinístro, a fugir, se atíra ao espaço ! . . .

Trinta dias andou — e trinta noites !
Pallido e mudo elle ia, estremecendo
Ao mais leve ruído,— receioso,
Sem olhar para traz, sem tréguas nunca,
Sem somno e sem repouso ! e dessa terra
Depois chamar Assur, enfim chegando
A's praias arenosas junto aos mares,

« Vamos parar aqui, » disse : « Este asylo
 « E' seguro ; fiquemos ! Nós do mundo
 « Aos límites chegámos ! » E sentou-se...

E sentou-se Caim... Lá, nos céos mornos,
 Viu, no mesmo logar, o olho importuño
 No fundo do horizonte !...

Estremecendo,

Preso de um negro calafrio, disse :
 « Occultai-me ! » E o tremor do avô tigrino
 Seus filhos todos contemplavam, mudos,
 E esquecido na bocca o dedo tinham...

Caim disse a Jabel,— Pai dos que levam
 No deserto profundo as moveis tendas :
 « Deita o panno da tenda deste lado ! »
 — Desenrolou-se o muro fluctuante ;
 Plumbeos pesos firmaram-lhe os extremos.

« Mais nada vêdes ? » Diz Tzilla, a loura,
 Mimosa filha dos seus filhos, doce

Como a aurora ha de ser ! Caim responde :

« Eu vejo esse olho ainda ! »

Jabel,— o Pai dos que nos burgos passam

À soprar nos clarins, tocar tambores,

Jabel disse: « Pois bem ! vou construir-vos

« Uma barreira. » E fez de bronze um muro :

E collocou Caim — por detraz delle.

E Caim disse, afflicto : « Olha-me ainda . . .

« Eu vejo esse olho sempre ! »

Vem Henoch e lhe diz : « E', pois, preciso

« Edificar um ambito de torres,

« Que tão terrivel seja, que não possa

« Alguma cousa approximar-se delle !

« Uma Cidade construamos todos

« Com forte cidadella, uma cidade

« Que juntos fecharemos. »

Então, Tubalcaim, — Pai dos ferreiros,

Uma cidade enorme, sobrehumana,

Começou a formar. E os Irmãos delle,

De guarda na planície, os filhos Enos
E os filhos de Seth — repelliam...

Uns vasavam os olhos dos passantes ;
Lançavam outros flexas ás estrellas ;
De panno a tenda se tornou granito ;
Prendeu-se a cada pedra élos de ferro ;
— Parecia do Inferno uma Cidade !

Se assemelhava ao descambar da noite
Dos torreões a sombra nas campinas ;
Aos muros deu-se colossal grossura ;
Sobre a porta gravou-se em letras grandes :

Aqui nem Deus penetra !

No centro, em uma torre de granito,
Encerraram o avô furioso e lugubre...

« Dize-me agora, ó Pai, sumiu-se esse olho ? »
Tremula e triste perguntou Tzilla ;
E Caim respondeu : « Não !... Sempre o vejo ! »

Ergueu-se, triste, e disse : « Eu quero, como
« Em seu sepulchro um homem solitario,

« Sob a terra habitar ; não ver mais nada. . .

« E mais nada me vêr ! »

Abriu-se um antro. . .

Caim disse : « Obrigado ! »

E em seguida

Desce, sósinho, sob a fria abobada ;

Quando, porém, na sombra elle sentou-se,

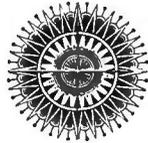
Assim que alguém fechou-lhe o subterraneo,

O olho — estava lá — cosído á tumba. . .

— E fictava Caim !. . .

Gomes Ferreira

1863



DIALOGO

De D. Ruy e D. Sol

D. RUY

CHEGOU finalmente o dia
Em que, daqui a uma hora,
Serás a minha duqueza :
Vou acabar de ser tio,
Começar a ser esposo.

Porém, já me perdoaste ? . . .
Fiz-te injustiça, confesso.
Coraste, empallideceste
Por eu te haver suspeitado,
Quando, para condemnar-te,
Devêra antes ter-te ouvido.

Quanto enganam apparencias !
Como injustos nos tornamos !
E' verdade que lá estavam
Os dois galhardos mancebos.
Acreditei nos meus olhos ;
Porém que queres, menina,
Quando se é velho !

D. SOL

(Immovel, com gravidade)

Vós sempre
Fallais nisso . . . Quem vos culpa ?

D. RUY

Eu, que fiz mal, que devia
Saber que qualquer menina

Que tem os teus sentimentos,
E sangue hespanhol nas veias,
Não consente galanteios.

D. SOL

De certo, é puro o meu sangue ;
Breve talvez hão de vê-lo.

D. RUY

(Levantando-se e dirigindo-se a ella)

Quem ama assim como eu te amo,
Sendo um velho, jamais, nunca
Póde ser senhor de si.
E' pois zeloso e maligno :
E porque? Ah! porque é velho.

Quando em outros vemos graças,
Formosura e juventude,
Ameaçados nos cremos,
Tendo medo e inveja delles,
E de nós mesmos vergonha.

Será de amor zombaria
Que nos abraze e embriague,
Que noss'alma remoçando,
De nosso corpo se esqueça? . . .

Quando eu vago pensativo
Nestas tristes alamedas,
E vejo andar pelo prado
Um joven pastor cantando,
Quantas vezes, em voz baixa,
Digo que tudo trocará,
Estas torres carcomidas,
Meu velho ducal castello,
Minhas scaras e bosques,
Os meus immensos rebanhos,
O meu nome e velhos títulos
E todos os meus avoengos,
Com quem talvez breve esteja,
— Por sua nova cabana,
— Por sua viçosa fronte ;
Pois são negros seus cabellos,
Seus olhos, como os teus, brilham !

Vendo-o, dirás : — como é moço ! —
Pensando em mim, que sou velho !
Comtudo, chamo-me Silva ;
Mas eu sei que isto não basta.

Vê — a que ponto te adoro,
Que p'ra ser formoso e joven,
Como tu és, tudo eu dera ! . . .

Que delirio ! . . . — Moço e bello,
Eu, que devo preceder-te
De muitos annos ao tumulo !

D. SOL

Quem sabe ? . . .

D. RUY

Comtudo, é certo
Que desses mancebõs frívolos
Todo o amor vai-se em palavras ;

E que si algumas meninas
Os acreditam e adoram,
Si ellas morrem, elles folgam .

Todos esses passarinhos
De azas leves, matizadas,
Que têm suaves gorgeios,
Mudam de amor tantas vezes,
Quantas mudam de plumagem .

Mas os velhos, — cuja idade
Extinguiu a voz e as cores,
Têm as azas mais seguras ;
Menos bellos, são melhores .

Que importa sejam mais lerdos,
Tenham olhos resequidos,
Tenham frentes enrugadas? . . .
No coração — não ha rugas .

Quando um velho a amor se entrega,
Devem ter compaixão d'elle .
O coração sempre é joven ;
P'ra soffrer sempre tem forças .

Como esposo e pai — eu te amo ;
Amo-te — de mil maneiras :
Assim como se ama a aurora,
Assim como se ama as flores,
Assim como se ama o céu !

Teu porte esbelto observando,
Vendo-te todos os dias
A tua fronte innocente
E de teus olhos o brilho,
A minh'alma se extasia
Em regosijo perenne .

D. SOL

Oh ! . . .

D. RUY

Tu sabes, além disso,
Quaes os louvores do mundo,
Quando um homem decadente
Está quasi a tropeçar
Sobre o mármore do sepulchro,

E que encontra uma donzella,
— Rôla innocente, anjo puro,
Que vela sobre elle, abriga-o
E supporta paciente
O velho inutil, que serve
Só p'ra tributo da morte :
E' de certo um santo esforço
Digno do maior encomio !

— E' sublime o sacrificio
De um coração que procura
Consolar um moribundo
Até ao fim de seus dias,
E sem que talvez o ame,
Mostrar amor na apparencia !

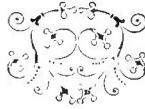
Ah ! tu, — sendo a minha esposa,
Serás esse anjo que possa
Alegrar um pobre velho,
Com elle sustendo o peso
De seus dias derradeiros :
Minha filha — no respeito,
Minha irmã — na piedade.

D. SOL

Longe de me precederdes,
Vós podeis acompanhar-me.
— A juventude, senhor,
Não tem nenhum juz á vida. . .

Ah ! — muitas vezes os velhos
Tardam, e os moços se apressam,
Fechando p'ra sempre os olhos
De repente, — como a lousa
Cai sobre o sepulchro aberto !

1863



MONOLOGO DE D. CARLOS

(Diante do tumulo de Carlos Magno)

—

CARLOS-MAGNO ! perdão, si estas abobodas
Solitarias, aonde só deviam
Soar vozes austeras, repercutem
Da ambição os sussurros, que perturbam
De teu tumulo o repouso ... Ah ! tu te indígnas !

Bello espectáculo que noss'alma enleva
Nos deixaste na Europa, qual é hoje :
— Um edificio tendo na sua cupola
Dois homens; sim, dois chefes elegidos,
Aos quaes ambos sujeitam-se os reis todos .

Principados,— ducados,— baronías,
Marquezados e reinos, sempre foram
Hereditarios ; mas o povo ás vezes
Tem seu Papa ou seu César . Tudo marcha ;
E o que é obra da sorte a sorte emenda .

D'ahi nasce o equilibrio, e a ordem brilha ;
— Cardeaes, eleitores e senados,
Que a terra abalam, servem só de pompa ;
Faz-se sómente aquillo que Deus manda .
Conforme os tempos uma idéa surge,
Que medra, corre e que se liga a tudo,
Até que se harmonisa e se apodera
Dos corações, e nelles se aprofunda .

Os reis a pisam ou lhe poem mordças .
Mas quando, na dieta ou no concilio,

Entrar um dia a escravizada idéa,
Hão de todos os reis curvar as frentes
Debaixo dos pés della, quando a virem
Erguer-se triumphante, sustentando
Na mão o globo ou na cabeça a tiára.

Ser papa ou imperador, no mundo é tudo.
P'ra elles e por elles tudo existe ;
Um supremo mysterio vive nelles
E o céo, d'onde dimanam seus direitos,
Grande festim lhes dá, de reis e povos.

Sós fazem tudo. Um corta, outro desata.
Um representa a força, outro a verdade.
São porque são,— e a razão 'stá nelles.

Quando, iguaes ambos, do sanctuario sahem,
Um envolto na purpura, outro na alva,
Com assombro e terror contempla o mundo
De Deus duas metades num e noutro ! . . .

Não ser imperador,— quando si sente
Coragem n'alma para sêl-o ! Oh raiva !

Quão grande, quão feliz esse que dorme
Neste jazigo, que entretanto é o delle !

Tudo é tão pouco — que tal fim só tenha ? ...
Príncipe, rei, imperador, colosso,
Ter sido e acabar !... Quem a Allemanha
Teve por pedestal, e quem por título
Cesar foi, e por nome Carlos-Magno !...
Maior que Annibal, que Attila, e tão grande
Como o universo !... E reduzido ao nada !..

E quem ha de anhejar inda um imperio,
Vendo um imperador em pó tornar-se ?

Quem qucrerá fazer no mundo estrondo,
Edifícios formar, e, sem que pare,
Eleva-os té onde o orgulho aspira,
Para chegar a este... ultimo termo !

Mas que me importa ? Venha sempre o imperio !
Já eu o apalpo, e de meu gosto o acho...
Diz-me secreta voz que hei de ganhá-lo ;
Ha de ser meu... Porém si meu já fosse?...

O' céos ! serei quem dê princípio a tudo ?...
Só, em pé no degráo mais elevado
Da escada em espiral, serei a pedra
Que fecharei o tecto dos Estados
Em multidáo grupados uns sobre outros ?...
— Verei debaixo das sandalias minhas
Postos os reis, os príncipes de feudos,
Margraves, cardeaes, doges e duques,
Bispos, abbades, chefes d'altas classes,
Barões, padres, soldados ; e mais longe,
Verei na sombra, lá no abysmo, os homens ?!...

Os homens !... Sim, as turbas,— mar immenso, —
Confusão, prantos, gritos ; mas ás vezes
Tambem um riso amargo !... E' este o povo,
— Qual Oceano de agitadas ondas,—
Aonde nada cái que o não revolva.

Seus vagalhões— os thronos despedaçam ;
Seu ruído produz somno de morte ;
Espelho, em que se vê do rei a imagem,
Raras vezes formosa. . Ah ! si sondassem
O fundo desse mar quando está calmo,

Haviam vêr— innumerous imperios,
 Náos grandes naufragadas, cujo peso
 Mal sustentar podiam essas aguas,
 Que hoje em seu fluxo e refluxo as rolam,
 Sem que comtudo possam conhecêl-as !.

Hei de reger tudo isto? Hei de elevar-me,
 Si fôr eleito, a essa summidade,
 Sabendo que não sou mais do que um homem,
 Tendo tão perto o abysmo? Ah! desgraçado!
 Imperador? Meu Deus! rei não bastava?...
 — Só podia um mortal de nova raça
 A sua alma alargar— pela fortuna.

Mas eu! Qual minha lei? Quem far-me-ha grande?
 Quem me ha de aconselhar?...

(Cái de joelhos ante o tumulo)

Tu, Carlos-Magno!
 E já que Deus, p'ra quem não ha obstaculos,
 Faz que se encontrem nossas magestades
 Face á face, derrama alguma cousa

De bello, de sublime e grandioso,
Do fundo do teu tumulto, na minh'alma.

Mostra-me as cousas por scus lados todos.

Ah ! dize-me si achaste tão pequeno

O mundo, que a tocal-o nem me atrevo.

— O teu segredo de reinar, me ensina;

O que é melhor : punir ou ser elemento?...

Depois de Carlos-Magno,— o que mais póde

Fazer-se, ó sombra augusta ? dize, falla,

Inda que o som de tua voz suprema

Sobre minha cabeça estalar faça

Esta porta de bronze... Si não queres

Nada dizer, consente que em silencio

Eu na tua cabeça estude o mundo.

Nada ha no mundo igual ás cinzas tuas.

Já que não vives, aconselhem-me ellas....

(Chega a chave á fechadura , depois recúa)

Vou entrar !... Deus ! Si agora elle me falla !...

Si elle alli está ! Si despertado o encontro,

Em pé— ou passando a passos lentos !...
Si eu tiver de sahir — de cās coberto !...

Pinheiro Guimarães

1863



MOYSÉS NO NILO

Neste tempo veio a filha de Pharaó
banhar-se no rio, acompanhada das
suas damas que caminhavam ao longo
da borda d'agua.

(*Exodo II*)

« **C**o'a fresca da manhã mais fresco é o rio,
Vinde, irmãs; o ceifeiro inda repousa,
A marge' inda está erma :
De Memphis um murmurio se ergue apenas,
Por entre as ramas só a rósea amora
Espreita os nossos brincos.

« Nos paços de meu pai brilham as artes ;
Mas estas flores simples mais me agradam *
Do que os talhados pórfidos ;
Da natureza cu amo as harmonias,
E á, que trescala em artezões, caçoula
Prefiro o olor do zephyro !

« Vinde : a agua 'stá tão calma, e o céu tão puro !
Nestas silvas deixar de azues sanefas
Vossos sendaes delgados ;
Esta c'rôa tirae-me, e os véos ciosos ;
Pois eu quero folgar hoje comvosco
Nas ondas murmurantes.

« Vamos !... Mas, da manhã por entre a névoa,
Que vejo... lá ao longe, no horizonte ?
Não vos assusteis, virgens !
Ha de ser algum tronco de palmeira,
Que, p'ra ver as Pyramides, os mares
Arrastam dos desertos.

« Mas que digo ? Si os olhos não me enganam
D'Hermes a barca é ou concha de Isis,
Que leve brisa impelle . . .
Porém não : é esquife em que descubro
Meigo infante a dormir ao som das vagas
Como ao collo materno !

« Dorme ; e de longe o leito fluctuante
Simelha o ninho d'alva pomba, á tona
D'agua a boiar sem rumo .
Erra ao sabor do vento a infantil cama ;
Dorme das ondas ao balanço, e o pégo
Sua tumba acalenta !

« Elle acordou ! correi, virgens de Memphis !
Chora ! . . . Ah ! que mãe seu filho entregar póde
Ao capricho das ondas ?
Move os bracinhos e a agua em redor tóa . . .
Ah ! só tem por muralha contra a morte
Fragil berço de vimes .

« Salvemol-o; — é talvez israelita.
Proscreeu-os meu pai ; que crueldade
 Proscreever a innocencia !
Commovem meu amor suas desditas,
Quero ser sua mãe, dar-lhe-hei a vida,
 Se não o nascimento. »

Iphis, de um grande rei a esp'rança e o mimo,
Pelas orlas do Nilo divagando,
 Iphis assim fallava ;
E as lindas damás, que ella inda offuscava
Quando despia as télas d'ouro, criam
 Ver a filha das ondas.

Já freme a onda sob os pés mimosos ;
P'ra o menino que geme, a piedade
 Guia-lhe os passos tímidos.
Agarra o esquife ! . . . e altiva com tal carga
Na bella fronte o orgulho se mistura
 Com o pudor singelo.

Cortando as ondas, e quebrando os vimes
Ella traz e depõe na fresca arcia
O infante que salvára ;
E as demais vírgens alternavam beijos
Nas faces do menino, que se extranha
De ver tanto sorriso.

Corre tu, que da duvida nos trances
O teu predestinado filho segues,
Chega como uma extranha ;
Vem : Iphis não é mãe , nada receies ;
Nem temas que os transportes te atraíçõem
Ao colmal-o de beijos !

Então, enquanto a virgem triumphante
Ao rei feroz levava o infante humilde,
Que a mãe banhára em lagrimas,
Ouviam-se no cco em choro os anjos
Que ante o Senhor co'as azas se velavam,
Cantando ao som das lyras.

H. 4

« Não mais gemas, Jacob, na terra extranha,
Nem beba tuas lágrimas o Nilo :
 O Jordão abre as margens,
Verá Gessen p'ra terra promettida
Fugirem, pese embora aos seus tyrannos,
 As longo-oppresas tribus.

« Sob a figura de um menino, salva
Das ondas uma virge' ao rei das pragas,
 Do Sinai o eleito...
Salva a Israel um berço, e um berço ao mundo
Ha de rémir ; tu, que não crês no Eterno,
 Curva-te, humano orgulho ! »

•
1863

Trajano Galvão



A FILHA DE O-TAITI

—

« **D**IZ-ME, queres fugir ? e a vela infida
Vai-te em breve roubar á vista minha ?
Quanto custou-me, quanto, ó doce vida,
Ouvir, em van espera, hoje á noitinha
Os marinheiros seguindo
Para o brigue branco e lindo,
Ledas cantigas cantando,
Que me deixaram chorando !

« Por que nos deixas ? em tua ilha estranha
Tens um mais lindo céu ou menos dores ?
Lá, si morreres, é a dor tamanha
Que igual não tenha em meus feis amores ?
Serão teus ossos cobertos
De verdes ramos abertos,
Onde a flor que é sempre triste
Em nenhuma campa viste ?

« Lembras-te quando, pela vez primeira,
Trouxe-te junto a nós a doce brisa ?
Tu me chamaste aos bosques de palmeira,
Onde ninguém penetra e ninguém pisa .
E como tu fosses novo
No meio aqui deste povo,
Oh mancebo afortunado,
Fui, cheguei-me ao teu chamado,

« Era formosa então ; mas hoje o pranto
De meu rosto alterou a formosura.
Fica, estrangeiro, fica, oh doce encanto,
Não augmentes o fel desta amargura !

De tua mãe carinhosa
Eu fallarei respeitosa,
De Christo, da patria tua,
Dos brandos clarões da lua.

« A meus dias darás doce existencia,
Que te fiz porque assim fugir desejas ?
Fica ; terei por ti branda clemencia,
Cuidarei por que bom, contente sejas.
Pelo nome, que te deram
No paiz em que nasceram
Teus avós, serás chamado
Por mim, mancebo adorado.

« Tua escrava serei ; mas dá-me ao menos
Sempre a teu lado esteja como agora.
Fica ! são estes ares muito amenos,
E' clara a noite, e sempre bella a aurora.
Mas andorinha inconstante
Tu és, meu formoso amante ;
Eu, sim, por annos que viva
Sou de teu amor captiva .

« Queres, queres partir ? lá noutros montes
Alguma virgem por tua volta espera.
Contigo irei, senhor, aos horizontes
Da terra em que tua voz ordena, impera,
De tua amante querida
Serei serva humilde e fida ;
Caso o queiras, hei de amal-a,
Hei de tambem respeit-a.

« Longe de pai e mãe, longe das flores,
Do bosque onde a teus braços fui sem medo,
Longe destas palmeiras, meus amores,
Longe da patria morrerei bem cedo.
Mas aqui é triste a sorte,
Mil vezes contigo a morte !
Léva-me, pois, doce amado,
Quero morrer a teu lado.

« A bananeira humilde festejou-te
Quando viéste a nós, querido amante ;
Meu pobre coração foi teu, amou-te ;
Por que deixar-me queres, inconstante ?

Não partas, oh não, sósinho
Para o teu remoto ninho,
A medo que est'alma errante
Não te deixe um só instante. »

Quando veio a manhã dourando as velas
Do fugitivo brigue que partia,
Em vão se a procurou nas praias bellas,
Ou no bosque ou na casa em que vivia.
Não mais se viu a queixosa
Amante sem ser esposa.
Ao lado d'elle, porém,
Não encontrou-a ninguem.

Almeida Braga

1864



★ ★ ★

—

Si existe um prado de eternaes verdores
Onde sempre do céo
Goteje orvalho, quê refresque as flores,
Lhes dê mais viço, e lhes ameigue as cores ;
Nesse prado quero eu
Colher dentre essas flores as mais bellas,
Colher as mais cheirosas,
E depois ir com ellas,

Sejam cravos, jasmims, lyrios, ou rosas,
Juncar, encher a senda,
Por onde a sorte conduzir pretenda
Tuas plantas mimosas !

Si existe um peito affectuoso e terno,
Cofre de puro amor, —
Qual têm-no os anjos, — amor firme, eterno,
Capaz de extremo, devotado ; um peito
Onde — celeste flor —
Brilhe a virtude ; e que á virtude affeito,
Ao vício tenha horror ;
Que ás más paixões contrario,
De sentimentos bons seja sacrario ;
Desse peito quero eu
Fazer o encosto de tua frente, — o intérprete
Do pensamento teu !

Si existe um sonho de gentis imagens,
De ineffavel' deleite,
Baixel — vogando entre floridas margens —
Que a mente leva á incognitas paragens

De indizível encanto !
Sonho de amor, sonho bemdício e santo,
Perfumado de rosa,
Sonho em que Deus nos falla,
E alma um suspiro aos pés de Deus exhala ;
Desse sonho quero eu
Fazer o ninho, onde — innocente pomba —
Pouse o coração teu !

M. B. Fontenelle



BUŞCA a andorinha, busca a torre envelhecida
Ruína abandonada é onde ha sempre vida
Na verde primavera ;
Eis—chega abril, e a tutinegra, ó minha amada,
Da umbrosa matta o fresco, a rama entrelaçada,
E o doce musgo espera.

De folhas sobre folhas, nos bosques ondeantes,
Dos galhos entre os nós—que tectos verdejantes,
Suspira o passarinho !?
Tambem eu na cidade, eu busco, eu só contigo,
Um isolado canto, um solitario abrigo...
Que socegaddo ninho ?!

No povoado temos a soleira occulta
A olhar obliquo e máu—a rua alli sepulta,
De janellas fechadas ;
No campo é nosso asylo, a nossa escura tenda,
Do pastor o atalho e do poeta a senda,
Que veredas amadas ? !

Temos, temos no bosque incognita a clareira,
Onde a mudez suave extingue a feiticeira
Longes, surdos clamores !
Eu e tu, meu Deus, nós somos juntos passarinhos,
Elles fogem, Senhor, e occultam os seus ninhos,
E nós nossos amores !...

José Bonifacio



AS DUAS ILHAS

I

DUAS Ilhas existem cujos mares

- Separa um mundo, ao longe dominando
As ondas, com cabeças de gigantes.
Ao seu aspecto inhospito e fragoso,
Vê-se que as tirou Deus do fundo pego
Para um grande desígnio, que nutria.
Sua frente, alvo dos raios, delles fuma ;
Sobre os seus flancos nús o mar referve ;
Roncam vulcões occultos em seu seio.

Estas Ilhas, em cuja alpestre base
 A onda em flor rebenta e se tritura,
 São como dois navios de piratas,
 Presos, seguros por eternas ancoras.
 A mão que destas bravas, negras costas
 Dispoz o sítio agreste, bem parece
 Que terríveis as fez e temerosas,
 P'ra que numa nascesse Bonaparte,
 E noutra Napoleão morrer podesse !

« Uma foi o seu berço ! outra o seu tumulto ! »
 Estas palavras bastam para os seculos...
 Jámais hão de os vindouros esquecer-as,
 Venha o mundo a soffrer grandes desordens.
 • A estas Ilhas, de tetrica apparencia,
 Ao appello, virão, de sua sombra
 As gerações futuras, attrahidas.
 Os raios, que nos cimos descarregam,
 Seus cachopos e suas tempestades,
 São os hymnos de morte que o recordam.

Longe das nossas praias, abaladas
 Pelos rudes tufões do seu destino,
 Sorbe estas duas Ilhas solitarias

A Providencia abriu-lhe o berço e o tumulto,
Para que elle podesse vir ao mundo,
Sem que um profundo abalo annunciasse
Seu primeiro momento, e enfim podesse,
Sem revolver a terra, docemente
Espirar em seu leito de soldado!

II

Que de fagueiros sonhos a princípio
O embalaram ! depois... que triste acôrdo !
Já farto de gosar do seu engano
O despertára a amarga experiencia,
Para o deixar com elle face á face,
Apontando-lhe o nada das vaidades
De que doura o ambicioso o seu futuro,
A realza, o throno, a gloria, a fama !

Na Corsega, o seu berço, sendo infante,
Via em sonhos, talvez, seu sceptro ephemero
E a aguia imperial se equilibrando
Sobre os seus estandartes vencedores ;
E nesta espectação, que o enlevava,
Já soberbo elle ouvia a apotheóse,

A confusão de línguas que sóavam
A' porta da sua tenda de combate,
Das multidões estranhas que o seguiam.

III

ACCLAMAÇÃO

- « Gloria a Napoleão ! Gloria ao supremo
Dominador da terra, a quem Deus mesmo
Do diadema cingiu a fronte augusta !
Curvam-se-lhe as Nações que vão do Nilo,
Por elle conquistadas, ao Borysthenes.
Os reis, das mais antigas dynastías,
Curvam-se ao seu passar ; e elle, altivo,
Em Roma, a terra que deu leis ao mundo,
Só viu lugar p'ra o throno de um menino.
- « O bronzeo Mameluco, o forte Godo,
O' Polaco, de lança embandeirada,
Todos á sua ambição cegos se prestam,
— Para elles é lei sua vontade,

Só ao seu nome, que enche todo o mundo,
Treme de entusiasmo e ás suas ordens
Um povo de nações marcha orgulhoso !

« Sua mão, quando acaso toca o termo
A que aspirára o seu infrene orgulho,
Faz a esmola de um reino a algum soldado,
Ou reis velar de guarda ao seu palacio,
P'ra que, vindo das guerras ou das festas,
Possa dormir em paz entre os vencidos,
Qual dorme o pescador dentro da barca.

« Subiu tanto o gigante, em seu arrojo,
Que parece tocar co'a excelsa frontê
Essa ideal esphera, além das nuvens,
Onde jámais rebenta a tempestade.
P'ra attingir-lhe a cabeça sobranceira,
Fôra mister — que lá subisse o raio !»

IV

Pois tal aconteceu, sem se esperar-o !

E derribado lá — dessas alturas —

H. 5

O colosso tombou, rolou por terra,
Fumegante d'os raios que o feríram.
—Castigaram os reis o seu tyranno.
Sobre um rochedo em vida o exposeram ;
E o gigante, captivo, pela terra
Foi confiado á guarda do Oceano.

Como ahi o viver lhe era pungente,
Quando o cahir do sol lhe recordava
Seu passado e presente—comparados !—
Quando elle, distrahido, se perdia
Pela areia das praias, só comsigo,
Té que, cahindo em si, se apercebia
Que um odioso inglez o acompanhava !

Com que pèzar ouvia o accusarem
Esses mesmos que pouco ainda havia
Que o seu berço de heróe divinavam !
Porque ao clamor unanime dos povos
Respondia implacavel o remorso
Que no seu coração se lamentava !

IMPRECAÇÃO

« Castigo ! opprobrio ! anathema ! vingança !
Punam-no os céos e a terra, combinados !
Vimos emfim ruír o gran colosso !
Envenene-lhe o resto de seus dias,
E persiga-o ainda além do tumulto
A consciencia austera de seus crimes !

« Permitta Deus que ao se escutar seu nome
No Manzanar, Jordão, do Sena'ao Volga,
Trôe, echoando, a maldição dos mortos
—A' sua gloria fatal sacrificados,
Nessas scenas de lucto e mortandadé,
Que o seu orgulho appellidou victorias !

« Que elle veja em tropel agglomerar-se
Ao derredor de si—as suas vítimas ;
Que esta turba, evadida dos abysmos,
Revelando os segredos d'além-tumulo,
—Desfigurada pelo ferro e fogo—

Sacudindo aos seus pés a suja ossada,
Lhe faça um Josaphat de Santa-Helena !...

« Seja-lhe a vida uma perpetua morte,
Que sinta dia a dia, hora por hora !
E humilhado e vencido de remorsos
Sua soberba em lagrimas se mude !
Na ignorancia completa da sua gloria,
E zombando da sua immundade,
Os duros carcereiros lhe carreguem
De pesados grilhões o braço ousado,
Coçtumado a curvar regias cabeças !

« Julgou elle que só, com a fortuna
Em victorias fecunda, venceria
A nomeada do povo — rei do mundo ;
Porém, Deus extinguiu-lhe dum só sopro
Dessa gloria homicida o negro facho,
Só deixando ao rival da eterna Roma
Tempo e logar que ao homem são precisos
P'ra se deitar no chão da sepultura.

« Estes mares terão, o seu jazigo,
Ameaçado já do esquecimento:

Em São Diniz de balde mandou elle,
De antemão, preparar o seu sepulchro,
De mármore branco e ouro resplendente.
Não permittiu o céu que reaes sombras,
Ahi vindo chorar seus infortunios,
Vissem dormir entre ellas descansado
Do seu tyranno o gelido cadaver ! »

VI

Como amarga no fim do gozo a taça !
Como um sonho, a principio deleitoso,
Ao depois se converte em pesadelo !
Quando nós moços, fáceis confiamos
Em aureas illusões, que nos fascinam . . .
Mas depois, quando a alma já é farta,
E chega a idade atroz dos desenganos,
— Suas vistas lançando no passado,
Sente o homem tremer-lhe a consciencia !

Assim, passando ao pé duma montanha,
Levamos muito tempo a contemplal-a,
Enlevados de ver seus altos píncaros,
O bosque, o verde manto que lhe pende

Dò branco dorso e as nuvens que a corôam,
Amontoadas sobre a fronte erguida.

Subi... ide lá mesmo e contemplal-a
Nessas zonas aéreas, Parecia-vos
Tocar o céo, lá indo : e entre nuvens
Vos achareis perdido ; tudo muda-se :
E' um medonho abysmo onde negrejam
Seculares pinheiros, e se cruzam
As torrentes e o fogo dos coriscos ! ...

VII

Tal é a gloria : a princípio um bello prisma,
Ao depois um espelho expiatorio,
Onde a purpura em sangue se converte !
Ao princípio, dispondo, como um árbitro,
Dos destinos do mundo, leis ditando,
Ao direito da força, que é a espada,
O vencedor transforma-se em vencido.
Duas epochas temos na sua vida :
Numa — elle imaginava só triumphos,
Noutra — nos seus revezes só pensava ! ...

Em Santa-Helena e Corsega, inda hoje,
Nas invernosas noites, o barqueiro,
Si alguma exhalação atmosphérica
Vê brilhar sobre a ponta dum rochedo,
— O triste Capitão se lhe figura,
Braços no peito, immovel, projectando
A legendaria sombra pelas ondas...
E diz que, por final contentamento,
Elle reina — no meio das procellas,
Como outr'ora — no meio das batalhas ! . . .

Si elle perde um imperio, duas patrias
Lhe ficaram, que o nome seu deslumbra
E igualmente deslustra, — duas Ilhas :
Uma no mar de Vasco, outra de Annibal !
— Deste sec'lo attestando a maravilha,
Jamais será seu nome proferido,
Sem que rêtumbe num e noutro pólo !

Assim, quando uma bomba assoladora,
Inflammada, descreve a sua cûrva
Em negro céo, por cima se balança
Dos muros assustados, que a contemplam ;
Depois, como um abutre carniceiro,

De agudas garraŝ, de cabeça implume,
Que róça e feçe a terra com as azas,
Ao cahir, com estrondo que enŝurdeçe,
Varre e' descalça a área das cidades ;
Muito tempo depois da sua quéda,
Vê-se inda a fumegar a bocca negra,
Sonora e larga do morteiro, donde
Subiu, para cahir, o globo férreo . . .
E o logar onde a bomba, arrebrandando,
S'extinguiu, vomitando o incendio e a morte ! . . .



PERSEVERANDO



A aguia é o genio... Da tormenta o pássaro
Que do monte arremette o altivo píncaro,
Que ergue um grito aos fulgores do arrebol,
Cuja garra jamais se pêa em lodo,
E cujo olhar de fogo — troca raios
Contra os raios do sol.

Não tem ninho de palha... tem um antro :
Rocha — talhada ao martellar do raio,—
Brocha em serra, ante a qual o olhar tremeu...
No flanco da montanha — asylo tremulo,
Que sacode o tufão entre os abysmos
O precipício e o céu.

Nem pobre vérme, nem dourada abelha,
Nem azul borboleta... sua prole
Faminta, boquiaberta, espera ter...
Não ! são aves da noite, são serpentes,
São lagartos immundos, que ella arroja
Aos filhos p'ra viver.

Ninho de rei !...— Palacio tenebroso,
Que a avalanche a saltar cerca tombando !...
— O genio ahi enseiba a geração...
E ao céu lhe erguendo os olhos flammejantes,
Sob as azas de fogo aqueenta as almas
Que um dia voarão.

Porque espantas-te, amigo, si tua fronte
Já de raios pejada, choca a nuvem?...
Si o reptil em teu ninho se debate?...
E' teu folgar primeiro... — é tua festa!...
Aguias! p'ra vós cad'hora é uma tormenta,
Cada festa — um combate!

Radía!... E' tempo!... E si a lufada erguer-se
Muda a noite feral em prisma fulgido,
— De teu alto pensar completa a lei!...
Irmão! — prende essa mão de irmão na minha!
Toma a lyra — Poeta! Aguia! — esvoaça!
Sobe, sobe... astro-rei!

De tua aurora a bruma vai fundir-se...
Aguia! faz-te mirar do sol, do raio;
Arranca um nome no febril cantar.
Vem! A gloria, que é o alvo de vis settas,
É bandeira arrogante — que o combate
Embelleza ao rasgar.

O meteóro real — de coma fulgida —
Rola e se engrossa ao devorar dos mundos...
Gigante! — Cresces todo o dia assim!...
Tal teu génio, arrastando em noves trilhos
No curso audaz constellações de idéas,
Marcha e recesse no marchar sem fim!

Castro Alves



O TRABALHO DOS CAPTIVOS

DEUS disse ao rei : Eu sou teu Deus. Eu quero um templo.

Foi assim que, no azul aonde os sóes contemplo,
O padre ouvira Deus pedindo um novo altar.
E aos captivos o rei ordena, a interrogar :
— Haverá d'entre vós quem saiba erguer um templo ?
Disseram elles :— Não.— Eu quero, para exemplo,
Cém captivos matar. Deus brada em seu furor.
O que Deus quer do rei, de vós quer o senhor.
E' justo. —
E mata o rei cém homens desvalídos.

Então brada um escravo : — Estamos convencidos,
Senhor. Manda-nos dar um monte, porque assim
Cavaremos o bôjo, — e o templo está no fim.
— Uma caverna, escravo ? !—O' rei que nos governas,
Não se apavóra Deus da noite das cavernas,
Disse o homem ; — não é, não é rebellião
Fazer um templo a Deus dos antros do leão.
— Faze-o, disse-lhe o rei.

Cumpriu-se o regio mando.

E a turba lá se vê, seus ferros arrastando,
Sobre o monte que então chamava-se Galgal ;
E delles era o chefe aquelle homem tal ;
Por que no captiveiro, aonde nada assoma,
A quem falla o Senhor por chefe alli se toma.

Na montanha se fêz profunda escavação.

E o chefe ao concluir exclama : — Agora estão
Os desejos do céu por nós realizados.—
Todos os dons, ó rei, primeiro vos são dados ;
Que vossa Eternidade o templo queira vêr.
— Consinto, disse o rei.— Senhor, nosso dever,
Continúa o captivo humilde e ajoelhado,
Nos leva até beijar o pó que haveis pisado.

Honrar quando quereis a nossa obra ?— Já.
E o senhor e o captivo, aos pés cahido lá,
Chegaram sob o palio ao cimo da montanha,
Aonde enorme pedra esconde a cava extranha.
A tampa ergueu-se, e o throno, o throno do Immortal
Por cordas lá desceu, tocando o fundo val
Da montanha, onde havia aquella só entrada
A golpes de alvião terríveis perfurada.

Ao chegarem alli, se espanta o Gran-Senhor :

— Assim se desce ao Etna, aonde habita o horror,
Assim se chega ao antro escuro da Sibylla,
Assim se vai do inferno á negra, horrenda villa ;
Não é porém assim que sóbe a gente aos céus.
— Quer se suba ou se desça, iremos sempre a Deus,
Disse aquelle que traz da infamia a eterna marca.
Aqui sêde bem vindo, ó rei ! Sois um monarcha
Altivo e poderoso, egregio e sem rival,
Como o cedro de pé que affronta o vendaval,
E Páthamos que vence as furias do Oceano.
— Que é isto ? brada o rei. — São elles, Soberano,
Que deixaram do antro a pedra recaír.
— Daqui jámais, então, podemos nós sahir ? !

— Os astros são; ó rei, os vossos protectores ;
Vós fazeis recuar o raio, e os resplendores
Tendes do sol ; — na terra um sol em vós se vê ;
Que póde, pois, temer a Magestade ? — Que !
Sem sabida ! — O' rei, ó Gran-Senhor, qu'importa !
Deus virá elle mesmo abrir a vossa porta.
Então clamára o rei : — Nem mais ouço um rumor !
E' tudo escuridão, eu nada vejo ! . . O horror
Das trévas infernaes !... Por qu'esta noite escura ? !
— Porque, responde o escravo, estaes na sepult' ra.

1885



CLARÃO DA LUA

SOBRE as ondas serena a lua a sós brincava.
A janella era emfim de todo aberta á brisa !
A Sultana contempla . . . e o mar que se deslisa,
De um argênteo fulgor, as ilhas contornava.

A guitarra lhe cái das mãos gentis — vibrando.
Ella escuta . . . Um rumor desperta os surdos ares !
E' galera de Coz, que vem por esses mares
Com seu tartáreo remo a Grecia demandando ?

São os corvos do mar, mas um a um, partindo
A onda que lhes rola em pérolas nas azas?
E' um djinn, > cuja voz de noite assombra as casas,
E as ameias da torre atira ao mar, surrindo ?

Quem as ondas, oh ! Deus ! alli perturba agora ?!
Negro o corvo não é, nas aguas se emballando ;
Pedras do muro ?— não ; nem é, nem é vogando
Navío algum que geme aos remos barra-fóra.

Saccos pesados são,— e um grito que escapava . . .
Sondando, vêr-se-hia, em lucta horrenda, insana,
Nos flancos seus mover-se alguma fórma humana.—
Sobre as ondas serena a lua a sós brincava.

1885



Djinn, genio, espirito da noite.

A CIDADE CONQUISTADA

A chamma que ordenaste, ó Rei, brilha e devora ;
Do teu povo ella abafa os gritos, a estrondar ;
E, os tectos roxeando, em vagas, como aurora,
Parece no seu vôo ardente assim dançar !...

Sangrenta — fez a Morte alli sua morada !
Os palacios, que horror ! são tumulos a arder !
Mulher, marido e pais, cahindo sob a espada !
Nuvens de corvos mil o campo a escurecer !

Tremem as pobres mãis ! As virgens semi-nuas
Carpiram, mas de balde, os annos seus em flor !
E os fogosos corceis tiravam pelas ruas
Seus corpos, palpitando em ancias, estertor !

Cobre mortalha immensa a mísera cidade !
Teu braço poderoso esmaga tudo, ó Rei !
Os padres a rezar diziam « Deus ! piedade ! »
E, de livros na mão, rolavam... Que mais sei ?!

As crianças eu vi nas pedras esmagadas !
De sangue oh ! não se farta o ferro dos fieis... —
Teu povo beija, ó Rei, o pó que nas estradas
Levantas em triumpho em torno de teus pés !

Bittencourt Sampaio



À COLUMNA

—

I

OH ! quando elle lançava gigantesco
 Este altivo pilar para o seu throno,
 Sobre escravas nações,
 Columna, junto á qual tudo é mesquinho,
 Sublime monumento refundido
 De glorias e canhões !

Quando elle a edificava, p'ra que um dia
Tanto a guerra civil como a estrangeira
Sustasse o carro ahi,
P'ra que os netos de Cesar e Alexandre,
Passando nessa praça estremecessem
Receiando por si !

Era um bello espectac'lo ! Toda a terra
Percorria co' os bravos veteranos,
Seu povo militar !
Fogem os reis, anões defronte delle !
Vencedor, sobre o campo da peleja,
Canhões eil-o a ceifar !...

E, voltando co' as hostes valerosas,
Enchia de trophéos a França amada
Que em brados festivaes
Recebia-o contente, como á aguia
Que, voltando co'a presa, alegre os filhos,
Aninhados em paz !

E correndo á fornalha, onde fundia-se
 O grande monumento ; o bronze imigo
 Empurrava co' o pé,
 Impellindo p'ra as chammas, feixe a feixe,
 Vencida artilheria, que á sua gloria
 Degráo agora é !

E voltava o heróe a novos prelios,
 Atravez da metralha, outra colheita
 Fazendo apoz a acção !
 E trazendo-a p'ra França, nova Roma,
 Vergado sobre as forjas, perguntava :
 « Pois não basta inda não ? »

Era só delle a obra ! — Como ornatos :
 A bayonetta, a espingarda, a peça, o sabre,
 Da guerra todo o trem !
 General, riu-se em frente das Pyramides ;
 Monarcha, ambicionou cousa mais alta,
 Maior desejo tem !

Fundiu essa Columna a mão romana
Do guerreiro que fez famoso o seculo
 Que o nome seu prediz !
Sob os seus batalhões—curvam-se os Alpes,
E o Nilo, e o Tibre, e o Rheno, avassalados,
 E o fulgido Austerlitz !

Sim ! porque elle sonhou, moderno Encélado,
Um throno universal, por muitos annos,
 Das balas entre o tron !
Reolveu terra e céos co'uma palavra,
Arcole, Champeaubert, Wagram, Marengo,
 E Ossa e Pélion !

Oh ! veio um dia á praça de Vendôme,
Tranquillo, — pelo povo festejado, —
 Do povo o semi-Deus !
Serenos descobriu o monumento,
Da Columna affagando as bronzeas aguias,
 Nobres emblemas seus !

Alvo de aclamações da França inteira,
Assim, entre os Romanos, Paulo-Emílio
Saudado também foi !
Os meninos, — em alas, — no caminho,
Vendo os pais atrás d'elle, davam palmas
Ao guerreiro, ao heróe !

Ah ! vendo-te tão alto, quem pensára,
Que um dia, em vez dos sonhos elevados
De um futuro sem par,
A tão grande miseria chegarias,
Que haviam advogados, p'ra tuas cinzas
Um tum'lo chicanar ! . . .

II

Menos pressa, ó mocidade !
Parai no vosso labor . . .
Nem sequer tendes saudade
Lembrando Wagram, Thabor ?

Dizeis que é pouca essa gloria
De conduzir á victoria
Nossas hostes immortaes ?
E lhe negaes um jazigo,
Que a patria corre perigo,
Dizem Demósth'nes banaes !

Nuvens no céo carregadas,
A' cidade sustos dá ;
Das sangrentas barricadas
O sólo rovolto está.
Pede a turba extranha, impía,
Lugar aos heróes do dia,
Antes que esqueçam, lugar !
Espere o rei dos guerreiros,
Emquanto sobem ligeiros
Novos id'los ao altar !

Modere as íras o povo !
Distribua os seus trophéos ;
Porque apoz o culto novo
Voltará ao antigo Deus !

Sem na patria um cemiterio,
Espere o caixão funereo,
Relíquias de Napoleão !
Subam primeiro aos altares
Esses que querem lugares
Nas cavas do Pantheon !

Tantas cidades tomadas,
Memphis, Berlim e Milão !
Tantas batalhas sangradas,
O mundo preso em sua mão !
Nada deixando na terra,
Nem mesmo o que a cova encerra,
Sem pô r um sello immortal,
Tendo ganhado animoso,
A' Russia — o Kremlin famoso,
A Carlos-Quinto — a Escurial !

Pois esse nome que inda enche
Os inimígos de horror,
Pois dessa prisão ingleza
Os prantos de tanta dor,

E a desmedida fortuna,
Gloria aos reis tão importuna,
Que o nome elevou-lhe aos céos,
Gloria e dor que o exílio encerra,
Não valem seis pés de terra
Sob os canhões — que são seus ? . . .

III

Prevendo incertos futuros,
A liberdade com dor,
Talvez receie em seus muros
As cinzas do Imperador ;
E prescreva o nome heroico,
Com viril animo stoico,
Conquistas a receiar !
Vê de Roma e Sparta o exemplo,
E os restos do heróe num templo,
Impede-a de madurar !

Mas não ; que hoje conhece a liberdade
Qual é o seu valor, e a magestade
Do throno, horror não faz !

Hoje as juras dos reis, quando são falsas,
Elles tombam.— Tragou já duas raças
Este seculo voraz !

Tem duas filhas queridas
A França na guerra ou paz ;
Faz uma as hostes temidas,
Potente o povo a outra faz ;
A gloria, filha segunda,
Não vem armada, iracunda,
Com sceptro e c'róa louçã,
Não traz dum tyranno o manto,
Já não faz cruel espanto
A' liberdade, sua irmã !

IV

Si um repudio soffreram nobres cinzas.
E' que elles têm ciumes, pallidejam,
Fitando-as com terror !
Do grande Capitão temem a sombra ;
Em trévas ficariam seus festejos
De Marengo ao fulgor !

Quão bello não seria, si a Columna
Sentisse na sua base essas relíquias,
Que ahi devem guardar !
Quem poderá dizer o que tal hospede,
Quando a guerra civil nos separasse,
Havia de inspirar ?...

Si algum dia o estrangeiro, ó gran cidade,
Os ginetes da Ukrania novamente
Podessem cá trazer,
Atravez do granito, os seus despojos,
Invictas legiões brotar da terra
Haviam de fazer !

Si mudo e pensativo o peregrino,
Visse um dia a Columna derrubada,
Estendida no chão ;
De joelhos — tomara respeitoso
Um pouco d'esse pó subtil, esparso,
Que foi Napoleão !

O' nada ! ó maravilha ! Taes relíquias,
Quem nos déra inda vêr, os ossos gastos
Pelas ondas do mar,
Seus joelhos, que o medo não vergára,
E o dedo do gigante,— que indelevel
Sabia assignar !...

Contemplar esse peito e braços fortes,
E as plantas sob as quaes relínha o mundo
Com força sem igual !
E o vazío dos olhos fascinantes,
Então orbitas só ; e a fronte augusta,
Esse globo imperial !

E sentir das entranhas da Columna
Sahir — brados confuzos de batalha,
E tiros de canhão ;
Ginêtes a nitrir, enormes baques,
Tambores e clarins... e, na refrega,
Soar : — *Napoléão !*

Não quizesstes, legístas e oradores,
Consolar a viuva veneranda
Tão grande e infeliz !
Partilhastes o imperio de Alexandre,
Trementes ante a sombra e as cinzas suas
Sois pequenos, sois vis !...

V

Guarda teu tumulto, guarda,
No rochedo sobre o mar,
Onde, qual viva bombarda
Foste rugíndo estourar !
Em Santa Helena encerrado
Fica, que o rico passado
Triste reverso ahi tem ;
Ahi — divaga tua sombra...
E o salgueiro, que te ensombra,
Cobre o universo tambem !

Dormes lá, sem que o insulto
Do somno te vá tirar ;

A's vezes, te acorda o culto
De um veterano a chorar !
Do mais alto desse monte
Corre as vistas no horizonte,
Sobre o oceano a gemer :
Como que te cortejando,
Mil vélas — verás passando,
De mil barcos — a correr !

VI

Dorme ! . . . que lá buscar-te um dia iremos,
Porque assim como a um Deus, nós te queremos,
E teu fim lamentamos — tão fatal !
Sob a nossa bandeira altiva e augusta,
Regeitamos a corda infame e injusta,
Que apeou-te do bronzeo pedestal !

Terás um funeral, — ricas mortalhas, —
Que inda havemos de ter novas batalhas,
Tua campa arco triumphante ha de velar,
E virá contemplar-te a terra inteira ;
E a poesia tambem virá fagueira
Da liberdade os hymnos te offertar !

Ficarás entre nós, sob a Columna,
Obra tua, tua gloria, tua fortuna,
Em Pariz, sob o céu, que é turvo já...
Neste sólo que treme e que murmura,
Onde passa o canhão, que apoz fulgura,
Onde o povo em delírio sempre está !

Si esta terra só guarda p'ra os tyrannos
Raios, chammas, perigos e mil danos,
Sabe um tumulto — em prantos receber...
Tem gemidos p'ra dar-te com piedade,
E escutando-os não has de ter saudade
Do rochedo, onde o mar bate — a gemer !

1865.



ESTANCIAS

—

UMA terra inclemente, feia, avara,
Que nos dá só labor e só cansaço,
E que, contra vontade, offerece ao homem
Em troca de trabalho o pão escasso ;

Em tão rude mansão mortaes ingratos,
Cidades que não dão franca guarida
A caridade e a paz ; aonde o orgulho
Do opulento e do pobre enlucta a vida ;

O rancor entre todos ; pela morte
O justo derribado sem piedade :
As eminencias sempre anuviadas,
E vendida a justiça, a virgindade ;

As paixões engendrando os infortunios,
Lobo cerval os bosques abrigando,
Aqui torridas zonas insalubres,
Gelo polar alli se alevantando ;

O oceano tragando em sua cólera
A nave que esperanças conduzia ;
Aqui o incendio ou fome ; noutras plagas
Da fratricida guerra a tyrannia ;

Continentes cobertos de fumaça,
Agitado viver entre escarcéo,
E tão horrido mixto faz a . . . Terra,
Astro lindo que luz, fulge no céo !

Joaquim Serra



POBRESINHOS !

I

É noite. Está fechada a pobre choça ;
E' todo sombra o lar ; sente-se apenas
O quer que seja que illumina as trévas.
Redes de pescador do muro pendem.
No fundo, a um canto, onde baixella humilde
Sobre um velho bahú brilha indecisa,
Vê-se uma cama d'amplos cortinados.
Perto, sobre um colchão, em velhas tábuas,
Cinco crianças — ninho d'almas — dormem.

Raro clarão, que a chaminé domina,
Tinge o tecto sombrio, e, sobre o leito
Pousada a frente, uma mulher que reza
De joelhos e scisma e impallidece.
E' a mãe. Está só.

Lá fóra ás rochas,
Aos céus, ao vento, ao nevoeiro, á noite
Branco de espuma o mar sinístro rønca.

II

O homem foi ao mar. Desde menino
Dá-lhe rude batalha o torvo acaso.
Ao vento, á chuva é-lhe forçoso expor-se,
Porque os filhos têm fome.

Parte á tarde,
Quando a maré á escadaria sóbe ;
Toma elle só á fragil barca o leme
E lá vai. A mulher, cosendo as velas,
As redes concertando, o anzol disponde,
Atiça o fogo em que a panella ferve
E reza a Deus assim que os filhos dormem.
Elle sosinho, ao recrescer das ondas,
Sái p'ra o abysmo e a escuridão da noite.

Duro fadario ! tudo é negro e frio !
Sobre o cachopo e os vagalhões em furia
No immenso oceano, como dar co'o ponto
Movei, perdido e caprichoso e vário,
Onde mais certo o lanço ao peixe deite :
Por entre a cerração e os aguaceiros,
Para encontrar aquelle ponto incerto
No vasto mar, que a cada passo muda,
Como é preciso calcular o vento,
E a maré e as manobras ! A barquinha
Range ao abraço lugubre das ondas ;
Torce-se o pego em curvas desmedidas:
E faz gemer de horror a barca e as cordas.

Pensa em Joannita . . . e ella, em susto e pranto,
Chama por elle, e os pensamentos de ambos
— Do coração encantadoras aves —
Voam e cruzam-se atravez da noite.

III

Ella reza. Importuna-a o rouco pio
Da gaivota : co'os perfidos escolhos
O oceano intimída-a, e mil phantasmas

Surgem-lhe n'alma : o mar, os marinheiros,
 Levados pela cholera dos ventos . . .
 E em seu estojo, qual n'arteria o sangue,
 Bate o relógio compassado e lança
 Gotta por gotta, no mysterio, tudo,
 Tempo, estações e primavera e inverno,
 E a cada arfar — pelo universo ás almas
 — Bandos de açores e de pombas — abre
 Dum lado os berços, doutro lado as campas.

Ella scisma e descora ; — seus filhinhos
 Pelo inverno e verão descalços andam.
 Que penuria, meu Deus ! Nem pão já tinham !
 — Como um folle de forja o vento zune,
 Como bigorna geme a praia : crê-se
 Que em desatino ao furacão raivoso
 Fogem os astros, como ao lar scintelhas.
 E' a hora em que, alegre dançarina,
Meia-noite doudeja ante seus olhos,
 E *meia-noite*, salteador ousado,
 Ao vento, á chuva a nua fronte expondo,
 Ao tremulo marujo em peso toma
 E despedaça-o arrojando-o ás rochas.
 Horror ! O homem, cujo grito extremo

A vaga abafa, sente a fragil barca
Ranger, faltar-lhe e mergulhar com elle :
Sente a scus pés a sombra, o abysmo, e pensa
No sol, que o caes e o ferroo annel innunda !

Turvam-lhe a alma estas visões sombrias,
E ella estremece e chora.

IV

Ai pobre dellas,
Mulheres de pescador ! Faz pena ouvil-as
Murmurando entre si : « O que mais amo,
Pai, irmão, estão lá, e amante e filhos,
Naquelle cháos ! — São meu sangue e carne ! »
Lidar co'as ondas é viver com féras .
Pensar-se que o mar zomba dessas fronte
Do pai arraes, do filho inda grumete ;
Que o louco vento, em seu clarím soprando,
Co'a longa trança as faces lhes-açoita ;
Que elles talvez por estas horas tremam ;
Que o que la fazem não se-sabe ao certo ;
Que, para resistir ao mar sem fundo
E a tanta sombra em que não luz um astro,

Apenas têm uma taboinha e um trapo !
Que lugubre cuidado ! A' praia corre-se,
E ao mar, que sóbe, implora-se que os-traga.
Mas ai ! o que ha de ao pensamento inquieto
Dizer o mar, mais inquieto ainda ? !

Quão triste está Joannita ! O homem sósinho
Lá foi por noite assim, sem quem o-ajude :
Seus filhos são pequenos ! — Tu murmuras,
Oh mãe ! « Si fossem grandes ! » — Que mentíra !
Si elles o pai acompanhado houvessem,
Tu dirías então entre soluços :
« Oh ! si elles fossem inda pequeninos ! »

V

Toma a lanterna e a mantilha. — E' hora
De ir ver si vem, si o mar está mais calmo,
Si é dia já, si a luz no mastro brilha.
Vamos ! — Eil-a a caminho. A natureza
Dorme. Inda é cedo. O alvorecer da aurora
Não ergue ainda o denso véo das trévas.
Chove. E' tão triste amanhecer chovendo !
Dir-se-á que o dia tremulo duvida

E que chora ao nascer com a criança .
Ella sái. Tudo dorme em torno ainda.

Eis que a seus olhos, que o caminho apalpam,
Co'um não sei quê, de lugubre e de humano
Um pardieiro em ruínas se-levanta,
Sem luz nem fogo : a porta ao vento range,
Sobre as paredes carunchosas tremem
Do immundo tecto ao som do vento as palhas
Como os marulhos de turbado rio.

« Vês ! desta pobre e misera viuva,
Que meu marido inda o outro dia inferma
Achou e só, nem me-lembrava agora ! »

E para vel-a bate á porta e escuta .
Ninguem responde, e ella estremece ao vento.
« Doente ! e os filhos ! que miseria passam !
Tem dois sómente, mas não tem marido ! »
Bate mais uma vez. « Olá, vizinha ! »
Ninguem responde ainda. « Ai Deus ! » murmura,
« Como ella dorme ! Ha quanto tempo a-chamo ! »
Mas nisto a porta, como um ser tomado

De dó supremo, com ranger siníastro
Roda no escuro e por si mesma se-abre.

VI

Ella entrou, alumando a negra chçça,
Tão muda ao pé das ondas que bramiam.
Do ropto tecto a chuva transudada.

No fundo estava uma mulher deitada,
Immovel, em desordem, hirta, horrivel,
Fixo o olhar, os pés nus ; frio cadaver,
Outr'ora mãi ditosa ; enfim, o spectro
Descabellado da misera morta :
O que do pobre resta após a lucta.
Ella, por entre as palhas do grabato,
Deixava um braço esverdinhado e frio
Pender ; o horror sahia-lhe dos labios,
Donde a alma ao fugir lançara o triste
Grito da morte, que só Deus escuta.

Perto da cama em que jazia a mísera
Duas crianças conchegadas, juntas
No mesmo berço a resonar surriam.

A mãe, sentindo a morte, tinha posto
Manta e vestido sobre o corpo d'ambas,
Afim de que, na tréva em que as deixava,
Do frio não soffressem e aquecidas,
Emquanto ella esfriava, alli ficassem.

VII

Como dormem no berço que inda oscilla !
Que manso respirar ! que frontes calmas !
Dir-se-hia então que não as acordára
Nem o clarim do ultimo juizo,
Porque, innocentes, o juiz não temem.

Lá fóra a chuva em borbotões golpheja :
Do ropto tecto, que a rajada abala,
Gotta após gotta sobre a morta cahem,
Lavam-lhe a face e em lagrimas se tornam.
E geme o mar como o dobrar dum sino !
Em pasmo escuta a voz da sombra a morta,
Como si o corpo, quando a vida o deixa,
A alma buscasse e o anjo que a arrebatava.
Parece ouvir-se o singular dialogo

Entre o pallido labio e os olhos turvos :
« Que fizeste do olhar ? — Do rir que has feito ? »

Amaj, vivei, colhei as primaveras,
As taças exgotai em riso e festas !
Como á bocca do mar os rios correm,
O destino assim dá por termo a tudo,
Aos berços, aos festins, ao riso, aos cantos,
A' mãe que adora o filho que amamenta,
Da carne aos beijos d'alma enamorada,
E ao mesmo amor, o necessario e triste
Resfriamento lugubre do tumulo !

VIII

Que fez alli a inquieta Joannita ?
O que é que embrulha e esconde no seu manto ?
O que é que assim, com tal cuidado, leva ?
Porque lhe bate o coração e os passos
Assim vacillam ? Porque corre tanto,
Sem para traz olhar, de susto cheia ?
O que é que em casa do seu leito esconde
No mais escuro ? O que ha roubado a louca ?

IX

Quando ella entrava em casa, as penedias
O sol dourava já. Perto do leito
Cahindo de cansaço, á cabeceira
A fronte recostou ; dir-se-hia ao vel-a
Que lhe-vinham remorsos. Por instantes
Sahiram-lhe dos labios descorados
Palavras sem sentido, emquanto ao longe
Feroz o mar como um leão rugia.

« E meu marido o que dirá chegando ?
Meu Deus, que fui fazer ? Pois não bastavam
Estas cinco crianças ! Pobre delle !
Vim augmentar o seu trabalho e sustos
Com estas mais. — Eil-o que chega ! E' elle !

Ainda não. — Fiz muito mal. — És justo,
Si me espancar, dir-lhe-hei. — E' elle agora !
Ainda não ; melhor ! — A porta boie
Como si entrassem ; porém não. — Coitado !

Temo-me agora de o-já ver de volta ! »
Depois ficou mais pensativa e tremula,
Em gradativa angustia mergulhada,
Como perdida em fundo abysmo, e surda
A tudo que a cercava, á voz dos corvos,
Que passam como negros pregoeiros,
Surda á vaga, á maré e ao vento em cholera.

Mas de repente a porta se escancára,
E no raio do sol, que a sala inunda,
O pescador as rêdes arrastando
Molhadas inda, galhofeiro exclama
Do umbral da choça : « Que famosa pesca ! »

X

« És tú ! » gritou Joannita, e contra o peito
Seu marido estreitou como um amante,
E com transportes lhe beijava as roupas,
Emquanto : « Aqui me tens, » elle exclamava,
Na bronzea fronte o coração mostrando
Illuminado á luz dos olhes della,

« Roubou-me o mar, lhe diz ; como as florestas
Assim é o mar. Roubou-me, pois !— Que tempo
Fez lá por fóra ? Mau .— E a pescaria ?

— Ruím ; porém, agora que te abraço
Já satisfeito estou. Nada te-trouxe.
Rompeu-se a rêde. O diabo estava occulto
No vento que soprava. Houve um momento,
Em que pensei que se virava o bote ;
Foi quando a amarra se partiu. Que noite !
E o que fazias tu por esse tempo ?
— Eu, diz Joannita, perturbada e tremula,
Cozi. Ouvia o mar com seus lamentos
E tinha mêdo. — Sim, o inverno é rude,
Mas pouco importa. — « Então tremendo e fria
Como os que fazem mal, ella lhe torna :
« Não sabes, não ? Nossa vizinha é morta.
Devia ter morrido hontem de tarde,
Ou já de noite, quando tu partiste.
Desamparados deixa dois filhinhos,
Guilherme e Margarida ; um desses míseros
Apenas anda, o outro inda nem isso.
Vivia na miseria a pobresinha ! »

Tomando então um ar tristonho, o homem
A um canto atira o seu *bonnet* molhado
E : « Diabo ! diabo ! » diz, pelo cabello
Passando a mão callosa. — Cinco filhos
Tinhamos já, com estes vão ser sete.
Já nas más estações muitas das noites
Dormíamos sem ceia, e agora ? E agora ? !
Ora essa é *bôa ! Não é culpa nossa.
E' Deus que o quer. São casos graves estes.
Porque tira Elle a esses maltrapilhos
A mãe ? E' claro como a luz. São cousas
Duras de certo : para comprehendel-as
E' preciso, bem sei, ser um lettrado.
Tão pequeninos ! Nem siquer lhes posso
Dizer : Trabalhem ! Vai, mulher, busca-os.
Si acordados estão, devem ter medo
De estar a sós ao pé da pobre morta.
Ouves ? A mãe á nossa porta bate ;
Abramol-a aos filhinhos. Pela tarde
Misturados aos nossos, aos joelhos
Virão trepar-nos. Viverão comnosco.
Irmão e irmã serão dos outros cinco.
Quando Elle vir que é força alimentarmos
Além dos nossos uma filha e um filho,

Deus mandará mais peixe á minha rêde.
Eu, agua beberei. Minha tarefa
Dobrada fique. Vai, mulher, busca-os.
Então que tens? Parece que te-enfadas?
D'antes, mulher, andavas mais depressa.

— Eil-os... diz ella, abrindo os cortinados.

Teixeira de Mello



LES ENFANTS

COLHER queremos tudo,
Que d'aura ao sopra gyra,
E vôa em azas d'ouro
De purpura e saphíra.

Mas as purpureas azas,
D'esmalte e d'aureas tinctas,
Desmaiam esvaídas
Em cores indistinctas,

Si a fragil borboleta
Nas mãos cáí da criança
Ou si real se torna
Do homem a esperança.

1885



A ROSA E O TUMULO

O tumulo disse á rosa :
— Que fazes, flor dos amores,
Desse pranto que em teu seio
Chove da aurora aos albores? —

A rosa ao tumulo disse :
— Que fazes do que baqueia
Nessa voragem, que sempre
Hiante se patenteia? —

E a rosa : — Tumulo escuro !
Do pranto da madrugada,
Fórmo, na sombra, uma essencia,
D'ambar e mel fabricada. —

Responde o tumulo á rosa :
— Flor de vermelha corolla !
De cada corpo, que encerro,
A Deus um anjo se evóla.

1885

Barão de Paranapiacaba



AIMONS TOUJOURS!

AMEMOS sempre ! a esperança
Sem amor é termo vão :
Amor — é d'aurora o grito,
Amor — da noite a canção.

O que diz a vaga ás praias ?
Ao monte o vento ? Escutemos :
O que diz o astro ás nuvens ?
Esta só palavra : « Amemos. »

Amor crenças, vida, e sonhos
Faz nascer na creatura,
E' mais que um raio de gloria,
E' um raio de ventura !

Ama ! Sempre as almas grandes
A todo o transe hão de amar :
Busca d'alma a juventude
A' de teu rosto junctar .

Encante amor os teus dias !
Mostrem teus olhos o gozo
Desses íntimos prazeres
Num sorrir mysterioso .

Cada vez mais nos amemos ;
Cada vez mais, e melhor ;
Na arvore cresce a folhagem ;
Em nossa alma cresça amor .

Sejamos espelho, e imagem !
Perfume, e flor reunidos ;
Como dois ternos amantes,
Que num só se acham unidos .

Procura o poeta as bellas ;
E a mulher encantadora,
Qual Anjo afaga co'as azas
Nobre fronte sonhadora .

Vinde a nós, ternas bellezas !
Vem a mim, meu doce abrigo !
Vem, Anjo, ou chores, ou cantes,
Vem, meu bem, vem ter commigo .

Só poetas vossos extasis
Comprender poderão ;
Por que em seu peito, mulheres,
Lhes verteis o coração .

Eu, que neste mundo busco
Achar a realidade,
Que deixo fugir, qual onda,
Tudo quanto é só vaidade,

Prefiro aos bens, que inebriam
Ao soldado, ao rei potente,
A sombra de tua fronte
Sobre o meu livro pendente .

Fogosa, ardente ambição,
Que nossa alma abraza, e cresta,
Reduz-se a cinzas, a fumo ;
Della em fim o que nos resta ?

Neste nosso abril sombrio
O prazer, flor entreaberta,
Seja lyrio, myrtho, ou rosa,
Fenece, tem morte certa !

Só resta amor. Si tua alma,
Tua fé, teu Creador,
Guardar quizeres, mulher,
Guarda tambem o amor !

Guarda em tua alma sem medo,
Embora possas soffrer,
A flamma, que não s'extingue,
A flor d'immortal viver.



JEHOVAH

Domini enim sunt cardines terræ, et posuit
super eos orbem.

(CANT. ANNE, 1.)

Jehovah est le maître des deux pôles, et
sur eux il fait tourner le monde.

(JOSEPH DE MAISTRE—*Soirées de St. Pétersbourg*)

GLORIA a Deus ! Só a Deus ! em suas obras
O seu nome irradiá ! O universo
'stá todo em sua mão ; a eternidade

Elle pôz sobre o tempo ; e o infinito
Sobre todos os céos !

Ao cháos seu verbo

Fecundo fez baixar ; e logo o orbe
A' sua voz surgiu ! Ao lado o Archanjo
As nações enumera : Elle entretanto,
Do tempo, e da extensão vencendo as raias,
Dá aos sec'los as raças ; e assignala
Das gerações a vida !

No seu curso

A seu sabio poder nada resiste ;
Quer de esphera em esphera ígneo cometa
Seu sôpro, qual cyclone, arroje, atíre ;
Quer apague no espaço um sol já velho ;
Quer no fundo do mar vulcões semeie ;
Ou, quaes ondas, recorte altas montanhas ;
Quer no abysmo de fogo átros demonios
Ao inferno arremesse !

Em tua mente
Se move, ó Deus, a criação ! A senda
Por ti marcada tudo segue. O raio
De hyberno temporal teu braço o vibra ;
E' teu braço também que ao publicano
Desolada viuva arranca ; é elle
Que nos celestes páramos, de subito,
Onde um deserto foi, mil mundos créa !

Sem Deus o homem nada vale ; é presa,
Que a desgraça disputa á morte ; é Elle,
Que dá lucto, ou prazer : do berço á campa
E' Deus, que os passos conta.

Na harpa de ouro
Teu nome dos eleitos celebrado
Pelo salvo universo é repetido ;
E quando as vozes no inferno echôam,
Maldiz o proprio inferno ao rei maldicto !

Sim ; os Anjos, os Sanctos, as estrellas,
E as almas dos finados reunidas

Perante a Gloria tua, ó Deus, perfazem
Um solemne concerto ; mas tu queres
Que o humilde mortal, que erra nas trévas,
Ephemero cantar juncte a tal hymno !

Gloria a Deus ! só a Deus ! em suas obras
O seu nome irradiá ! O universo
'stá todo em sua mão ; a eternidade
Elle poz sobre o tempo ; e o infinito
Sobre todos os céos !

1885

Castro Lopes



PIEIDADE SUPREMA

(Fragmento)

—

VÊDE aquella criança, um lustro apenas ;
Ave mais pura, seductora, e nova
Nunca pousou na rama do arvoredó ;
Todo o seu ser parece emanar benções,
E tudo nelle repetir parece :
— Vivei ! amai-me ! eu vos adoro a todos. —

Feito é da graça e do candor supremos ;
Inda tudo ignora e já o dissereis
Facho que em derredor a luz entorna ;
Traço de ligação da luz p'ra sombra,
E' tão bello e tão meigo que se crêra,
Para compor essa inefavel fronte,
Um mixto a igreja e a fabula formaram
Do menino Jesus e de Cupído ;
Seu innocente olhar perdão expríme ;
E o mais fero varão brando se torna
Ante o brilho adoravel dessa infancia.

Elle é pomba e cordeiro ao mesmo tempo ;
Seus cabellos dourados irradiam ;
Acaricia e canta, inda está cheio
Da bondade divina de onde emana ;
E' o recém-vindo dos celestes páramos ;
Dissereis ser um resplendente anjinho.
Sobe depois ao throno ou antes desce !

E o gemer se ouve logo da alma escrava,
E logo nelle transparece a triste
E profunda fraqueza desta vida ;
Por mais bello que seja, agora é o homem

Com seu fragil espírito, o sorriso
 Da bella encantadora enfermidade :
 Nossa tremenda e frívola fraqueza
 E' a sombra terrestre que se apressa
 A embaciar-lhe os candidos fulgores.

Seus passos tremem, sua fronte pende ;
 Mas é o innocentinho inda no berço,
 E nesses bellos, límpidos olhares,
 Que as ternuras do amor verter parecem,
 Fulge do paraízo a vasta aurora.

.....

Oh ! tenho ás vezes paixões profundas.

Deploro a um tempo os grandes e os terríveis,
 Os demonios e os deuses que trovejam :
 Choro as dores dos povos opprimidos
 E o furor da oppressão ; e gemo afflicto
 Das nossas tradições ante esse bárathro
 Disforme e cheio d'infernaes fulgores.

Tenho pena de vós, triste amargura
Dos tyrannos na purpura engolphados,
Dor secreta dos reis, melancolia
Do tigre a meditar a negra insania.

Sondando a consciencia, o horizonte
Perscrutando, meu animo vacilla,
Si o juiz tem razão dizer não póde,
Si o réo que a historia accusa é réo culposo.
E da bruma impalpavel do passado,
Deste presente que me suffocava,
Dessa força que chama-se— o direito,
Desse sepulchro que se chama— os factos,
Dessa visão tremenda : o Hypodromo,
O Luvre, o Circo e os imperadores
Que Roma proscrevêra, Pedro e Cesar
Despedaçando os monstruosos laços
Do ominoso consorcio, negros papas
A mão fatal nas trévas estendendo,
Reis amaldiçoados ás escuras,
Crimes, profanação de cousas santas,
Forcas, povos traídos e vendidos,
Prostituídos ou abandonados,
Os Narcizos felizes, os Thraséas

Sempre sacrificados e o tyranno,
Esse a desempenhar perpetuamente
O papel do attentado, do veneno,
Do assassinato, da carnificína.
Ai ! de todo esse horrível desespero
Ouço partir um grito : — *miserere !*

Sim, o perdão p'ra elles. Deus bem sabe
A severa attenção, com que eu sondava
Esse montão de poderosos, triste,
Apalpando essas duras fronte d'aço
E esses craneos fragillimos de vidro ;
Inda o cheiro do incenso eu respirava,
Cuidoso observando o que existia
Sob os trages do Deus, examinando
Da medalha o reverso ; e romovendo
O vérme que voraz os reis carcome,
Minha fragil razão cheia de assombro,
Por Bossuet guiada, desvairava,
Nesse horrível museu.

Pois bem, piedade !

Lima Barros.

IDYLLIO

(Hernani — Acto 5º, scenas III e IV)

—
D. SOL

EMFIM, a sós ficamos.

HERNANI

Doce amada !

(Procurando attrahil-a aos seus braços)

D. SOL

Mas, é tarde, parece...

HERNANI

Anjo querido,
P'ra estar a sós contigo é sempre tarde !

D. SOL

O festivo tumulto fatigou-me !
Não achas que a alegria, assim ruidosa,
Atordôa a ventura ?

HERNANI

Não te enganas.
Quer a ventura corações de bronze,
Em que se grave e firme lentamente.
Si flores o prazer lhe atíra — assusta-se.
E ao sorriso incitado, que desprenda,
Seguir-se póde prantear sentido.

D. SOL

Tal sorriso irradia em teu semblante !

(Hernani procura arrastal-a para a porta ; ella cobra)

Um pouco mais...

HERNANI

Pois sim ! Oh fica ! fica !

Aqui somente o teu querer impera ;
Já nada pede o teu escravo humilde ;
Em tudo tens razão e te obedeco.
Queres ? Vou rir, cantar. Arde o meu peito ?
— Dize ao vulcão que apague a chamma activa,
E o vulcão, extinguindo o ardente abysmo,
Nos flancos só terá verdura e flores !
Aqui tens o Vesuvio preso e escravo.
Que te importa, que a lava escandecente,
Lhe tenha devastado o seio ? Queres
Que elle em rosal florido se converta ?
— O vulcão queimado é todo encantos !

D. SOL

Ah ! como para mim és tão bondoso,
Hernani de minh'alma !

HERNANI

Inda este nome ? !

Não o profiras mais, por piedade !
Nem me faças lembrar quanto olvidára.

Sei que outr'ora existiu, como num sonho,
Um Hernani, um proscrito, errante sempre,
Entre as sombras da noite, por montanhas,
Cujø olhar lampejava qual espada,
Ostentando a vingança por divisa ;
Um desgraçado a provocar anáthemas !
Não o conheço mais. Eu amo o prado,
O bosque, as flores e o cantar das aves ;
Eu sou João de Aragão, o teu esposo.
— Sou feliz !

D. SOL

Sou ditosa !

HERNANI

Que me importam
Andrajos, que despí, chegando á entrada
Do meu palacio solitario e em luto,
Si um anjo do Senhor no umbral encontro ?
Penetro, e bem depressa desaparecem
Os estragos, que o tempo ahi fizera ;
E o brilho do passado revivendo,
Exulto de prazer e amor sou todo !

Dêem-me inteiro o meu solar e insígnias,
E o meu logar na Côrte das Hespanhas,
E vem, ó minha Dona Sol, baixando
A bella e ingenua fronte enrubecida ;
Deixem-nos ambos sós, e o mais é findo !
Nada vi, nada sei, — esqueço tudo,
E a vida recomeço, em sizo ou louco,
Comtigo, meu amor e meu bem unico !

D. SOL

Como diz bem nesse velludo preto
O teu áureo collar .

HERNANI

Assim trajado,
Antes de mim, já viste o rei Dom Carlos .

D. SOL

Não reparei. Os outros não me importam
Nem me enlevam a sêda e o velludo .

Não, ó meu duque ; é só em ti que assenta
Esse trajar faustoso ! — E's nobre e altivo,
Meu senhor !

(Hernani quer arrastal-a consigo)

Inda não ! Um só momento !
Vês, ó meu duque ? E' a alegria, e eu choro !
— Vem contemplar commigo a noite linda.

(Dirigindo-se á balaustrada)

P'ra ver e respirar, alguns instantes
Sómente imploro . . . Oh ! vem ! da nossa festa
Já tudo se extinguiu, clarões e musica !
Estamos sós aqui — nós e a noite.
Celestial ventura ! Não o julgas ?
Dormíta a natureza, e inda amorosa
Quer velar sobre nós : a casta lua,
Solitaria no céo, tambem ropousa,
E connosco parece que respira
O ambiente de rosas perfumado !
Vês ? Nem luz, nem rumor — tudo é silencio.

Montava, ha pouco, a lua no horizonte,
E o tremulo fulgor da luz suave
Co'os sons de tua voz me extasiavam !
Tão intensa alegria dominou-me,
Que em tal momento desejára a morte !

HERNANI

Ah ! tudo esquece á tua voz divina,
Cantico estreme da toada humana !
Como quem sulca, numa tarde estiva,
A corrente de um rio caudaloso
E vê fugirem flóridas campinas,
— Tal minha mente em teu scismar vaguêa !

D. SOL

Este silencio, tão profundo, é triste !
Quizera ver o brilho d'uma estrella,
Ou que uma voz nocturna, dentre a sombra,
Rompe-se em grato canto !

HERNANI

Caprichosa !

Ha pouco te enfadavam luz e cantos !

D. SOL

O baile, não ! Quizera uma avezinha,
Um rouxinol, occulto na folhagem,
A gorgear, ou uma flauta ao longe.
A musica deleita, a alma afina,
E, como um côro angelico, desperta
Mil vozes, que nos vêm cantar no seio !
— Seria de encantar !

(Ouve-se ao longe, na sombra, o som de uma buzina)

Oh Deus ! Me ouviste !

HERNANI

Ah ! desgraçada !

D. SOL

Um anjo ouviu-me o rogo...
O teu bom anjo, não ?

HERNANI

(amargo)

Sim, meu bom anjo !

(á parte)

Ainda !...

D. SOL

(risonha)

Dom João, eu reconheço
O som da tua trompa !

HERNANI

Reconheces ?

D. SOL

Dir-se-ia que a esta serenata
Não és estranho, tu ?

HERNANI

Não sou, de certo.

D. SOL

Baile sem graça ! Ah ! quanto lhe prefiro
O som de trompa no sombrio bosque !...
E si é da tua o som, tua voz ouço !

(Ouve-se de novo a buzina)

HERNANI

O tigre está rugindo e quer a preza !

D. SOL

Dom João, que harmonia encantadora !

HERNANI

(levantando-se terrível)

Chama-me Hernani só ! Chama-me Hernani !
— Este nome fatal perder não pude !

D. SOL

(tremula)

Que te acontece ? que tens tu ?

HERNANI

O velho !

D. SOL

Meu Deus, que olhares funebres !... Que sentes ?

HERNANI

O velho — que nas trévas escarnece !

— Não o vês ?

D. SOL

Desvairas ? ! — Mas, que velho ?

HERNANI

O velho !

D. SOL

De joelhos te supplico

Oh ! dize — que segredo te atormenta ?

O que é ?

HERNANI

Eu jurei-o !

D. SOL

Tu juraste ! . .

(Segue-lhe todos os movimentos com ansiedade. Elle suspende-se de repente, e passa a mão pela frente)

HERNANI

(á parte)

P'ra que dizer-lhe ? Cumpre-me poupal-a.

(Alto)

Eu, nada. — o que me ouviste ?

D. SOL

Tu disseste...

HERNANI

Não é nada. O espírito turvou-se-me.
Como vês, soffro um pouco. Não te espantes.

D. SOL

De que precisas ? Manda á tua serva....

(A buzina torna a soar :)

HERNANI

(á parte)

Elle o quer ! Elle o quer, como jurei-lh'ó.

(Procurando seu punhal)

Nada tenho !— Já tarda o cumprimento !

— Ah !...

H 10

D. SOL

Soffres muito ?

HERNANI

Sim — uma ferída

Antiga, e que fechada parecia,

Reabre-se...

(á parte)

Afastemol-a

(Alto)

Querida,

Escuta : uma caixinha, que eu trazia

Commigo sempre em dias menos faustos...

D. SOL

Conheço-a bem. P'ra que te serve agora ?

HERNANI

Encerra um frasco, que contém um philtro

Capaz de dissipar o mal que sinto.
Vai, vai buscal-a.

D. SOL

Meu senhor, não tardo !

(Sai pela porta da camara nupcial)

HERNANI

Eis o que vem fazer da minha dita !
Eis no muro a luzir a mão fatídica !
Oh ! quão fero o destino me escarnece !

*(Cai em profundo e convulsivo scismar; depois volve-se
bruscamente)*

Bom ! . . . Já tudo se cala ! Eu não percebo
O mais leve rumor. — Si me enganasse ! . . .

*(O máscara de dominó preto apparece no alto da esca-
daria. — Hernani pára petrificado)*

1880

Aquino Fonseca

AMANHÃ

Moriturus morituræ!

SOBRE os montes oscilla a tunica da aurora.
Repara : — o sol nascente alveja a velha torre,
E beijam-se nos céos, em graça seductora,
 Como a gloria á alegria,
Os canticos do bosque e o lampejar do dia.

Saúda o esplendor, que o céu nos apresenta !
Amanhã, quando a morte exanime prostrar-me,
Verás o mesmo sol, que além, a rir, se ostenta,
Velar-te o desespero, e os mesmos passarínhos
Correr á madrugada em brandos murmurínhos !

Mas ness'outro horizonte a alma não duvida,
O futuro risonho expande-se infinito.
Na manhã da eternidade,
Despertamo-nos da vida,
Como de um sonho negro, um sonho máu, afflicto !

1870



AO REI LUIZ-FELIPPE

P ELO infante real,— o vosso anginho,
Que da terra qual pomba se partiu,
Perdão ! — por esse berço, um ermo ninho...
Perdão ! — pelo sepulchro que se abriu !

1870



★ ★ ★

EU vivo onde tu respiras,
Tu sabes ; para que, pois,
Ficar, — si tu te retiras,
Viver, si deixas-me a sós ?

P'ra que viver, sendo a sombra,
Deste anginho que se vai ?
Si sob o céu tão sombrio
Uma noite eterna cáí ?

Sou a florinha dos muros
A' qual abril vivifica.
Basta que tu te retires,
E... tudo acabado fica.

Tu de auréolas me cercas ;
Vêr-te é meu unico bem.
Basta que tu te affugentes
Para que eu fuja tambem.

Si partes, pende-me a fronte ;
Minh'alma á mansão celeste
Voará, pois tua mãosinha
Prende esse pássaro agreste !

Si eu não ouvir tuas pisadas,
Dize, o que me tornarei ?
Será tua vida ou a minha
Que foge ? Eu mesmo não sei.

Quando me falta a coragem
Busco-a em teu peito innocente,
Sou como a pomba que bebe
No lago azul transparente.

O amor faz com que a alma abranja
O mundo opáco e bemdito,
E esta chamma tão pequen
Sósinha aclara o infinito.

Sem ti toda a natureza
E' um cárcere fechado,
Onde eu vou, pallido e frio,
E não sendo mais amado...

Sem ti tudo cáí, definha ;
Se enrugam meus supercÍlios ;
Torna-se a festa um — sepulchro,
Torna-se a patria — um exÍlio.

Eu te imploro, eu te reclamo,
Não fujas das minhas dores,
Toutinegra de minh'alma,
Que cantas nas minhas flores !

De que posso ter anhelos,
De que posso ter receio ?
Que farei de minha vida
Si não estás junto a meu seio ?

Levas aos ares, ás moutas,
Nos braços das virações,
Numa aza — as minhas preces,
Na outra — as minhas canções.

Que direi aos campos tristes
Pela inconsolável dor ?
O que farei da estrellinha ?
Meu Deus, que farei da flor ?

Ao bosque, a que teus dulçores
Davam o brilho da estrella,
Que direi ? e á flor, que diz-me :
« Minha irmã, onde está ella ? »

Morrerei ; foge, si o ouzas.
Dias volvidos, de que
Serve-me olhar estas cousas,
Si nest'hora ella as não vê ?

Que farei, meu Deus, da lyra,
Da virtude, do destino ?
Que farei, sem teu sorriso,
Do lindo albor matutino ?

Que farei, só, melancólico,
Sem ti, do dia e dos céos ?
De meus beijos — sem teus lábios,
De meus prantos — sem os teus ?

Celso Magalhães

1870



A ARTE E O POVO

—

I

A RTE ! és a gloria, a alegria !
Na tempestade sombria
Dos tempos, — brilhas melhor ;
Vibras scentelhas divinas,
E a fronte ao povo illuminas
Como um astro seductor.

É's um hymno magestoso
Que as almas enche de um gesso
Forte, intenso, sem igual ;
Cantam-te em extase fundo
Todas as vzes do mundo,
Como um côro universal.

Por armas tendo as idéas,
Quebras todas as cadeias,
— Tranquillo conquistador ;
Não te resiste o mais bravo,
Tornas livre um povo escravo,
E um povo livre — maior.

II

Oh França invencível, canta !
Teu hymno de paz levanta,
De olhos fitos na amplidão ;
Ergue a tua voz, oh França,
Tu que és do mundo a esperança,
Povo — dos povos irmão !

Canta aos albores da aurora,
Une a tua voz sonora
Ao teu perpetuo labor !
Ri do seculo á vaidade,
Alto canta a liberdade,
E á meia voz teu amor.

Canta a Polonia algemada,
Canta Napoles banhada
No sangue que inunda o chão ;
Um hymno á Hungria levanta...
— Tyrannos ! — o povo canta
Rugindo como um leão !

1885

Martim Francisco

TRIBOULET

(*Le Roi s'amuse, acte II, scène III*)

FILHA ! ventura só, que o céu me ha concedido !
Muitos contam irmãos, e mulher e marido,
Amigos, parentela, e vassallos, sequencia
De alliados e avós, e longa descendencia !
Eu a ti só possuo ! Outros riquezas têm ;
Tú só és meu thesouro, e tu só és meu bem !
Mais de um crê em Deus. Só na tua alma crcio !
Têm muitos juventude e amoroso enleio !

São bellos ; têm vigor, donaire, orgulho, viço.
Tua bclleza, vês, anjo, é meu só feitiço !
A minha patria e lar, toda a familia minha,
Ao mesmo tempo mãi, csposa, irmã, filhinha ;
Meu culto e minha lei, ventura, cabedaes, .
Meu universo, és tu, sempre tu, nada mais !
A pobre da minh'alma outro qualquer molesta.
Si eu te perdesse ! oh !... Não, é uma idéa esta
Que um instante siquer eu não supportaria !
Um pouco me sorri. Teu sorriso inebria !
É toda tua mãi ! Ella era assim tão bella.
Passas a mão na frente ás vezes tal qual ella,
Como para a enxugar ; que a puro coração
Frente toda innocencia e olhos azues bem vão.
Uma angelica flamma em ti, cuido, fulgura ;
Minh'alma a tua vê pela gentil figura ;
De olhos cerrados mesmo, embora, inda te vejo.
De ti mana-me o dia. Ás vezes meu desejo
Era cegar, jazendo em cahos, negro, profundo,
Para não ter jámais luz de outro sol no mundo !

1885

Franklin Doria

CONFRONTAÇÕES

CADAVERES, fallai ! Quem vos assassinou ?
Quem foi que em vosso peito o ferro mergulhou ?
Primeiro tu, que estás ahí na escuridade,
Teu nome ? Religião. — Teu assassino ? — O frade.
Vós como vos chamaes ? — Razão, Brio, Dever.
Quem vos degolou ? a Igreja !. — E tu, que vens a ser ?
A Fé do Cidadão. — Teu assassíno, quem ?

O Juramento.— E tu, que vejo em sangue além ?
Meu nome era Justiça.— E foste assassinada ?
Pelo Juíz.— Gigante ! aonde a tua espada ?
E que lama te mancha o craneo aureolado ?
Eu me chamo Austerlitz— Quem te matou?—O Soldado.

1875.



AO POVO

(*A' borda do oceano*)

ASSEMELHA-SE a ti ; terrível e pacífico
Elle é sob o infinito o nível magnífico.
O movimento tem e tem a immensidade.
Dando-lhe um brilho a calma e um sôpro a tempestade,
Ora é elle harmonía e ora é grito feio.
Os monstros estão bem no seu profundo seio ;
Ahi germína a tromba ; e aquelles que investíram

Ignotos pégos seus jamais delles surgiram.
O colosso desfaz-se em sua face cahos,
E como tu o déspota, elle destróe as náos.
Como ha razão em ti, sobre elle ha o fanal ;
Só Deus sabe porque faz elle o bem e o mal.
Sua vaga, onde se crê ouvir sons da armadura ;
De monstruoso ruído enche a noite obscura ;
Como em ti, vivo abysmo, a íra nella está,
Si ella hontem rugiu, hoje devorará.
E' lámina a sua onda, assim como uma espada.
E elle canta enorme hymno á Venus levantada.
Na vasta dimensão, azul universal,
Todos os astros tem da cupola ideal.
A força rude tem, tem a soberba graça,
Respeita um ramo de herva e a rocha despedaça.
Como tu, elle a espuma atíra á sumidade,
Povo, sómente o mar não mente á lealdade,
Quando, fixo o olhar, na sacra borda, em pé,
Pensativo, se espera a hora da maré.

1875.



CHRISTO PERANTE O TUMULO

↓ ESSE tempo Jesus percorrendo a Judéa,
Na divina missão de bem e caridade,
Dava audição ao surdo, e ao leproso a cura,
E á possessa mulher a paz e sanidade.

Os padres espiavam-no e murmuravam já.
Quando Christo voltava á santa Betânia,
Morrêra na cidade um justo, que elle amáva,
O adorado irmão de Martha e de Maria.

Muito amava Jesus Maria, Martha e Lázaro ;
Maria, a doce irmã sensível, amorosa,
Que banhára os pés nús do amoroso Mestre
Nos cheiros divinaes da Arabia perfumosa.

Alguem veio e lhe disse : « é morto o vosso amigo. »
Jesus era em caminho ; e, seguido do povo,
Ia explicando a lei, os symbolos, os livros,
Como Elías e Job, em um estylo novo.

« Quem me segue, » dizia, « aos anjos é igual.
Quando um homem andou um dia inteiro ao sol,
Em caminho sem agua, e sem habitação,
Blasphema, si não crê, á hora do arrebol ;

« Si o homem crer em mim, que ore ; e seguirá
Com força triplicada a marcha que intentou. »
Então interrompeu-se e disse aos seus discipulós :
« Lázaro, o amigo, dorme ; — eu despertal-o vou. »

Era em Jerusalém. Tres dias são precisos
Para a Betania ir, da terra onde o monarcha,
O grande Salomão, o opulento e justo,
Zeloso pela lei havia posto a archa.

Seguir-te-hemos, Mestre, » o povo diz ao Christo.
Depois Jesus partiu. Em quanto se conduz,
Muita vez no caminho, a sós e pensativo,
Sua tunica toma a cor branca da luz.

Quando Jesus chegou, foi Martha quem primeiro,
Lançando-se a seus pés, exclamou dolorosa :
« Si estivesses connosco, elle não morreria ;
Mas, Mestre, elle morreu ! » prosegue lacrimosa,

E' muito tarde já ! » — « Que dizes tu, mulher ?
Sómente o ceifador é dono da ceára. »
Martha, em segredo, vai participar a vinda
Do Mestre á sua irmã, que em casa se ficára.

Por que choras, mulher ? » diz Jesus Christo vendo
De joelho a seus pés, a soluçar, Maria.
« Só tu és grande, ó Mestre, és tu sómente forte ;
Si estivesses connosco, elle não morreria . »

Eu sou a vida e a luz, » tornou ainda o Christo ;
« Feliz o que me segue as pegadas e a fé ;
O crente viverá embora no sepulchro. »
— Achava-se presente o sceptico Thomé.

Aos judeus, a correr em ondas para vê-lo,
O Senhor perguntou, de Pedro e João seguido :
« Onde o pozestes vós ? » E elles responderam :
« Alli... » designando, um dedo ao ar erguido,

Um campo, ao pé de um bosque, ao lado de um regato,
Que sobre pedras corre, aonde a tumba estava.
Então Jesus chorou, e a multidão immensa
Se poz a exclaimar : « Vejam como o amava !

« Elle, que vence, diz-se, e submete o demo,
Si fosse o proprio Deus, como nos fazem crer,
Ah ! si elle fosse a luz, si fosse a propria vida,
Teria um seu amigo assim visto morrer ? »

E Martha conduziu Jesus á sepultura,
Cuja entrada guardava immensa e rude louza.
« Eu creio em vós, Senhor, como em João e Pedro,
Mas quatro dias ha que elle aqui repouza... »

« Não prosigas, mulher ! aqui neste lugar
Tu vái ver, si tu crês, de Deus a gloria nova. »
Jesus continuou : « levantem esta pedra. »
Tirada a pedra, viu-se o interior da cova.

erguendo o olhar ao céo, na negra sepultura,
Onde o morto jazia, o Christo penetrou ;
(Assim o seu thesouro o avarento occulta).
E depois, se inclinando, em alta voz clamou :

Lázaro ! »

E o morto ergueu-se ao longo da muralha,
Ainda tendo os pés presos pela mortalha.
Vendo todos, então, o homem ressurgir,
Diz Jesus : « desligai-o e que elle possa ir. »
A multidão, que viu, acreditou em Christo ;
Ora, os padrcs, conforme está dos livros visto,
Junto ao Pretor de Roma inquietados vêm ;
Sabendo que por Christo um morto a vida tem,
Que o povo vira abrir-se o mortuario vallo,
Disseram entre si : « E' tempo de matal-o. »

875.

Victor Barros



HONTEM À TARDE

A brisa do crepusculo hontem trazia
Da flor da tarde o inebriante aroma;
Cahia a noite : na mudez, na sombra,
Tranquillo somno achava o passarinho ;
Tua mocidade mais que a primavera,
Embalsamava a natureza inteira !
Teu olhar mais que os astros scintillava !

Que volúpia espargias no ambiente ? !
Tão pura vendo a noite e tu tão bella,
Eu disse aos astros d'ouro : — o céu sobre ella desça !
E disse aos olhos teus : — amor sobre mim vertam !

1885



★ ★ ✧



Ouves tu ? si pudessemos nós ambos,
Com a alma palpitante de esperanças,
O coração radiante de ventura,
O nosso ser em languida harmonia,
Quebrar as mil cadeias que nos prendem,
Deixar o triste meio em que vivemos,
Fugiríamos !... e longe... e sem destino
Iriamos achar, entre arvoredos,

Uma casa pequena, occulta em flores,
Um firmamento azul, alegres passaros
Que p'ra cantar buscassem nosso tecto . . .
Que mais precisaríamos ? !

385

Rodrigues Peixoto

CANÇÃO

QUANDO tu cantas á tarde
Nos meus braços embalada,
Entendes meu pensamento
Que te responde, adorada?
Quando tu cantas, da infância
Eu me recordo chorando!...
Canta, meu anjo!
Vive — cantando!...

Quando te ris, nos teus labios
Se lê — amor e poesia ;
E essa sombria tristeza
Muda-se em doce alegria,
Como se apagam phantasmas
Quando a aurora vem surgindo ! . . .
Sorri, meu anjo !
Vive — sorrindo ! . . .

Quando tu dormes, tranquilla,
E eu vélo junto ao teu leito,
— Palavras harmoniosas
Desprendem-se de teu peito :
E de teus labios, tão lindos,
Vão, como rosas, se abrindo . . .
Dorme, meu anjo !
Vive — dormindo ! . . .

Quando tu dizes : *Eu te amo !*
Oh ! que eu me julgo feliz !
E creio que o céu inteiro
Toma mais lindo matiz !

E ao teu olhar amoroso
Respondo alegre, cantando :
 Ama, meu anjo !
 Ah ! vive — amando ! . . .

Meu Deus ! em quatro palavras
Reproduzes meu sonhar . . .
Tudo em que penso, em silencio,
Nestas noites de luar ! . . .
Tudo o que julgo na vida
Que se póde bem gosar :
 — Cantar e — rir . . .
 — Dormir e — amar !

Amalia Figueir6a



O GIGANTE

SOU Gaulez ; meu avô passava o Rheno,
Qual rio estreito de pequeno curso ;
Banhou-me em gelo minha mãe no pólo ;
Meu pai de hombro robusto e de alto collo
Fôrrou meu berço de tres pelles de urso.

Elle era forte ; a idade o subjuga ;
Cáem-lhe as cans da testa, que se enruga ;
Fracó e velho ! o seu fim proximo temol-o ;
Póde arrancar apenas um carvalho
E sustentar-se tremulo.

Sua fouce, seu collar, seu arco, e dardo
Commigo estão ; não ha quem o succeda
Como eu, que, qual o velho que declina,
Co'os pés no valle e assente na collina
Faço vergar os choupos na alameda.

Eu joven já, dos Alpes nos fragedos,
Passeava de rochedos em rochedos ;
Chocava as nuvens minha frente altíssima ;
E arrebatava as aguias, que voavam
Na altura eminentíssima.

Combatia o tufão ; meu sopro ardente
Apagava os relâmpagos nos ares.
Si o Oceano me atirava uma baleia,
Aos meus passos abria a larga areia ;
E eu era o vento, que açulava os mares.

Eu dava caça aos tubarões nadando ;
Eu dava caça aos gaviões em bando ;
O urso nos braços meus estrangulava-se,
E do lobo cerval o dente agudo
Mordendo-me quebrava-se.

Hoje me encantam só, além da guerra,
Por que meu peito em jubilo transborda,
Das famílias em prantos os alarmas,
O vasto campo, a soldadesca em armas,
Cujos gritos infernaes me apraz e acorda.

Quando das luctas o corcel galopa,
Do pó, do sangue que o esquadrão ensopa
Eu me levanto e no combate empenho-me ;
Como o corvo marinho sobre as ondas,
Nos batalhões embrenho-me.

Qual ceifeiro entre os feixes que cortára,
Entre as alas desfeitas ergo a testa ;
Abafo os sons, que sua voz murmura ;
E meu pulso martella uma armadura
Melhor que algum carvalho da floresta.

Eu marcho sempre nú. Nos campos tomba
A força audaz, de que meu braço zomba.
Só um chuço de freixo eu levo á pugna,
E o meu elmo é tão leve, que a dez touros
O peso não repugna.

Sem de escadas cercar as fortalezas,
Das pontes os anneis faço em destroços ;
Bato mais que ariete nas muralhas ;
Co'os altos torreões travo batalhas ;
Parto as amêas para encher os fossos.

Si eu tiver de morrer, bravos guerreiros,
Não me rojeis aos corvos carniceiros ;
Nos montes me enterrai ; do horror no cumulo,
Interrogue o estrangeiro, ao vêr-lhe os cimos,
Qual montanha é meu tumulo.



ESMERALDA

—

(Fragmentos)

ACTO I — SCENA I

*(Esmeralda chega ao meio do theatro. Os truiãos,
admirados, abrem um círculo. Ella dança)*

EU sou a pobre orphãsinha,
Filha sómente das dores,
Que perante vós se inclina,
E a vossos pés lança flores.

No meu alegre delírio
Suspiro, suspiro tanto !
Si mostro o riso nos labios,
Nos olhos occulto o pranto.

Danso qual uma criança
A' margem de uma fontinha ;
O meu canto é semelhante
Ao canto de uma avesinha .

Sou a pomba, que innocente
Cái ferida num instante ;
A noite da sepultura
Cobre meu berço de infante .

Côro

Dansa, ó moça, tu que és doce,
Nos tornas doces tambem ;
Vem tomar-nos por família,
Vem folgar comnosco... vem.

Como a tímida andorinha,
Que roça por sobre a vaga,

E com sua aza innocente
As ondas do mar afaga,

É a moça encantadora,
É a filha da desgraça ;
Quando o seu olhar fulgura,
A dor num momento passa .

Seu canto aqui nos reúne ;
De longe a moça formosa
Parece a abelha, que treme
No calix da flor mimosa .

Dansa, ó moça, tu, que és doce,
Nos tornas doces tambem ;
Vem tomar-nos por familia,
Vem folgar comnosco . . . vem .

SCENA III

ESMERALDA

(a Phebo)

Um capitão namorado,
Um militar elegante,
Que tem altivo semblante,
Que armadura d'aço tem,
Rouba, senhor, muitas vezes
Os nossos virgíneos peitos ;
De olhos em pranto desfeitos
Costuma a rir-se também .

PHEBO

(á parte)

Para um capitão amante,
Para um militar ardente,
O amor poderá sómente
Um dia inteiro viver .
Todo o soldado deseja

Colher a flor, prematura,
Prazer sem muita tortura,
Amor sem muito soffrer . . .

(Para Esmeralda)

Vejo uma alma
A luzir
Nos teus olhos
Me sorrir.

ESMERALDA

Um capitão namorado,
Um militar elegante,
Que tem altivo semblante,
Que armadura d' aço tem,
Quando brilha aos nossos olhos,
Faz pensar continuamente
A toda a moça innocente,
Que o viu perpassaz além.

PHEBO

(á parte)

Para um capitão amante,
Para um militar ardente,
O amor poderá sómente
Um dia inteiro viver.
E' relampago que brilha ;
A toda a moça, que passa,
Cheia de luz e de graça,
E' mister cultos render.

ACTO II — SCENA II

Aria

PHEBO

O' moça deslumbrante,
A ti de amor as c'rôas !

Gentil sombra dansante,
Que os dias meus povôas,
E que de mim distante,
A mim constante vôas.

Ella é radiante e doce,
Como um ninho na ramagem,
Como uma flor na folhagem,
Como entre males um bem.
Moça humilde, casta vírgem,
Alma, que livre scintilla,
Na sua linda pupilla
Arde a volupia tambem.

E' um anjo, que nas trevas
Do empyreo sorrindo veio ;
Tem de nuvens cheia a frente,
Tem o olhar de fogo cheio.

Vejo sempre a sua imagem
Ou brilhante ou triste esteja ;
Mas é no céu que a contemplo,
Seja astro ou nuvem seja.

O' moça deslumbrante,
A ti de amor as c'rôas !
Gentil sombra dansante,
Que os dias meus povôas,
E que de mim distante
A mim constante vôas.

SCENA IV

*(Entra Esmeralda tímida, confusa e radiante. Movimento
de admiração. A multidão aparta-se diante della)*

Corô

Vêde ! seu rosto bello espargue mil fulgores,
Como um astro gentil, cercado de esplendores.

PHEBO

O' divina natureza !
Eu juro por vida minha,

Que ella é do baile a rainha,
E tem por c'rôa a belleza.

(Volta-se para os senhores de Gif e de Chevreuse)

Minha alma sinto escaldada ;
Eu vencêra a guerra e a dor,
Si podesse, ó linda fada,
Colher-te na flor do amor .

CHEVREUSE

E' uma fórma celeste,
Um desses sonhos azues,
Que nas trévas fluctuando
Semêa a sombra de luz.
Nasceu na rua, ó desgraça,
Quanto é cego o teu rigor !
Porque á mercê da corrente
Deixas vogar esta flor ?

ESMERALDA

(Com os olhos fitos em Phebo, que faz parte da multidão)

E' meu Phebo ; a sua imagem
No coração tenho presa ;
Ou traje seda ou couraça,
E' sempre encanto e belleza.
Arde-me a fronte ; o meu peito
De dor, de prazer se esquentá ;
O chão se alenta de orvalho ;
De pranto esta alma se alenta.

FLOR-DE-LIZ

Bella meu peito a presume,
Meu ciúme ha de ir além,
Si eu tiver tanto ciúme,
Quanta belleza ella tem ;
Mas talvez predestinadas
Pela mão do dissabor,
Ambas seremos fanadas,
Ambas fanadas em flor.

MADAME ALOISE

E' primor de formosura ;
Ah ! de certo maravilha
Como numa moça impura
Tanta graça e encanto brilha.
Quem ha que a sorte conheça ?
As serpentes homicidas
Escondem sua cabeça
Dentro das moitas floridas



MOYSÉS NO NILO

"O rio está mais fresco á luz do dia ;
Dorme o ceifeiro ; irmãs, vinde á porfia ;
A praia está deserta ;
Memphis a murmurar começa agora ;
Nossos brincos, nos bosques, vê a aurora,
Que sorrindo desperta.

Nos meus paços as artes eu admíro ;
Ao banho em ouro e pórphyro prefiro
Estas margens em flores ;
Estes são os meus cantos favorítos ;
Prefiro aos meus perfumes esquisítos
Do zephyro os olores !

Manso é o rio, almo o céo ! vinde, donzellas ;
Vossos cintos azues nas noites bellas
Deixai-os fluctuantes ;
Arrancai-me csta c'rôa e os véos ciumentos ;
Quero folgar comvosco alguns momentos
Nas vagas sussurrantes.

Mas que vejo no alvor da madrugada?
Attentai... moças tímidas... é nada...
No horizonte... não perto...
E' palmeira, que o mar vai attrahindo,
Que em visíta ás pyramides vem vindo
Do fundo do deserto.

Que digo ? Si os meus olhos são felizes,
E' a barca d'Hermes, ou a concha d'Isis
A' feição do galerno.
Não ; é o berço, onde, em languido abandono,
Um infante gentil se entrega ao somno,
Qual no seio materno !

Dorme. De longe o leito seu macio
O ninho d'alva rôla sobre o rio
Dir-se-hia, ao contemplal-o.
Elle voga a favor do vento incerto ;
A agua o embala, dormindo, e o abysmo aberto
Parece acalental-o !

Virgens de Memphis, vinde ; eil-o acordado !
Chora... Que mãe lançou seu fructo amado
A' mercê da corrente ?
Move os braços ; das aguas elle é preza ;
Contra a morte só tem uma defeza,
Fragil berço sómente.

Salvai-o . . . De Israel talvez descende .

Seus filhos proscreeu meu pai, que entende

Proscreever a innocencia !

Quero ser mãe de quem me ha commovido :

Elle não deve a mim o ter nascido,

Mas deva-me a existencia. »

Iphis, — filha do rei, — assim fallava,

Quando ás margens do Nilo a acompanhava

A turba pressurosa ;

Sua belleza mais que as outras brilha ;

Dir-se-hia, ao ver despída a augusta filha,

Ver a Venus formosa.

Nos seus mimosos pés a vaga freme ;

Tremula e compassiva á voz, que geme,

Os passos aventura ;

Ergue o berço, do fardo sobranceira ;

O orgulho em sua fronte a vez primeira

Ao pudor se mistura.

Quebrando o vime e as ondas apartando,
Ella o menino salvo vai levando,
E n'areia o descança ;
Succede ao riso o olhar, todas em festa
Depõem um beijo na pequena testa
Da assustada criança !

Accorre, tu, que a duvida atormenta ;
Vem ver teu filho ; estranha te apresenta ;
O céo velou-lhe a sorte ;
Abraça o teu Moysés ; o medo esquece ;
Iphis nunca foi mãe ; ah ! desconhece
Teu pranto e teu transporte !

Quando a virgem feliz e triumphante
Ao rei cruel mostrava o humilde infante,
Que as lagrimas banhavam,
No céo coros angelicos se ouviam,
Os anjos com as azas se cobriam,
E as lyras dedilhavam.

Teu desterro, ó Jacob, não ha carpil-o ;
Não mistures teu pranto á agua do Nilo,
Que o Jordão se descerra.
Gessen vai ver a geração escrava
Buscar, máu grado a mão, que a condemnava,
A promettida terra.

Na fórma de um infante sobre as vagas,
Eis o heróe do Sinai, o rei das pragas,
Salvo do mar profundo.
Curvai-vos, ó atheus, ante estas scenas :
Salva um berço Israel, um berço apenas
Deve salvar o mundo. »



UM CANTO DE FESTA DE NERO

O sabio espanca o tedio ; o tedio é a morte.
Pasmai ante o festim de Nero, Cesar,
Consul, que vezes tres chamára a sorte,
E que, senhor da musica e do mundo,
Da lyra de dez vozes
Canta, como na Ionia, ao som profundo.

Vinde ! Nunca tivestes noites destas
Junto ao Grego Agenor, ou junto a Pallas ;
Nunca tanto prazer houve nas festas,
D'onde a horrenda tortura se exilava,
Onde Seneca austero em taças d'ouro
A Diogenes brindava .

Nem quando sobre o Tibre semi-nua,
Agláé, de Phalera, errava á sombra
Das toldas d'Asia, da galera sua ;
Nem quando os chefes bátavos rojavam
Aos leões vinte escravos,
E os guantes seus nas flores occultavam .

Roma vai abraçar-se, Roma em peso ! . . .
Do meu soberbo torreão augusto
Hei de alegre encarar o fogo acceso .
Que valem luctas entre o tigre e o homem ?
Hoje é Roma, que bate-se na arena
Co'as chammas, que a consomem .

O senhor do Universo abandonai-o
No empenho de banir o amargo tédio ;
Dai que tambem elle desprenda o raio !
E' noite ; accende-se o festim das brazas ;
Ergue o incendio, hydra immensa,
Igneas línguas, e chammejantes azas . . .

Vêde como da preza, altiva, zomba . . .
Descenroscas os aneis de negro fumo,
E lambe o muro, que abalado tomba ! . . .
Num abraço os palacios se evaporam . . .
Oh ! porque não terei gozos, que matam,
E beijos que devoram ?

Que rumores no ar ! Que rubra chamma !
Que sombras a vagar nas labarêdas !
No espaço que silencio se derrama !
Bronzeas columnas, aureas portas vôam ;
Rios de bronze correm,
N'agua do Tibre a flammejar se escôam,

Róla em cinzas o mármore opulento,
As estátuas, os pórfyros, o jaspe,
E o flagello triumphá a mcu contento.
Tudo se abate ao violento jogo ;
A furia do aquilão açoita o incendio,
Qual procella de fogo.

O' Capitolio, adeus ! Na ardente guerra
O aqueducto de Sylla faz-se ponte ;
Torres, zimbórios, cairão por terra.
Roma grande fogueira além se torna...
O' raínha do munde,
Que diadema a tua fronte adorna !

Um oráculo disse em seus arcanos
Que o templo morreria aos pés de Roma,
Após o perpassar de longos annos ;
Que o astro seu estava inda na aurora...
Quantas horas a sua eternidade
Póde durar agora ?

A' noite veste a scena um brilho novo !
Erostráto invejára a minha gloria !
Que importa a mim as afflicções do povo?
Elle foge, o brazeiro o está cercando.
Arrancai-me esta c'rôa ;
As flores ao calor vão-se crestando.

Quando o sangue manchar vossa roupagem,
Lave o vinho de Creta a nódoa infame ;
Aos máus sómente apraz do sangue a imagem ;
Troque-se o horror por sensuaes encantos
E os clamores das vítimas, que expiram,
Afoguemos em cantos.

Nada o meu braço vingador demove.
Eu castigo a cidade, que queimára
Bagas do mesmo incenso a Christo e a Jove.
Veja-me o seu terror como um exemplo ;
Roma tem poucos deuses...
Quero que em Roma se me eleve um templo !

Hei de emprestar-lhe mais fulgor, mais graça ;
Mas ao seu baqueiar a cruz baqueie ;
Não mais christãos, exterminai tal raça.
Elles no abysmo arremessaram Roma
Exterminai... escravo, dá-me as rosas...
Quão doce é seu aroma !



A FLOR E A BORBOLETA

A flor dizia á borboleta linda :

Ah ! não te ausentes . . .

Tu váis, e eu fico ; como nossas sortes

São differentes !

Vivemos sós, e desfructamos ambas

Nossos amores ;

Nós somos gêmeas e tambem nos dizem

Que somos flores .

Leva-te a brisa, mas me prende a terra . . .

Oh ! que tormento !

No céo quizera perfumar teu vôo

Com meu alento.

Mas tu te apartas, adejando sempre,

Sempre inquiéta,

E eu miro a sombra, que aos meus pés mimosos

O hastil projecta.

Tu foges, voltas ; para além brilhares,

Tu vais-te embora ;

Mas só me encontras mergulhada em pranto

A cada aurora.

Para que firme seja o amor que eu sinto

E em que te abrazas,

Toma raízes ou então me empresta

As tuas azas.

Ou cedo ou tarde nos reúne a campa ;

Não mais esperes ;

Num ponto só, ou borboleta ou rosa,

Viver não queres ?

Ou nos espaços, si é alli que sempre
 Teu brilho espalhas,
Ou nas campinas, si é alli que o calix
 De pranto orvalhas,

Que importa, queres ? Ou tu sejas sopro
 Ou côr tu sejas,
Corolla, ou flor, ou borboleta, ou aza,
 Que além adejas,

Vivamos juntas ; este bem supremo
 Ah ! dá que eu colha ;
Depois a terra e finalmente o Emyreio
 O acaso escolha ,



AH ! VINDE !

AH ! vinde, vinde, encantadora joven !
Dante de vós tería feito um anjo,
E Virgílio uma deusa !
Sois rica de uma fronte soberana,
De um pé ligeiro a resvalar suave
Palpitante de vida .

Sois rica de uma bocca seductora,
Que mais floresce ao requebrar de um riso,
E ativa entre as altivas,
Poderíeis cingir nas lindas fórmas
A couraça de azul, que ornava o corpo
Das antigas guerreiras.

Seriam vossas labios purpurines
O pasmo só dos cárceres das bellas,
Gyneceu ou serralho ;
Cellíni sorriria á vossa graça,
E tentando esculpir num vaso grego
Vossa airosa figura,

De um calix d'ouro vos retiraria,
De um lyrio, que em mulher logo se torna,
Ficando lyrio ainda ;
Ou de um lótus, que deve-lhe a existencia,
Mimosas flores d'arte, extranhas flores,
Que a natureza inveja.

Vinde, ah ! sim, que foi aureo aquelle dia,
Em que eu vos contemplei a vez primeira,
Bella de olhos divinos ;
Guardais acaso n'alma, como eu guardo
Dentro em meu coração apaixonado,
Um raio de lembrança ?

Sorride. As vossas mãos pousai nas minhas...
Vinde, que a primavera está risonha,
O sítio está sombrio,
Tepido está o ar, e além nos bosques
Muita relva inda verde o chão alastra
Dos annosos carvalhos !...



AMEMOS

AMEMOS ; se o amor nos foge,
Comsigo a esperança leva ;
O amor é o canto da aurora,
E' o hymno que a noite eleva.

Amemos : eis o que a vaga
Diz ás ribas encantadas,
O que o vento diz aos montes,
E o astro ás nuveus douradas.

Os sonhos, a vida, a crença
Vêm do amor, que n'alma pura
Tem mais um raio que a gloria,
Que é o raio da ventura.

Ama, pois; que importa o mundo?
Todos amam nesta idade;
Prende, ó moça, á tua fronte
De tua alma a mocidade.

Ama, encanta as tuas horas,
Para que em teus olhos bellos
Brilhe o mystico sorriso
Dos teus íntimos anheços.

Unamo-nos sempre e sempre;
Ceifemos do amor a palma;
A arvore cresce em folhagem,
Cresça no amor a nossa alma.

Sejamos o espelho e a imagem;
Um a flor, outro o perfume;
Dois amantes, que nas sombras
Terno amor num só resume.

Os vates buscam as bellas,
Anjos de castos favores,
Que sob as azas refrescam
As fronte dos sonhadores.

Vinde a nós, gentís bellezas,
Vem, meu bem, é a lei que eu sigo ;
Vem cantar commigo, ó anjo,
Vem, anjo, chorar commigo.

Só nós vos comprehendemos ;
Nosso espírito vos ama ;
O bardo é vaso, em que a virgem
O seu coração derrama.

Eu, que procuro no mundo
A realidade sómente,
Que deixo a estulta vaidade
Fugir, qual foge a corrente,

Prefiro aos bens transitorios,
Que o rei e o soldado alcança,
A sombra, que no meu livro
Teu rosto formoso lança.

A ambição, accesa n'alma,
Brazeiro subtil, que cresta,
Desfaz-se em cinza ou em fumo,
E apenas diz-se : o que resta ?

O prazer, flor que desata
Em Abril o calix lindo,
Murcha, ou seja lyrio ou roza,
E apenas diz-se : está findo .

Só o amor é que não morre .
Guarda-o, si queres na vida
Conservar teu Deus, tua alma,
Tua crença estremeçada.

Por entre os prantos e as dores
Resguarda em teu peito amante
Esta flor — sempre viçosa,
Esta luz — sempre brilhante .



A FILHA D'O-TAITI

QUERES fugir? A vela, que fluctua,
Vai em breve roubar-te aos olhos meus?
Quando o marujo os pannos enrolava,
Eu lagrimas ardentes derramava,
Ouvindo os cantos seus !

Porque nos deixas? No teu céo formoso
A dor é mais suave de sentir?
Mais chorado será teu pensamento?
E o plátano virá nesse momento
Os teus ossos cobrir?

Lembras-te quando pela vez primeira
Uma aura branda encaminhou-te a nós?
Da solidão do bosque me chamaste;
Nunca te vi, mas, quando me invocaste,
Corri á tua voz.

Eu era bella, mas murchou-me o pranto.
Fica; este adeus não me profiras mais.
Nós louvaremos tua mãe querida.
Como me apraz a prece a Deus erguida,
O teu canto me apraz.

A ti me entrego. Encantarás meus dias;
Doura estes céos. Eu nenhum mal te fiz.
Aqui eu posso a dor suavisar-te,
E dar-te o nome, que costumam dar-te
No teu lindo paiz!

Serei escrava da vontade tua,
Si me volveres teu fulgente olhar.
Fica e entre as outras eu serei rainha.
Mas tu amas, qual tímida andorinha,
E eu vivo de te amar.

Queres partir. De tua volta anciosa,
Uma virgem gentil suspira além.
Oh ! leva-me contigo ; eu serei della !
Si é teu prazer amal-a, porque é bella,
Eu a amarei tambem !

Longe dos palmeirae, longe do bosque,
D'onde aos teus braços rapida corri,
Longe das flores, posso eu mais fugir-te ?
Viver não posso. Oh ! deixa-me seguir-te,
E morrer junto a ti !

Aceita o meu amor ; a bananeira
Tua vinda poetica acolheu.
Si partires sem mim para os teus lares,
Minha alma irá, vagando pelos ares,
Seguir o curso teu.

Quando a aurora brilhou nas brancas velas,
Procuraram a virgem, mas em vão;
Deserto estava o bosque... a praia... tudo.
Nem co'o estrangeiro pensativo e mudo
Encontraram-na então!

1870

Regueira Costa



CANÇÃO

ESTÁ nascendo a aurora, e tu, formosa,
Dormes ainda em teu fechado lar ?
Á mesma hora em que desperta a rosa,
Porque é que te não vejo despertar ?

O' meu encanto,
Escuta, aqui !
Eu chorø e canto
De amor por ti.

Tudo bate da tua habitação
À porta abençoada. — Eu sou o dia !—
Diz a aurora. A ave diz : —Sou a harmonia.—
— Eu sou o amor !— Te diz meu ccação.

O' meu encanto,
Escuta, aqui !
Eu choro e canto
De amor por ti.

Mulher, eu te amo ; eu te idolatro, ó anjo.
Em ti me cômpletando, o Creador
Fez-te a belleza, que no olhar abranjo,
E fez para a tua alma o meu amor !

O' meu encanto,
Escuta, aqui !
Eu choro e canto
De amor por ti.



SERENATA

QUANDO cantas cmbalada,
A' noite, nos braços meus,
Não ouves ? meus pensamentos
Respondem baixinho aos teus.
No doce cantar me lembras
Da vida o tempo melhor ;
Oh ! canta sempre
Meu lindo amor.

Quando o amor se expande
Em tua boca mimosa
E de subito dissípas
Minha suspeita zelosa.
Um coração fidedigno
Brilha em teu riso de flor.
Sorrí-me sempre
Meu lindo amor.

Quando á noite, enquanto eu velo,
Dormes tão placida e pura,
Harmoniosos accentos
Teu brando somno murmura,
Sem véos ; sem arte, contemplo
O teu corpo encantador.
Dorme, assim sempre
Meu lindo amor.

Quando me dizes : — *Eu te amo*
Creio em ti, meu seraphim,
E em tuas palavras sinto
Abrir-se o céu para mim.

Teu olhar despede chispas
De bello, amoroso ardor.
Ama-me sempre
Meu lindo amor.

Bem vês : toda esta existencia
Quatro palavras a abrangem ;
Todos os bens desejaveis
Sem os males que a constangem.
Tudo que póde encantar,
E que póde seduzir :
Cantar, — sorrir,
Dormir, — amar.

Rozendo Moniz



CANTO DAS LAVADEIRAS

—
(2º acto do Ruy Blas)
—

PORQUE ouvirmos nós
As aves da espessura ?
Ave mais terna e pura
Canta na tua voz.

Que mostre ou vele Deus
A esphera rutilante,
A estrella mais brilhante
Fulge nos olhos teus.

Que em flórida estação
Brote no prado a rosa,
Mais bella flor mimosa
Te sái do coração.

Essa ave toda ardor,
Esse astro que irradiá
D'alma a flor que inebria
E' tudo isso — o amor !

1885

Souza Pinto

A UMA MULHER

SI eu fôra rei, meu throno refulgente
Déra-te, e sceptro, e os vassalos meus ;
C'rôa, e carro, e banheiro alvinitente,
Até a esquadra, que é no mar potente,
Por um olhar đos teus ! . . .

Si Deus, déra-te céos e mar e terra ;
Anjos, demonios, todo o imperio meu ;
O cáhos profundo, em convulsões, em guerra,
O que ha de eterno e o que o espaço encerra,
Só por um beijo teu !...

1885.

Verissimo do Bomsuccesso



MARION DELORME

(Acto I — Scena III)

MARION

(Queixosa)

AH! Porque me deixaste aqui, sósinha,
Contando as horas?... Demoraste tanto...

DIDIER

Tive receio de subir...

MARION

(*Offendida*)

Receio ? !...

Oh ! senhor Didier !...

DIDIER

Maria ! escuta :

Quando me approximei desta muralha,
Senti no coração profunda magua ;
Fiquei triste, bem triste ! é que eu sentia
Piedade de ti !... E, sem que houvesse
Dado o ultimo passo, a sós commigo
Murmurei :— Desgraçado ! Lá por cima
Vela nest'hora um anjo immaculado
Um ente casto e bello, um ser querido
Do bem e da virtude ; nos seus olhos

Brilha um raio tão vivo de innocencia,
Que todos deveriam adoral-o
De joelhos, prostrados, de mãos postas...

Que vais tu fazer lá, filho do povo?
Como turvar assim o veio d'agua
Que deslisa de manso e crystallino?
Para que desfolhar uma açucena?...
Oh! minh'alma fallou mais eloquente
Na linguagem subtil do sentimento!...
Queres interromper a paz sagrada
De um coração tão candido?... Maria!
Dize-me, eu poderei neste momento
Acceitar esse amor que santifica?
Esse amor — que é a luz brilhante e pura
Dos teus felizes dias?

MARION

(À parte)

Elle falla
Em theologia... Acaso é um huguenote?

DIDIER

Ouvi durante a noite a melodia
De tua voz do céu, que despertou-me
De um estado de duvida, arrastando-me
Para junto de ti...

MARION

Disse que ouviu-me?...
E' singular ! si não fallei...

DIDIER

Oh ! eram
Duas vozes,...

MARION

(Vivamente)

Já sei, a voz de Rosa,
Que é semelhante á d'homem... Emfim, vamos,
Não quero contrariar-o.

(*Noutro tom*)

Não se senta ?

(*Indicando-lhe um lugar perto de si*)

Aqui.

DIDIER

Não, a teus pés.

(*Senta-se num banquinho de pés e contempla Marion por
alguns instantes*)

Ouve, Maria.

Meu nome é Didier, e até hoje
Não conheço meus pais. Abandonaram-me
Em tenra idade á porta de uma igreja.
Uma pobre mulher, piedosa e velha,
Arrancou-me á miseria e perfilhou-me ;
Deu-me agasalho e pão, amor e crenças.
Morreu por fim aquella santa velha,

Legando-me seus bens, modesta renda
De novecentas libras, de que vivo.

Aos vinte annos, tendo apenas n'alma
Saudades e tristezas,— solitario —
Viajei... conheci então os homens :
A uns odiei, e desprezei aos outros...
Sabes porque ? por encontrar só nelles
O orgulho, a fraqueza e a miseria.
Que triste e vergonhosa humanidade !...
Eis porque, moço ainda, já dos velhos
A experiencia tenho deste mundo.

Guardo ainda commigo os bons conselhos
Dessa mãe adoptiva, que amei tanto ;
Tenho pura a moral do meu caracter,
Aborreço este mundo e mais os homens !
Assim é que eu vivia, só e pobre,
Ignorado de todos, quando tive
O supremo prazer de conhecer-te.
Ouve-me : eu não sabia quem tu eras ;
Uma noite, ao passar por uma rua,
Vi-te a primeira vez, outros encontros

Succederam-se a esse e nos teus olhos
Vi a luz da ventura a illuminar-me...
E tua voz caíhosa enlouqueceu-me !

Tive medo de amar-te ! Sim, confesso,
Tive medo, e fugi !... Mas, cousa estranha !
Venho encontrar-te aqui... e sempre, sempre
Como o Anjo da Guarda !

Convencido

Deste amor violento, esta loucura
Que eu julguei impossivel, resolvi-me
A abrir-te o coração — que não repelles.
Dispõe de mim, da minha vida inteira.
Existe alguém que seja-te importuno ?
O que te falta ? o que desejas ?— dize,
Queres que sacrifique esta existencia
Por um só dos teus sonhos ? Por um riso
Dos teus — derramarei meu sangue todo !
Eis-me a teus pés, Maria, falla, ordena.

MARION

És singular, Didier ; mas a verdade
E' que amo-te igualmente !

DIDIER

(Com transporte)

Amas-me ! Amas-me !

Exp'rimentas o impulso violento
Chamado amor ?... Maria ! o que disseste,
Essa revelação sagrada deve
Ser para nós um juramento eterno !
Sabes o que é o amor ?... Sabes, Maria ?
Será esta fuzão mystica e doce
De nosso sangue ardente : o brando enlace
De nossos corações que se idolatram ;
O sôpro apaixonado, cujas chammas
Crescem e purificam nossas almas ?...
Quem o recebe extingue para sempre
Todas as mais paixões !... É a ventura,
Mas tambem é martyrio ; é riso e lagrimas,
Extasi e soffrimento...

MARION

(Commovida)

Sim... eu sinto

Que é isso, Didier...

DIDIER

Não ! Tu não sabes

O que é amar — do modo por que eu amo !

Amo-te ardentemente !... Assim que vi-te

Senti que minha vida agrilhoada

Conseguia a suprema liberdade ;

E teus olhos fulgiam de esperança

Na imensa escuridão que me cercava !

Tudo mudou p'ra mim nesse momento !

Amei-te no silencio da minh'alma,

Adorei da penumbra a imagem bella

Da celeste visão que arrebatou-me

De um viver cruciante de tristezas,

Cheio de desventuras e saudades !...

Muito soffri... e luctei mais ainda !

Si eu nunca nesta vida tinha amado...

MARION

Pobre Didier !...

DIDIER

Maria !

MARION

Sim, eu te amo !

E vejo que este amor que por ti sinto

É tão ardente como o teu !... Quem sabe

Si não é mais ainda ?... Ah ! pela terra

Seguirei os teus passos... vem ! sou tua !...

1885

Rubem Tavares

A UMA MULHER

C'est une âme charmante.

(DIDEROT)

SI eu fôra rei, criança, a teus pés depozera
Imperio, e coche, e sceptro, e c'roa d'ouro fino,
E os banheiros gentís de marmor purpurino,
E minhas naus que o mar já pouco é p'ra as conter,
E meu povo prostrado ; ai tudo, tudo eu dera
Por teu olhar, mulher !

Si eu fôra Deus, — a terra, o ar, e os oceanos,
Mais o profundo cahos, com seus antros profundos,
E o espaço sem limíte, e os céos, e immensos mundos,
E os anjos bons e máus, curvos a um gesto meu ;
E mais a eternidade e seus milhões de arcanos
Por um só beijo teu !

1885



CANÇÃO

ROMPE a aurora e teu postigo,
Inda vejo aferrolhado !
Pódes dormir quando a rosa
'stá se entreabrindo no prado ?

O' seductora,
Ouve o amante
Que canta e chora
No mesmo instante.

Ouve, em tua porta batem ;
A aurora diz : — Sou o albor,
A ave diz : — Sou harmonia ;
Meu coração : — Sou o amor .

O' seductora,
Ouve o amante
Que canta e chora
No mesmo instante.

Mulher, eu te amo ; anjo, adoro-te !
Deus te fez meu complemento
Me dando amor p'ra tu' alma ,
Olhos p'ra vêr que és portento.

O' seductora,
Ouve o amante
Que canta e chora
No mesmo instante.

1885

R. de S. Paio

LAGRIMAS NO ERMO

AGORA que Paris, seu brilho e seus primores,
Seus tectos, sua bruma escondem-se ao olhar . . .
Agora que do bosque á sombra affago as flores
E que posso dos céos o incanto contemplar ;

Por isso que do lucto e da fatal tristeza
Pallido e vencedor me esquivo á escuridão,
Sentindo a doce paz da immensa natureza
Banhar-me o coração ;

H. 16

Agora que eu já posso ao pé' de ondas ruidosas,
Do tranquillo horizonte a luz saudando aqui,
Examinar em mim verdades dolorosas
E as flores adorar do campo que sorri ;

Agora, ó grande Deus, que eu posso nesta calma
Dizer porque chorei,
E a lagem prantear que occulta o sol dest'alma
Que eu nunca mais verei ;

Hoje, que este espetac'lo o peito me extasia,
— O bosque, o rio, o valle, a doce solidão,—
Eu mísero e pequeno, ao vêr tanta harmonia
Diante da immensidade abraço-me á razão.

Eu venho a vós, Senhor ! Em vós sómente creio
E vos trago humilhado
Restos de um coração de vossa gloria cheio,
Por vós despedaçado !

Eu venho a vós, Senhor, vós sois grande o sublime
Bom, indulgente e doce, ó Deus que eu devo amar !
Sabio sois vós sómente, o homem — fragil vime —
Inclina-se do vento ao rígido passar.

Oh ! eu creio que a tumba os mortos encerrando
Lhes dá do céu o ingresso,
E que isso que nós chamamos fim, chorando,
Apenas é o começo.

Aqui prostrado aprendo, ante este quadro augusto,
Que o infinito e o real só vós o possuís,
Eu bem sei que é preciso, eu sei, eu sei que é justo
Que sangue o coração porque Deus assim quiz...

Já não resisto mais... A força em mim desmaia
Que o quiz vossa vontade...
A alma de dor em dor, o homem de praia em praia
Rolam na eternidade !

Nós vemos só de um lado os quadros desta vida,
Ennubla tudo mais mysterio assustador ;
Sente o jugo o mortal, sem causa conhecida,
E tudo o que elle vê se envolve em falsa cor !

Sempre, sempre o deserto, as sombras da tristeza
Em todo o seu viver...
Vós não quizestes vél-o aos raios da certeza
Na terra entre o prazer.

Desde que goza um bem a sorte o faz captivo,
Nada sente completo em seus rapidos dias
Para que elle, depois, dizer não possa altivo
— Aqui tenho o meu campo, o amor, as alegrias...

E tudo que o rodeia em breve hade sumir-se
Dos annos no successo...
Oh ! é preciso assim... é bom tudo extinguir-se,
Eu confesso... eu confesso.

A terra é tão sombria ! esta harmonia — immensa ;
Sempre um soluço unido á voz de uma canção...
O homem — átomo vil ; o mundo — sômbra intensa,
Tréva onde o justo se ergue e aonde os maus cairão !...

Eu sei que vós cuidaes de grandes pensamentos
No afan dessa missão,
E que a morte de um filho, á mãe si traz tormentos,
Não vos inquieta, não !...

Eu sei que o fructo tomba ao vento que o sacode,
Que as plumas perde a ave, e as flores o frescor ;
Sei que da criação a roda jámais póde
Mover-se sem que esmague o craneo a um viajor !

E entre maguas fataes os annos fogem . . . correm
Sob este azul dos céus . . .
A relva tambem murcha, as criancinhas morrem,
Eu bem o sei, meu Deus !

E além em vossos céus . . . nas plagas tão remotas,
No fundo desse azul immovel e eternal,
Cuidaes talvez, Senhor, de cousas mil, ignotas
Em que seja elemento a angustia mundanal . . .

Talvez que util se faça ao vosso plano immenso
Que esses entes divinos
Fujam, ao rebramar de um turbilhão intenso
Na noite dos destinos !

Nossa sorte cruel tem leis de atroz verdade
Que nada desconcerta, ah ! não, eu sei . . . eu sei . . .
Vós não podeis perdoar com subita piedade
Que o mundo abalaria, ó Deus ! ó Pai ! ó Rei ! . .

Eu vos supplíco, ó Deus ! minh'alma soffre e cansa !
Deveis considerar
Que doce como mãe e humilde qual criança
Venho vos adorar

Considerai também que eu tenho, desde a aurora
Pensado e combatido em lucta a trabalhar,
Explicando a natura ao homem que a ignora,
Mysterios aclarando á luz do vosso olhar.

Que eu havia, affrontando a cólera que esmaga,
Cumprido uma missão...
Que eu não podia, oh ! não, tal premio ter em paga,
Que eu não podia, não,

Prever que vós também sobre esta triste fronte
Deixaríeis cahir um braço esmagador,
E a mim — triste mortal — sem risos no horizonte
Me arrancasseis o filho, o anjo... o meu amor !

Considerai que a dor assim dilacerante
Nos leva a blasphemar,
Gritos rojando ao céu, bem como vai o infante
Rojar pedras ao mar !...

A par do soffrimento a duvida apparece...
O pranto em demasia os olhos faz cegar...
O ente que a dor mergulha em lago que ennegrece
Por não poder vos vêr não póde vos amar.

ão é possível, não, que o homem quando em dores,
Em agras afflicções,
Tenha em redor de si os mysticos fulgores
D'áureas constellações.

oje que já não sou tão fraco qual fui d'antes
Ante a face do céu me curvo humilde aqui ;
Sinto a luz dissipar-me as maguas lacerantes...
Bem haja o puro olhar que á terra desprendi !.. .

enhor, eu reconheço, o homem só delíra
Si elle ousa murmurar...
Eu cesso de accusar... Cessou a febre... a ira...
Deixai-me, pois, chorar !

Oh ! deixai-me chorar, que o pranto já transuda.
Para as lagrimas só — eu mísero nasci !
Deixai-me reclinar sobre esta lagem muda
E a meu filho dizer — « não vês que estou aqui ?... »

Deixai-me segredar aqui junto aos cyprestes
Quando a noite assomar... Talvez que despertasse...
Talvez que nesta tréva, abrindo olhos celestes
Esse anjo me escutasse !.. .

Ah ! voltendo ao passado o olhar triste e saudoso,
Sem que nada me possa agora consolar,
Eu vejo sempre . . . sempre o instante luctuoso
Em que o vi — anjo puro — as azas agitar ! . . .

E verei este instante até meu dia extremo,
E ainda ahi direi :
— Que ! pois o meu filho, o gozo meu supremo
Eu nunca mais verei ? ! . . .

Oh ! não vos irriteis . . . É negra a minha sorte,
Meu Deus, a chaga sangra, é longa a commoção . . .
A agonia dest'alma é cada vez mais forte,
Eis-me submisso aqui, mas sem resignação.

Ai ! não me amaldiçoeis, ó víctimas da vida,
Apostolos da dor !
Custa tanto arrancar a alma entorpecida
Dos abysmos do horror ! . . .

Oh ! vós bem o sabeis: um filho é sempre caro,
Senhor, quando o festeja o sol de uma manhã.
Nas névoas do soffrer, si o céo nem sempre é claro,
Si a sorte é treva horrenda em seu fatal afan . . .

Vê-lo afinal surgir — sagrada e loura fronte,
Pequeno, alegre e puro ! . . .
Como que abrem-se além as portas do horizonte,
Dos céos e do futuro !

E vê-lo longo tempo em primaveras puras
Entre graças crescer, munir-se de razão . . .
Ai, vê-lo — astro do lar, origem de ternuras —
Rasgando de noss'alma a densa escuridão . . .

Oh ! vós sabcis, Senhor ! é o bem que só persiste
Dos sonhos de prazer.
Pois bem, considerai : que cousa acerba e triste
Meu Deus ! vê-lo morrer !

1873

Carlos Ferreira



OS DOIS TROPHÉOS

—

TEM visto, ó povo, esta época
Teus trabalhos sobrehumanos,
Viu-te altivo ante os tyrannos
Calcar a Europa assombrada ;
Creando thronos herculeos,
Despedaçando áureos sceptros,
Das corôas — vis spectros —
Mostraste o potente nada !

Em cada passo titanico
Semeavas mil idéas ;
Marchavas : iam-se as pês
Que o torvo orbe prendíam ;
Tuas phalanges incólumes
Eram vagas do progresso :
Transbordadas de arremesso
De cimo a cimo s'erguíam !

Vias a deusa da gloria
Cingir-te a fronte de louros ;
Derramavam-se thezouros
De luz, por onde passavas !
E a Revolução flammívoma
Arremessava á Allemanha
Danton ; a quem, sobre a Espanha
Com Voltaire triumphavas !

Como ante os filhos da Héliade,
Curvou-se o mundo aos Francezes ;
Soberbo em frente aos revezes,
O crime cahiu-te ás plantas !

As trévas da idade-média,
A pyra do Santo-Officio,
O inferno, o erro, e o vício,
Com um lampejo quebrantas !

De teus esplendores límpidos
Estava a terra juncada ;
Fugia a noite assustada
Ao reboar de teus passos !
Emquanto a senda estellífera
Trilhavas, ébrio de crenças,
Da historia as folhas immensas
Prendiam-te entre seus laços ! . . .

Cem vezes pairando impávido
Nos campos que o sol descerra,
Curvaste a face da terra
A um teu aceno arrogante ;
Do Tejo, do Elba a victoria
Ao Nílo, ao Ad'je corria,
E o povo titan jurgia
O mesmo chefe gigante.

E os dois monumentos typicos
D'ahi surgiram um dia :
A columna—ingente e fria,
O arco—poêma ousado !
Ambos, ó povo, são symbolos
De teu poder infinito :
Um talhado de granito,
Outro de bronze amassado ! . . .

São dois phantasmas terríficos
Dos passados esplendores ;
D'outra idade vingadores
Si os vê, a Europa estremece !
Por elles velando tumido
Nosso amor, sempre sombrio,
Nas almas accende o brio
Quando o vigor lhe fallece !

Si nos ultrajam estólidos
Eil-os ahi, testemunhos,
Do valor de nossos punhos,
Nos acenando á vingança ;

No metal, no altivo mármore,
Tentamos dos veteranos
Vêr os sabios, livres planos,
A nobre perseverança.

Na hora da queda lórrida
Mais vivo o orgulho scintilla ;
Augmenta a palma que oscilla
O refulgir dos trophéos ;
As almas no fogo vívido
Accendem a sacra chamma,
E o povo em luto rebrama
No estrar dos escarcéos !

Outr'ora a phalange célere
Passava em pleno lampejo ;
Como um cávo, longo harpejo
Rolava o trovão nos montes !
Desses peitos magnanimos
Que resta ? O trabalho ingente
Que á mocidade indolente
Mostra os negros horizontes !

As raças de hoje, mais pallidas
Que os finados de outras éras,
Dessas virtudes austéras
Nem mesmo a imagem possuem ! . . .
E si elles tremem nos tumulos,
É teu alvião que sôa,
Tua bomba que rebôa
Contra os portentos que alüem ! . . .

*

Horríveis dias são proximos,
Que signaes atterradores !
Clamam — basta ! — os pensadores
Como Lear á procella !
Não póde morrer um seculo
Sem que um outro além dcsponte ;
Do porvir — no germe, insonte —
Quem ousa manchar a téla ?

Oh vertígem ! Paris fulgida
Nem sabe quem mais esmaga !
Si um poder que tudo estraga,
Si outro que tudo fulmína ! . . .

Assim lá no Sahara tórrido
Luctam contrarias tormentas,
Vibrando ás ondas poentas
Do raio a chamma divina !

Erram, ó povo, esses báraithros !
O firmamento que freme,
O rijo sólo que treme,
Conjunctamente censuro !
Esses poderes coléricos
Cuja sanha cresce ignára,
Um tem a lei que o ampara,
Outro o direito e o futuro !...

Tem Versalhes — a paróchia,
Paris — ostenta a communa ;
Mas, além dessa columna
Desata a França seu manto !
Quando devem verter lagrimas
É justo que se devorem,
Sem que a desdita deplorem,
Sem que vertam negro pranto?! ..

Fatricidas ! Gemem férvidos
Canhões, morteiros, metralha ;
Além o vândalo espalha
Do inferno as furias reveis !
Aqui, campêa Carybde,
Lá, Scilla avulta arrojado ! . . .
De teu fulgor offuscado,
Ó povo, vão-se os laureis ! . . .

Ai ! nestes tempos infaustos
Em que inglorios vivemos,
Dois fortes domínios vêmos
Estranhamento rivaes !
Um toma o arco marmóreo,
Outro a pilastra imponente ;
E o malho, e o obuz fremente
Tornam-se forças fataes !

Mas, vêde : é a França exanime
Que esses colossos sustentam !
Nosso valôr representam
Embóra ahi Bonaparte !

Sim, Francezes, si frenéticos
Derribamos essa herança,
Que restará da provança ?
Onde as honras do estandarte ? !.

Si o senhor condemna indomito,
Mais forte o povo apparece ;
Nobre a Sparta resplandece
Atravez do despotismo !
Abatei de um golpe a árvore,
Mas respeitae a floresta :
Quando chóra a patria mésta
Mais bello fulge o heroísmo :

E tantas almas intrépidas
Nas espiraes balouçadas,
Enchem náos almirantadas,
Fóssos, paúes, e campinas ;
Franquêam muralhas sólidas,
Longas pontes, torres altas .
Saudando o porvir que assaltas
Com mil armas peregrinas.

Em vez de Cesar grandíloco
Collocai, justiça, Roma ;
Vêr-se-ha que vulto assoma
Nesse cimo sobranceiro !
Condensai nesta pyramide
A turba infrene, compacta ;
Que o direito a estatua abata
Do assombro do mundo inteiro !

E que este gigante estrénuo
O—Povo—aclarando a estrada,
Tenha na mão uma espada,
De auroras cingindo o busto :
Respeito ao soldado árbitro !...
À seus pés o ódio expira !
Do vingador da mentira
Nada iguala o talhe augusto !

Surge—Oitenta e nove—athletico
Ganhando vinte batalhas !
Marselheza, és tu que espalhas
Mêdo e assombro á velha idade !...

Si o granito aqui ostenta-se,
O bronze avulta em rugidos,
E dos trophéos reunidos
Salta um grito :—liberdade ! . . .

Que ! com nossas mãos alígeras
Da patria o seio rasgamos,
E o duplo altar laceramos
Pelos Theofões invejado ! ?
Pois que ! nos padrões egrégios
A multidão delirante
Céva e clava flammejante,
Agita o facho abrazado ! ?

É aos nossos golpes válidos
Que a franca gloria vascila ;
Seus louros vírgens mutila
Nossa maça ensanguentada !
E sempre a sphyngé da Prussia !
Que horrôr ! A quem foi vendida,
Ai ! pobre patria perdida,
Tua invencível espada ? . . .

Sim ! foi por ella que inanime
De Ham o nome cahíra ;
Ante a Reischoffen expira
De Wagran o grito ovante !
Riscado Marengo ínclyto,
Waterlôo apenas resta . . .
E sob a folha funesta
Rasga-se a lenda brilhante ! . .

Uma bandeira theotonica
Enlucta nosso horizonte :
Sédan ennegrece a fronte
Que a Austerlitz deu renome !
Vergonha ! A rajada frémita
É Mac-Mahon que vibra ;
Forbach a Iena equilibra,
E o fogo as glorias consome !

Onde os Bicêtres, ó Gállia ?
Os Charentons denodados ?
Dormem os grandes soldados
Em teu leito de Procustos.

De Coburgo, de Brunópolis,
Onde estão os vencedôres
Com seus sabres vingadôres,
Correndo areáes adustos?!...

Rasgar da historia uma pagina
Não é um crime inaudito?
Não será negro delicto
Manchar vultos que tombaram?
Suffocar a voz dos márttyres
Que nunca clamaram — basta —
E sempre de frente casta
Papas e reis captivaram?

Ai! após tantas miserias
Mais este golpe cruento!
Este delírio sedento /
Que na paz mesmo abre chagas!
E tantos combates tragicos!...
Com Strasburgo queimada,
Com Paris atraíçoada,
Que valem hoje estas plagas?!...

Si da Prussia o orgulho frívolo
Vendo o seu negro estandarte
Vencedor por toda a parte,
Com Paris a suas plantas,
Nos clamasse : « Quero rapida
A vossa gloria obumbrada :
A baixo a pilastra_ousada
Com que aos orbes espantas !

A baixo esse arco insígne
— Emblema do imperio falso ! —
Quero aqui — um cada falso,
Alli — obuzes em linha ;
Contra um — fogo mortífero,
Canhão, bombardas, escopêta ;
Contra outro — a picareta !
Cumpri : a ordem é minha . »

Que vulto erguera-se esqualido
Bradando ás turbas « sofframos » ? !
Oh ! nunca, á morte corramos !
Luctemos, que o insulto é novo !

Qu'importa mais cruas maguas ?

Qu'importa um revez de mais ?

Curvar-nos ? Jamais ! Jamais !

— E vós o fizeste, ó povo !...

1873

Narciza Amália



HONTEM...

—

HONTEM a noite estiva a refulgir de estrelas
Era digna de ti, velando-nos com ellas,
Tão brando o seu arfar nos embalava a nós...
Tanto ella concentrava os placidos rumores,
Tanto ella despargia orvalhos e frescorcs
Em cada flor e em nós.

Tinha-te junto a mim, e, ardendo em viva chamma,
Ao vêr como a tua alma em teu olhar se inflamm
Admirava o fulgor que o teu rosto incendeu ;
E sem que a tua voz trahisse o vago enleio,
O terno delirar nascido no teu seio
Vinha expirar no meu.

No seu poder infindo a Deus eu bemdizia,
Que em torno á noite e a ti creou tanta harmonia,
Que para eu ser feliz fez quanto me seduz :
Creou a noite e a ti, tão bellas e tão puras,
Tão cheias de frescor, perfumes e doçuras,
Ambas cheias de luz.

Sim, louvemos a Deus no nosso ardor profundo :
É quem fez a tua alma e quem creou o mundo,
Quem me enche o coração e encanta os olhos meus
No seio do mysterio é Elle quem se encerra,
Elle é quem faz brilhar o teu olhar na terra
Como a estrella nos céus !..

É Deus quem pôz o amor no cimo da existencia,
O amor, fonte da vida, o amor, a eterna essencia ;
É Deus quem deu á noite o fulgido esplendor ;
É Deus ainda quem, ó bella, em teu semblante
Entornou toda a luz, como a taça espumante,
E no meu peito o amor.

Deixa-te, pois, amar ; que o amor é a vida,
A unica saudade, a ancia dolorida
Ao ir da mocidade o sol a desmaiar ;
Sem elle tudo é vão, elle é a luz suprema ;
A belleza é a fronte, o amor é o diadema . . .
Deixa-te coroar . . .

O que alimenta a alma, ó van crença illusoria,
Não é um pouco de ouro ou uma simples gloria,
Dos combates do orgulho o miseravel pó ;
Nem a louca ambição que vive na chimera,
Emquanto do real a catadura austera
A atormenta sem dó.

Ella só quer, vê tu, as vidas abraçadas,
Os suspiros a medo, as mãos entrelaçadas,
E o beijo, o licor puro, a doce exalação.
E tudo quanto o olhar a outro olhar inspira,
E todas as canções da perfumada lyra
Chamada coração.

Tudo tem neste mundo a sua lei secreta,
Seu logar escolhído, estancia predilecta
Onde o arrasta do instínto o constante pendor :
Tem o remeiro a barca, onde a fé o acompanha ;
Os cysnes têm o lago, as aguias a montanha,
As almas têm o amor.

1885



DEPOIS DA BATALHA

MEU pai, aquelle heróe de riso sempre aberto
Seguido de um hussard que estimava, decerto
Mais que os outros, por ser um bravo ante a metralha,
Percorria, a cavallo, apoz uma batalha,
O campo do combate involto pelo véo
Da noite ; nisto, um ruído a escuridão rompeu :
Era um bello hespanhol do exercito vencido
Que, á beira do caminho, exanime caído,
Gemia agonisante, exhausto e sem soccorro,
E que a custo dizia : « Agua! Agua, que eu morro ! »

Meu pai, magoado, estende ao seu hussard, então,
A cabaça do rhum pendurada do arçãõ,
E diz-lhe :— toma lá, dá-lh'a ao pobre ferido.—
De repente, no instante em que o hussard, pendido
O ia soccorrer, elle, um typo de mouro,
Que inda agarrava a arma, arremessa um pelouro,
Á frente de meu pai, exclamando : *caramba!*
Tão de perto lhe zune o tiro, que descamba,
O chapéu, e o cavallo acúa e se retráe.
« Vá, dá-lhe de beber, embõra ! » diz meu pai.

1885

Silva Ramos

MISERRIMO montão de vaidades do homem,
Sonhos ! que o menor vento e o menor sopro somem
Como se acaba tudo e tudo se dispersa !
O poderío, a, dor, a dor na noite immersa,
Cólera, orgulho, amor, tudo, tudo, em resumo,
Não é mais do que pó, não é mais do que fumo !
Para que tanto afan, porque tanta esperança
Si em vão se corre atrás de um bem que não se alcança ?
Dizei, homens ! porque ? Porque sempre rugindo
Ameaçaes mar e céu ? Dir-se-hia, em vos ouvindo

Soprar nesse brazeiro aceso das paixões,
No meio do furor das vossas ambições,
Emtorno do que a alma abraça, crê e espera,
Que sois feitos de bronze, e emtanto sois de cêra !

1885

Fontoura Xavier

A ALMA DO OUTRO MUNDO

QUANDO a mãe chora o filho, o céu ouve os gemidos,
Deus, que na mão encerra os passaros perdidos,
Manda, ás vezes, que volte a pomba foragida
Ao mesmo ninho seu que abandonado fica.
Ha íntima união entre a morte e a vida,
Com a sepultura, oh mãis, o berço communica.
Mais de um mysterio assim na eternidade ha.

H. 18

A mãe de que vos fallo habitava em Blois ;
 Em tempo mais feliz que o de hoje, conheci-a :
 Com a casa de meu pai a sua visinhava.
 Todos os bens que Deus permite ou dá, possuía.
 O homem que desposára era o mesmo que amava.
 Teve um filho ; meu Deus ! que alegria ineffavel !

Tinha um berço de sêda a criança adoravel ;
 Si era o primeiro filho ! a mãe o amamentava ;
 Que suave rumor fazia á cabeceira
 Do leito nupcial ! durante a noite inteira
 Estava a idear a mãe chimeras que a encantavam,
 Pobre mãe, e na sombra os olhos seus brilhavam,
 Quando, sem respirar, se n voz, renunciando
 O somno, se inclináva, e naquella attitude
 Escutava o dormir tão socegado e brando
 Da criança gentil corada de saúde.
 E, logo cedo, estava, orgulhosa, a cantar.

Na poltrona, p'ra traz, ia-se recostar,
 Entremostrando o chale e seio entumecido,
 A sorrir para o filho, a chamar-lhe querido
 Anjo, thesouro, amor ; e outras tantas loucuras.
 E beijava-lhe os pés, rosadas miniaturas,

E fallava-lhes muito ! e o menino ria,
Encantador e nú, e, por baixo dos braços,
Dos joelhos á bocca a mãe o suspendia.

Íremulo como um gamo ao qual assusta os passos
Uma folha, cresceu. Crescer é cambaleiar
Para a criança. Entrou a andar, a fallar,
Tres annos completou : idade suave e bôa,
Em que a palavra já bate as azas e vôa,
Como um passaro novo ainda. E a mãe dizia
A estremecer de amor : « Meu filho ! » e proseguia :
« Como elle está crescido ! olhem como cresceu !
Já está aprendendo ; e já conhece o seu
A B C . Isto é um demoninho ! Já
Quer calças, e não quer saber dos vestidínhos ;
São já bastante máus estes taes homemzinhos !
Mas, enfim, já lê bem ; ha de ir longe : é bem ágil
E vivo : no Evangelho o ensíno a soletrar . »
E demorava olhando essa cabeça fragil,
E mulher venturosa, e mãe de altivo olhar,
Sentia o coração no filho palpitar.

Im dia,— e quem não tem o seu funesto dia ?
A *coqueluche*, o monstro, a negra ave sombria,

Sobre a casinha branca, eis, subito, desceu.
Contra a pobre criança, horrenda arremetteu,
Agarrou-lhe a garganta : oh negra enfermidade !
Do ar com que se vive infame deslealdade !
Quem não viu debater-se um magro e pobre ente
Que ella feroz constrínge em seus dedos, suffoca !
Lucta ; os olhos lhe invade a sombra lentamente,
Um estranho estertor sái-lhe da fria bocca,
E tão mysterioso e tal que nos parece
Ouvir cantar no peito, onde o alento fallece,
O gallo do sepulchro á sua aurora escura.
Qual fructo que sentiu da geada a mordedura,
A criança morreu. Entrou como um ladrão
A morte e o carregou. — Mãi, pai, toda a afflicção,
O esquife, a cabeça a bater na parêde,
Lugubre soluçar que da entranha se expede,
Oh ! a palavra expira onde começa o grito ;
Silencio, língua humana !

A mãi de seio afflicto,
Emquanto ao lado seu, sombrío, o pai chorava,
Tres mezes conservou-se ella immovel no escuro,
Fixo o olhar, murmurando o quer que era obscuro,
Sinistra, e o mesmo canto olhando como olhava.
Não comía ; de febre, eis do que ella vivía :

Não fallava a ninguem ; a bocca lhe tremía :
Ouviam-na, e o pavor chegava d'alma ao imo,
Repetir em voz baixa álguem : « Restituí-m'o ! »
Disse o medico ao pai : « Cumpre dar distracção
A'quella angustia d'alma, e ao morto um irmão. »
E o tempo passou : dia, semana, mez.

Ella sentiu-se mãi pela segunda vez.

Do ephemero anjo ante a camínha fria,
Lembrava-se da voz com que elle lhe dizia :
« Mamãi », a meditar, muda, no leito seu.
Quando em seu seio emfim o ente estremeceu,
Que á nossa luz mortal mandou Deus que surgisse,
Ella empallideceu. « Que estranho é este ? » disse.
De joelhos cahíu, no olhar sombrio lume :
« Não, não, não quero ! não ! tu terías ciume,
Meu filho adormecido a quem a terra géla !
Dirias : « Tomou outro o meu logar ; e ella
« Esquece-se de mim ; ella o ama, e sorri ;
« Acha-o bonito e abraça, e eu, gelado aqui ! »
Não, não ! » —

Assim chorava aquella dor sombria.

Dá outro filho á luz, quando é chegado o dia,
E exclama alegre o pai : « É menino tambem. »
Mas só o pai se alegra em casa, mais ninguem.
A mãe está triste ainda, e a pallida senhora
Sobre a lembrança antiga ainda se inclina agora
E medita ; no entanto alguem trazer-lhe veio
O filho; não se oppoz e lhe entrebrou o seio ;
Nisto, e quando, a pensar, feroz e succumbida,
Não no filho que tem, mas nessa alma fugida,
Não na faixa infantil, porém sim no sadario,
Diz : « No tumulto o anjo está tão solitario ! »,
— Oh milagre de Deus ! Oh ! mãe recompensada !
Ouve fallar, com um som de voz bem conhecido,
Na sombra, no seu collo, o seu recém-nascido,
E baixo murmurar : « Sou eu. Não digas nada. »



AVE, DEA, MORITURUS TE SALUTAT

(*Soneto * a uma filha de Th. Gautier*)

BELLEZA e morte são duas cousas profundas
Que contêm tanto azul e tanta sombra, quaes
Foram duas irmãs, terríveis e fecundas,
Encerrando um enigma e um segredo iguaes.

* Unico soneto de V. Hugo

Morenas, louras, ai ! bellas visões jucundas,
Vivei, eu morro ! Amai, brilhai cada vez mais,
Oh perolas que andaes do mar nas ondas fundas,
Oh passaros de luz que em negra selva estacs !

Judith, nosso destino é bem mais semelhante
Do que se pensa ao vêr o vosso e o meu semblante:
Todo o divino abysmo em vos o olhar está,

E eu — sinto em minh'alma o abysmo estrellado ;
Perto do céo, senhora, hemos ambos chegado,
Porisso que sois bella e eu sou velho já.



ANIMA PLENA

Eu, que nos lábios tive a tua taça cheia,
Que já nas tuas mãos pousei a fronte triste,
Que respirei-te da alma, e tanto ! o doce halito,
Perfume que na sombra occulto e casto existe ;

Eu, que já pude ouvir de ti essas palavras
Que um coração começa e o outro advinha ;
Eu, que junto dos meus já vi chorar teus olhos
E sorrir tua bocca ao alcance da minha ;

Eu, que já recebi sobre a cabeça em extase
Um raio de teu astro, ai ! sempre tão velado ;
Eu, que já vi cair na onda de minha vida
Um petalo de rosa aos dias teus roubado ;

Posso agora dizer para os rapidos annos :
« Passai ! passai ! p'ra mim não ha envelhecer !
Levai, levai comvosco as vossas murchas flores ;
Tenho n'alma uma flor que não podem colher !

De vossa aza ao roçar não cái nem uma gotta
Deste vaso em que bebo, e eu enchi-o bem !
Meu coração tem mais amor que vós olvido !
E mais que cinza vós, minh'alma fogo tem ! »



HONTEM Á NOITE

HONTEM a brisa da noite,
Cujo sopro acaricia,
Das flores que tarde se abrem
O perfume nos trazia.

A noite cahia. O passaro
Dormia na escuridade.
Trescalava a primavera,
Mais, a vossa mocidade.

Mais o vosso olhar brilhava
Do que os astros — luz perenne,
E eu fallava baixinho . . .
Porque era a hora solemne

Em que a alma cantar costuma
Seu hymno mais doce della.
Ao vêr a noite tão pura,
Ao vêr-vos a vós tão bella,

« Vertei o céo sobre ella ! »
Eu disse aos astros, e após
Aos vossos olhos eu disse :
« Vertei o amor sobre nós ! »



AD MAJOREM DEI GLORIAM

Com effeito, o nosso seculo ó admiravelmente delicado. Imagina elle, porventura, que esteja completamente extincta a cinza das fogueiras? que dellas não-reste mais nem um tição quo acconda ainda um archote? Insensatos! chamam-nos *jesuitas*, julgando que nos cebrem do opprobrio! Mas os *jesuitas* lhes reservam a excommunhão, uma mordaga e fogo... E, um dia, hão de ser os senhores de seus senhores.

(O padre ROOTHAN, *geral dos jesuitas*, na conferencia de Chiéri.)

— LLES disseram : « Nós vencedores scremos.

Padres pela sotaina e pelo ardil soldados,

Direitos, leis, progresso havemos derrocar,

E com os destroços disso erguer um forte havemos,
E lá p'ra nos guardar, quaes cães de fila irados,
Dos preconceitos crús a grey desaçaimar.

« O cadafalso é bom ; é necessaria a guerra ;
Povo, acceita a pobreza, a ignorancia acceita :
Para o inferno o tribuno em corpo e alma vai ;
O homem que nada sabe é o anjo da terra.
Ha de a nossa legião, de força e astucia feita,
Embrutecer o filho, amordaçar o pai.

« Nossa palavra, hostil ao seculo que passa,
Ás turbas choverá da tribuna sagrada ;
Os tímios corações, ella os regelará,
Matando o germen todo util e bom que nasça ;
Dissolver-se-ha depois como no chão a geadá,
E quem a procurar não mais a encontrará.

« Sómente... hão de ter frio as almas que escutavam
E não arderá mais nenhum dos fogos santos ;
E si aos homens de então alguem bradar-lhes mais :

— Salvai a liberdade : os vossos pais a amavam !
Hão de rir (que virão de nossos negros antros)
Da liberdade morta e de seus mortos pais.

Padres, havemos ter uns motes muito sabios :
— Ordem, Religião, Família, Propriedade :
E si, judeu, pagão, mouro ou bandido, alguém
Vier nos ajudar com o perjurio nos labios,
Archote e ferro em punho, ébrio de atrocidade
A roubar e a matar, diremos : Está bem !

Vencedores, fataes, temidos, sem receio
Havemos de viver, fortes no inacessível.
Mithra, Christo, Mahomet bem pouco se nos dão !
Reinar é o nosso fim, — desterrar, nosso meio.
E, si algum dia ouvir-se o nosso riso horrível,
As trévas da alma humana em sustos tremerão

Amarraremos a alma em profunda caverna.
É o fellah do Nilo, ou é da Hespanha o frade
O ideal da nação governada e servil.

Rasão, direito, abaixo ! a espada viva eterna !
Cadella sôlta é a idéa, e mais nada, em verdade.
Cadeia com Rousseau ! Voltaire p'ra o canil !

« Si o espírito luctar, nós o suffocaremos.
Ao ouvido á mulher fa lar baixinho vamos.
Teremos os pontões, a Africa, o Spielberg.
A fogueira morreu ? — de novo a accenderemos ;
Não podendo atirar-lhe o homem, lhe atiramos
O livro ; em falta de Huss, queimamos Gutttemberg.

« Quanto á razão, que estende á Roma a audacia sua,
Chamma accesa por Deus no humano craneo, aquella
Que a Socrates luzia e guiava a Jesus,
Nós, bem como o ladrão que roja e se insinúa,
E começa, ao entrar, por apagar a vela,
Furtivos, por detraz, sopraremos a luz.

« Na alma humana então será noite fechada.
Sobre o aniquilamento é que o poder se apura,
O que nos parecer faremos sem rumor.

Nem um respíro, nem um bater d'azas, nada
Se agitará na sombra, e tõe mais escura
Do que a noite ha de ser nosso forte em negror.

« Reinaremos. A turba é onda que obedece.
O mundo ha de curvar-se á nossa força estranha ;
Teremos o poder e a glória no apogeu ;
Sem medo algum, pois fé nem lei nos entorpece... »
— Quando habitasseis já das aguias a montanha,
De lá, disse o Senhor, vos arrancára eu !

Lucio de Mendonça



NÃO PARTAS

EU vivo do ar que respíras ;
E como, dize-me agora,
Ficar, si tu te retíras,
Viver, si te vais embora ?

Que me serve ser a sombra
De um anjo, que surge e passa ?
Ou de um céo, que o lucto assombra,
A noite pesada e baça ?

Eu sou a flor das muralhas,
De que abril é o só viver ;
Basta que tu me não valhas,
Que partas, para eu morrer.

Em vêr-te, puz meu cuidado ;
Toda a luz de ti me vem ;
Si ficas, fico a teu lado ;
Si partes, parto tambem.

Si partes, rói-me a tristeza ;
E aos céus, — ao ninho, medrosa,
Vôa minha alma — vai presa
Nos teus dedos côr de rosa.

No tédio negro da ausencia,
Triste de mim ! que serei ?
— É tua ou minha a existencia
Que se desfaz ? — Não no sei.

Quando me falta a coragem,
Eu bebo-a no teu affago,
Bem como a pomba selvagem,
Nas aguas puras de um lago.

O amor ás almas ensína
Como o universo é bemdito,
E esta chamma pequenina
Inunda todo o infinito.

Sem ti, a vida é a morte :
O mundo cárcer fechado,
Onde vago á lei da sorte
Sem amar, sem ser amado.

Morna tristeza funesta
Tudo desfolha ; meu cílio
Se enche de sombra ; uma festa
É uma campa ; a patria exílio.

Eu te imploro e te reclamo,
Oh pomba, que de minha alma
Entôas de ramo em ramo
Hymno que as dores me acalma !

Que desejo me convída,
Que posso temer ? — enfim,
Que farei da propria vida,
Si já não estás junto a mim ?

És tu que levas no vôo,
Aos céus e aos campos em flor,
Numa aza as preces que então,
Noutra meus hymnos de amor.

Aos tristes campos, que véla
O lucto de íntima dor,
Que hei de contar ? que da estrella
Farei ? — que farei da flor ?

Que direi á selva umbrosa ?
— E á triste flor que amanhã
Interrogar-me chorosa :
— Onde se foi minha irmã ? —

Morrerei ; parte, si o ousas !
Dias volvidos, porque
Olhar todas estas cousas,
Que o seu olhar já não vê ?

E que me importam destino,
Virtude e lyra sonora ?
E sem teu riso divino,
Que me importa o rir da aurora ?

Que farei, sem mais desejos,
Sem ti, sem luz e sem cantos,
Sem teus labios, — de meus beijos,
Sem teus olhos, — de meus prantos?



RECORDAÇÃO DE UMA TARDE

—

U MA tarde, ella disse-me, sorrindo :
— « Amigo, porque fitas incessante
No occaso o dia, em sombras se esvaíndo,
Ou o astro de ouro a erguer-se no levante ?

Que procuras além, com os olhos longos,
Immersos na amplidão profunda e calma ?
Ah ! desprega-os da abobada longínqua !
Entranha-os em minha alma !

No vasto céu que vês, com os olhos vagos,
Cheios de sonhos, na amplidão perdidos ?
Que aprenderás que valha meus affagos ?
Meus sorrisos, meus beijos insoffrídos ?
Oh ! de meu coração os véus levanta !
Mergulha, afoga a vista no meu seio,
Sonda, contempla o abysmo de minha alma
Como é de estrellas cheio !

Que sões ! Amor, dedicação, ternura,
A irradiar da vida na aspereza !
Nem sobre os montes candida fulgura
Mais bella Venus, brandamento aceza.
O vasto azul dos céus é menos amplo,
Menos profunda a abobada sombria,
E esse espaço, que vês, menos celeste
Que o céu, que em mim radia.

É grato vêr a luz que um astro espalha,
A aurora, que serena apavonou-se ;
Dôce a flor que de lagrimas se orvalha ;
Mas o encanto de amar inda é mais dôce.
É o raio que vai de uma alma á outra
A verdadeira luz, a melhor chamma :
Tem mais prodígios o íntimo universo
Nos seios de quem ama.

Mais vale o amor em florescida gruta
Que ignotos sóes na abobada brilhante ;
E Deus, que o coração do homem perscruta,
Poz-lhe perto a mulher e o céu distante :
E áquelle que no espaço o olhar embebe,
E áquelle que no azul a idéa aninha
Disse : « Vivei ! amai ! O amor é tudo ;
O resto— a sombra minha. »

Amemos, pois ! Desprende os olhos vagos
Dos frios astros, que no espaço moram :
Mais belleza, mais luz e mais affagos
Te ameigarão em olhos que te adoram.

Amar é ver, palpar a immensidade,
Sentir de Deus o espírito invisível,
Compreender o infinito :— á melhor alma
Pertence á mais sensível.

Vem ! Não ouves, de arroubo transportado,
Branda harmonia em fremitos de flores ?
É o universo em lyra transformado
Que canta nossos languidos amores.
Vem ! amemos ! Corramos sobre a relva
Repassada de tepidos perfumes ;
Da immensa vastidão volve os teus olhos ;
Abrazam-me os ciúmes ! »

Assim ella dizia-me — ao de leve
Posto na mão de alvura crystallina
O lindo resto de rosada neve,
Na posição de um anjo que se inclina ;
Tinha a voz grave, austéra, e aquelle gesto
Que pelo encanto enleva-me e extasia ;
Bella e tranquilla, e de ventura ufana,
Assim ella dizia...

Suffocava-me o extase ; batiam
Os nossos corações ; da tarde as rosas
As lucidas corollas entreabriam
Que fizestes, oh arvores frondosas,
Das nossas phrases ? Penhas, que fizestes ?
Destino escuro é este que nos guia !
Como um dia vulgar, pudeste, oh tempo,
Sumir aquelle dia !

Thesouro em sombra avara amontoado,
—Terna saudade !—do sonhar de outr'ora
Turvo horizonte !—raio do passado !
Fagueira luz fugaz de extíncta aurora !
Como do limiar de um templo, a alma,
—Onde mal ousa penetrar, de fóra,
Em mar de scismas naufragada e louca,
Contempla-vos, e chora.

Riscac da mente a idéa da ventura,
Quando ao tempo feliz succede o amargo :
Esgotada a esperança, a taça escura
Lança e ao mar do olvido, quedo e largo ;

O olvido ! o esquecimento !—a onda surda
Que tudo sorve na soidão tranquilla !
Oceano sombrio, onde a alegria
Se atufa e se aniquilla !

1885

Theophilo Dias

VELHA CANÇÃO

—

EU não pensava em Rosa... Ambos uma vez fomos
Passear pela floresta os corações joviaes ;
Fallavamos do sol, dos pássaros, dos pômos,
E não sei do que mais.

Indifferente e frio, acompanhava-a apenas,
Distrahido a fallar com distrahida voz
Do clarão da manhã, do alvor das açucenas...
E seu olhar azul dizia-me : *E depois ?*

O orvalho scintillante a nossos pés tremia,
Cobriam-nos de sombra as árvores quietas;
Rosa — as ternas canções dos roxinóes ouvia,
Eu — dos melros joviaes ouvia as cançonetas.

Tinha vinte annos ella e dezeseis eu tinha;
Eu era frio; nella, os olhos scintillavam...
Os ternos roxinóes saudavam-n'a — rainha,
E os melros me assoviavam.

Nas pontinhas dos pés o lindo corpo erguido,
Rosa o braço estendeu para uma fructa... Presa
A manga, descobriu-se o braço; e distrahido
Eu nem lhe vi do braço a esculptural belleza.

Uma fonte corria a nossos pés, na alfombra,
Beijando mansamente as relvas orvalhadas;
E, em torno, a natureza adormecera á sombra
Das árvores em flor tranquillias e caladas.

Rosa, graciosamente arrancando o sapato,
Com um ar de criança, um gesto delicioso,
O rosado pésinho immergiu no regato...
E eu nem lhe reparei naquelle pé mimoso.

lá nem sabia mais o assumpto em que fallar-lhe ;
Caminhava após ella, acanhado, indeciso,
Vendo-a ás vezes sorrir e ás vezes borbulhar-lhe
Um suspiro atravez das rosas de um sorriso.

Ai ! E só vi quanto ella era formosa, quanto !
Ao sahirmos do bosque . . . Ahí, disse-me Rosa :
Não pensemos mais nisto . . . Esquece-te . . . No entanto,
No entanto desde então não penso neutra cousa !

1885

Vicente de Carvalho



P OIS que nossa alma a santa
A amor reduz
A musica que canta,
Aroma ou luz ;

Pois que todas as cousas
Dão, minha flor,
Ora o espinhc; ora a rosa,
Ao seu amor ;

E o tempo entrega ás flores
Um hymno, o vento :
E a noite entrega ás dores
O esquecimento ;

E o céu dôa á floresta
O passarinho ;
E humido orvalho empresta
Ao rosmaninho ;

Si o mar que ao longo estua
Vem sempre dar
À praia branca e núa,
Um beijo, o mar ;

Tambem vou dar-te, amor,
Meu cherubím,
A cousa que melhor
Eu tenho em mim.

Eu dou-te a triste e meiga
Voz de meus cantos,
Que, como o orvalho, chega
Líquida, em prantos.

Dou-te a canção sincera
Que já compuz
Da minha vida inteira,
Ou sombra ou luz,

Mais a ebríez sonóra
Que a lyra estíma,
E a ternura que móra
Dentro da rima ;

A lua que, para vél-a,
Vou nos abrolhos
Apenas tendo a estrella
Dos teus olhos :

A musa que é tão rica
De sonhos que
Chóra ao teu pranto e fica
Chorando, crê.

Faz da canção o abrigo,
Ó minha amada !
Tirado o amor, commigo
Não resta nada .

1885

João Ribeiro

OCEANO NOX

QUE innumerous patrões e quantas equipagens,
Que partiram, buscando incognitas paragens,
Guarda o môrno horizonte — ha seculos — occultos !
Quantos dormem alli — sorte medona e crúa !
Presa do fundo Occano em noite erma de lua,
Sob as aguas do Mar, do cêgo Mar sepultos !...

Que de bravos, meu Deus ! dormem no immundo pégo
O vento os dispersára . . . e, caprichoso e cégo,
Para longe lhes leva os carcomidos ossos . . .
Ninguém lhes sabe o fim mysterioso e triste !
A onda passa e, ao passar, leva o que ainda existe :
Leva uma o casco, e a outra os ultimos destroços.

Ninguém sabe de vós, naufragos errabundos,
Que no dôrso rolaes dos vagalhões profundos,
Com as fronte chocado as syrtes ignoradas . . .
Quantos pais, quantas mãis, que só de vós cuidavam
Fináram-se, esperando as vítimas amadas,
Que nunca mais tornavam !

Á tarde, muita vez, moços e raparígas
Recordam-se . . . e, ao redor das âncoras antigas,
Vossa recordação junta-se ainda a espaços
Aos risos, ás canções, ás trovas namoradas,
Aos beijos que se dão ás vossas desposadas,
Emquanto repousaes á beira dos sargaços.

Pergunta-se : — Serão reis numa ilha distante ?
Preferiram á patria outra mais verdejante ? —
Depois, no esquecimento, a lagrima se escôa . . .
Perde-se o corpo na agua e na memoria o nome ;
E o tempo que, ao passar, tantas dorcs consome,
O caso lamentoso ao velho Mar perdôa.

Cedo, todos na aldeia esquecem-vos : a vida
Na charrúa ou na barca é bôa e distrahida . . .
Só, á hora em que ruge e ondeia a tempestade,
Uma viuva, o olhar ás vagas estendendo,
Falla ainda de vós, as cínzas revolvendo
Do lar e da saudade . . .

E quando, enfim, a morte as palpebras lhe cerra,
Ninguem vos lembra mais sobre a face da terra,
Nem quem fostes, siquer, uma inscripção recorda . . .
Ai ! nem a arvore ao duro inverno desfolhada
E nem mesmo a canção monótona e maguada,
Com que o echo um mendígo em lagrimas acorda !

E o que é feito de vós nessas trévas hediondas?...
Que tristes narrações podem fazer as ondas!
Negras vagas — terrôr da mãe, que ora e que ancei
Vós vol-as repetís em tremulos accents,
E é isso o que vos dá os lugubres lamentos,
Com que vindes, á noite, agonisar na areia...

1885

J. Dias da Rocha

NÓS

SOMOS proscritos nós; o abysmo povoamos ;
De um crime o regosíjo, em trévas contemplamos ;
Vemos a alma vencida ao instíncto animal,
E da fortuna o beijo infame dado ao mal ;
Em ditosos mortaes achamos miseraveis ;
Fallamos entre nós de cousas veneraveis
Da trahida multidão, da morta liberdade ;
Do carro de Adonáí somos a realidade ;

As ferteis multidões banhamos d'esplendor ;
Desapparece e volta o nosso resplendor,
Sempre a sobrenadar nas ondas, vigoroso ;
Apenas vive em nós um amor tenebroso ;
Adoramos a França estando em enxovias.
Não nos mandeis porém abalar penedias,
Ou no vôo prender negras alerções,
Faríamos, e o mesmo aos ventos e trovões !
Motejamos do crime aspirandó absolver-nos :
Com ribombos de raio esperar, podem vêr-nos.
Graves, imaginando o anathema ideal,
Que lei seja o direito e Deus reine afinal,
Que deixe a humanidade a perfida loucura ;
Das portas infernaes chaves em penca escura
Nós vamos atirar por sobre os parricidas,
Antes que tenha o pinho as folhas resequidas,
Antes de a seu solstício o sol renunciar,
O direito e a justiça em nós hão de imperar.
Em presença do mal que os despotas perpetram ;
Nossas vozes o céu em testemunho impetram ;
Escrevemos então co'uma penna de bronze :
Sylla, Fillipe dois, Tiberio, Luiz onze ;
Tremem em face a nós ; succedem-se estações,

Que importa ! arrebatamos virações
As paginas crucis ; si é o monarcha Deus,
Nós, os filhos da luz, então, somos atheus.
Vendo ás vezes porém Satan divinizado
Cega-nos o furor, por nós tudo é negado,
E em nossos corações o odio se alimenta
E vem morder-nos a alma, a mãe que o amamenta ;
Mas Deus concede a queixa ao justo que o venera.
E, no aspero dezerto, em plena primavera,
O canto da cigarra escutando, sonhamos.
Temos em torno a nós os filhos que adoramos
E para o que tem fome a mesa hospitaleira,
E esperamos o fim da vida forasteira
A murmurar : ó vem, Nemésis salvadora !
Traçamos livro casto á borda mugidora
Do amor, e tudo enfim que são nossas acções
Semelha á douda furia enorme dos leões.

1885.

Silva Nunes Jr.



A OBLAÇÃO

É RA alta noite, e eu sobre uma elevada
Montanha, que se erguia para os céus,
Fitava a grande abobaða azulada !

E minha irmã me disse : « amigo, os teus
Sonhos, acaso, irão além da terra ?
O que te prende ao céu ? qual o teu Deus ?

« Que santa bíblia o teu amor encerra ? »

E eu disse-lhe que orava. Ella tornou-me :

« Esse fundo mysterio me descerra :

« Onde o templo que as tuas preces tome ?

O illuminado altar edificante ?

O incense, que em subtis nuvens se some !

« O calix, a oblação, o celebrante,

A branca hostia, a immaculada cruz ?... »

E eu disse : o templo é esse... o espaço adiante !

O sacrificio, vê...—Cheia de luz,

Clara e radiosa a lua resurgia,

Qual hostia immensa pelo espaço á flux.

Solemnidade augusta ! parecia

Que a natureza inteira, a criação,

Uma sagrada hosanna a Deus erguia ..

Tudo ostentava a fervida oração !

E á minha irmã, com voz de quem supplica,

Eu disse: ajoelha... é Deus que sacrifica...

— Eis immensa nos céus sua oblação,

1885.

A. Moreira de Vasconceli



PASSEIANDO PELA MANHÃ

INDA agora na praia estava muita gente
Parada, a vêr por terra um velho cão dcente,
Dizia uma criança : « Está quasi a expirar »...
Atiravam-lhe espuma os vagalhões do mar.
— Ha tres dias que o vejo assim, naquelle estado,
Commovída me disse uma mulher :— Coitado !
Tres vezes o chamei e o affaguei ; em vão ! —
Um velho accrescentou : — É dono deste cão

Um marinheiro ausente. — Um marujo apparece
Numa janella, e diz : — Este animal fallece
Com saudades do dono. O dono vai chegar ;
Desconfio, porém, que o não ha de encontrar. —
Cheguei-me junto ao cão ; morto me parecia !
Tinha immovel o corpo e os olhos não abria.
Vinha a noite a cahir quando o dono chegou.
Era velho tambem. Os passos apressou,
Quebrados pelo tempo. Em menos de um segundo,
Murmurava baixínho o nome ao moribundo.
Caliginoso olhar lançou-lhe o cão. Moveu
A triste e velha cauda uma vez só. Morreu.
Era a hora em que sob a abobada esplendente
Vespa fulgura como um ígneo faxo ardente.
E eu fiz então á Noite esta interrogação:
A estrella donde vem ? para onde vai o cão ?

1885.

Arthur de Azevedo

★ ★ ★

O H doce amor de mãe qu'em nós gravado fica !
Sagrado pão, que Deus reparte e multiplica !
Mesa posta, que o lote, a cada qual no lar
Reserva, a todos dando inteiro o seu lugar.

1875.

S. Sebrão

APÓS UMA VISITA ÀS GALÉS

CADA uma criança a quem se ensina a lêr
É um homem de bem que se consegue obter.

De um cento de ladrões que estavam nas galés
Noventa numa escóla, ai ! não puzeram pés,
E não sabiam lêr e assignavam de cruz,
O crime acharam só nessa falta de luz.

A ignorancia é noite em que o abysmo começa.
Onde a razão rasteja, a honradez pereça !

Deus, primitivo auctor do livro que apparece,
Foi quem na terra poz, onde o ebrio se embrutece,
As azas celestiaes em paginas impressas !
Quereis voar, quereis ? Tomai um livro ás pressas,
E voar podereis, forte e desassombrado
Das regiões da alma ao páramo encantado !

A escóla é sanctuario assim como a capella.
As letras do *a b c* contêm virtude bella.
Para a alma da criança, esse anjosinho inquieto,
A mais sublime luz emana do alphabeto.
Aos pequeninos dá o livro pequenino !
A noite faz o erro, o erro o assassino.
De alampada na mão mostrai sempre o caminho.
O homem sem ensino é animal damninho,
É homem animal, cabeça inacabada,
Triste instincto que vai co'a palpebra furada
Tacteando do mundo a região moral.
Ó cegueira infeliz ! da tumba olhar fatal !

Do espírito se accenda a luz, seja isto lei !
Tomai o sebo vil, fulgente luz fazei.
O espírito não quer nem obice, nem tranca,

Semente, de brotar direitos tenha franca !
E fique bem patente esta verdade immensa :
— Não vive neste mundo aquelle que não pensa !

Direito estes ladrões possuíam de viver.
E nisto pensai bem : — A Escola tem poder,
Do cobre transformar em ideal thesouro,
Emquanto que a ignorancia em chumbo muda o ouro.
Eu digo que estes taes ladrões eram senhores
Desse thesouro, sim, e destes esplendores :
— Seu pensar immortal, augusto, imprescindível !
Direito tinham, pois, direito indiscutível
De se voltar p'ra nós a quem a luz sorriu
E contas nos pedir da luz que lhes fugiu.

O que eram ? Homens ! Ai ! E brutos os fizemos !
De crimes foram réus. A culpa nós tivemos.
São elles a final os unicos roubados.
As máculas de horror de que acham-se nodoados,
Da nossa parte só tiveram nascimento !
Por acaso, talvez, podiam num momento
Tomar a luz que mostra a senda bella e rude,
Do asperrimo trilhar, do bem e da virtude ?

São infelizes, são ! antes do que inimigos,
Primeiro crime foi o nosso e sem castigos !
A chamma do pensar nós fomos que a apagámos
E aos míseros galés as almas nós roubámos.

1885

Guilherme Martins



A FONTE

DA espalda dum rochedo, gotta a gotta,
Límpida fonte sobre o mar cahia ;
Mas, ao vêl-a tombar em seu regaço,
« O que queres de mim ? » o mar dizia :

« Eu sou da tempestade o antro escuro.
« Onde termína o céo ahi começo ;
« Eu que em meus braços toda a terra estreito
« De ti, tão pobre e vil, de ti careço ? »

No tom ruidoso do quebrar das aguas

A fonte diz ao mar, que assim murmura :

« A ti que és grande e forte, a pobre fonte
Vem dar-te o que não tens, dar-te a doçura. »

1865



A ESTATUA

QUANDO o imperio de Roma esboroado
Em ruínas tombou como Carthago
 Num fundo precipício ;
Quando rasgado o manto de grandeza,
Esse poço cahiu cansado e farto
 De glorias e de vício ;

Quando morreu no fausto como Tyro
A raça escrava que a sorrir beijára
Seus élos infamantes,
Ebria de vinho e sangue endeosando
Catão e Tegillíno — a luz e as trévas,
Os vérmes e os gigantes ;

Foi esse um drama pavoroso e negro,
Inquieto cenobíta meditava
No antro das visões,
E ouviu-se por tres seculos nas sombras
Desse mundo maldito entre os tripudios
O rugir dos trovões...

E por sobre o painel de horror e lucto
Em funebre cortejo os vícios todos
— Esqualidos pararam ;
E, como á noite o brilho dos relámpagos,
As espadas de sete árchanjos negros
Nas nuvens flammejaram.

Juvenal, — o pintor do drama escuro,
É a estatua do sol que se levanta
No passado de Roma ;
Em torno a elle estende-se o deserto,
E lê-se-lhe no olhar brilhante e fixo :
« Por ter visto Sodoma ! »

1865

J. Julio dos Santos

AOS BRAZILEIROS

EU amo a vossa patria
De céo adamantino
Em nuvens azuladas,
O Edem peregrino !

Eu amo vosso sol,
Ardente, soberano,
Que cobre deslumbrante
O sol americano ;

Vós sois a primavera,
O dia ameno e puro,
Eu sou a triste tarde
Do inverno taciturno ;

Eu amo a luz da aurora,
Ao vê-la se expandir,
E sinto ao contemplar-vos
Minha alma reforir.

Cresceis agigantados !
A Europa, o velho mundo
Traçou a sua historia
Num rapido segundo ;

Sereis a Europa, um dia,
Hoje, amanhã, talvez.
Vencei os dias máos,
Marchai com rapidez ;

Vós tendes pela frente
Futuro deslumbrante ;
Nas vossas mattas de ouro
Se escuta sussurrante

O sopro do progresso,
Da força, — luz e brio,
Scintilla em vossas fronte
Uma aurora de estio !

1885

Nuno Alvares



RELIGIO

—

CALHA a noite placida e terrível ;
Hermano disse-me : — Qual é tua crença ?
Qual a bíblia em que lês ? Acaso, dize-me,
És teu proprio gigante ?
Si teus versos não são espumeos flocos,
Si não é tua estrophe um tição negro,
Por sobre o nada — esse montão de cinzas —
Fumegando um instante ;

Si não és por ventura alma descrente
 No abysmo submergida, — a fonte, dize-me,
 Em que bebes, qual é? qual teu ciborio?

A tua Eucharistia? —

Eu mudo conservava-me, elle disse :
 — Ao templo, sonhador, que civilisas,
 Porque não váis orar? — Iamos ambos

Pela selva sombria...

E respondi-lhe : — Eu óro.

— Oh! em que templo?

Qual é o celebrante que tua alma
 Em extasis contempla? E a que altares

Piedosa se rendeu?

Ella a que confessor sóe penitente
 Expandir-se?

— É o vasto azul — a Igreja.

Eu respondi-lhe, e o padre...

Nesse instante

Illuminou-se o céu ;

E a lua, — hóstia enorme, — no horizonte
 Ia lento subindo ; o cedro, o ólmo,

A alcyone, o lobo, a aguia, o bosque, tudo

Sentia a commoção ;

É solemne ! mostrando-lhe o astro de ouro
Por sobre a terra escurecida, eu disse ;
— Curva-te ! O proprio Deus é que officia,
E eis a elevação !

1885

Lucindo Filho

PERGUNTAVAM elles : — Como,
Em nossos bateis sem veias,
Dos beleguíns fugiremos?...
— Remai ! respondiam ellas.

Perguntavam elles : — Como
Esqueceremos querelas,
Miserias, perigos, maguas ?
— Dormi ! respondiam ellas.

Perguntavam elles : — Como
Encantaremos as bellas,
Sem termos magicos philtros?...
— Amai ! respondiam ellas.



AMBOS juntos e sós, satisfeitos e rindo
Iamos apanhar as cerejas ao prado ;
E ella os galhos vergava, ás arvores subindo,
Com seus braços gentis de marmore nevado.

A aragem despencava as folhas ; que harmonia
Dentro e fóra de nós, que amplidão na paizagem !
Seu collo brando, ideal ondulava e fremia,
Entre as flechas do sol e o negror da folhagem.
H. 22

Quando entre as ramas via um fructo já maduro,
Como um botão de fogo, entre os sarçaes, vermelho,
Subia mais, mostrando, em um desleixo puro,
A perna inteira até a curva do joelho...

Meu namorado olhar a seguia sómente,
Mas... « sobe ! » me bradava a angelica menina ;
E eu subia, e ella em cima apanhava contente
Co'a pequenina mão a fructa pequenina.

E inclinando p'ra mim, entre os dentes, que louca !
Punha a cereja, e a rir m'a offertava sem pejo ;
E a minha bocca a arder pousando em sua bocca
A cereja deixava e só trazia o beijo.



O NINHO NO TEMPLO

VÁI á igreja, na espessura
Da abobada os olhos fita ;
Sob o arco da pedra escura,
Um ninho de aves palpita.

Nas cathedraes que se aprumam
Mergulhando as torres no ar,
É que os passaros costumam
O ninho tímido armar.

Dos portaes nos musgos tecem
O alvergue fôfo e pequeno,
E ao brando calor se aquecem
Das azas do Nazareno.

Que luz, a voz que se eleva
Do ninho, em torno produz!
O templo é cheio de tréva,
E o ninho é cheio de luz.

Nos nichos, mudos, sósinhos,
Os santos de face austera
Amam os doces visinhos
Do beijo e da primavera.

As virgens christãs serenas
Inclinam-se com fervor
Sobre esse ninho de pennas,
— Colmeia do mel do amor.

A tez dos santos radia
Sob o crepe em que se escondem;
— Bom dia! dizem — Bom dia!
Cantando as aves respondem.

As cathedraes altas graves,
Cravam as torres nos céus —
Porém o ninho das aves
É o edificio de Deus.



MÃI E FILHO

MÃI ! A teu filho muita vez disseste
Que o céo tem anjos, e ha
Só alegrias no viver celeste,
E é melhor viver lá ;

Que é um zimborio de pilastras bellas,
Tenda de ricas cores ;
Jardim de anil e lucido de estrellas
Que se abrem como flores ;

Que é o mundo dos seres invizíveis,
De que Deus é o auctor,
De mysticismo azul, de inexauríveis
Gosos, de eterno amor ;

Que é doce lá, num extase que encanta,
Sentir que a alma se abrasa,
E viver com Jesus e a Virgem Santa
Numa tão linda casa . . .

Mas nunca lhe disseste, inconsolavel
Mãi, chorosa mulher,
Que elle, o pequeno, te era indispensavel,
Que elle te era mister ;

Que pelos filhos, quando são pequenos,
Muito as mãis se consomem,
Mas que a mãi com seu filho conta ao menos
Quando fôr velha, e elle homem .

Nunca disseste que no escuro trilho
Da vida, Deus que é pai,
Quer que o filho a mãi guíe, e a mãi o filho,
Pois um sem o outro cáí . . .

Nunca disseste ! e agora, morto, apertas
Nos braços teu filhinho !
Deixaste as portas da gaiola abertas,
Voôu o passarinho . . .



RESOAE, sem cessar, tubas do pensamento !

Quando á frente do povo, heroico e suarento,
Josué respirando a colera no olhar,
Em torno da Cidade a tuba fez soar,
Logo á primeira vez o rei sorriu um pouco.
Á segunda, inda a rir, disse ao propheta : « Louco !
Assim é que abater meu reino acaso, cres?... »
Quando os muros Josué pela terceira vez
Rodeou, na arca onde ia o anjo de azas nevadas
As crianças até arrojaram pedradas...

Na quarta vez, inteira, a brutal multidão
Insultar e offender veio os filhos de Adão,
E entre as ameias vis e tismadas, fiando
Nas rócas, vieram logo as mulheres em bando
Apedrejar também a tribo dos Hebreus.
E pela quinta vez o batalhão de Deus
Os muros rodeou da Cidade, e surgiram
Coxos, cegos até, e apodos lhe cuspiram.
Na sexta vez então, na torre principal
Alta e maciça onde a aguia arfava, e o temporal
Sem conseguir mover o granito, rugia,
Apareceu por fim o rei que inda sorria,
E disse : « Estes Hebreus são uns musicos bons ! »
A esse dito do rei, mil explosivos sons
De risadas de mofa estrondaram no espaço :
Eram párias senis, mãis com filhos no braço,
Decrepitos anciãos, sacerdotes da lei,
Homens de fina estirpe e homens de baixa grey,
Tuço a rir ! . . .

A Cidade os Hebreus rodearam
Pela setima vez, e as muralhas tombaram !

1883.



SOBRE UM HOMEM POPULAR

O II! povo! aquelle craneo ainda está fechado;
Nenhuma idéa grande alli tem penetrado,
Nenhum pensar o agita!
Mas dessa fronte augusta ha de saltar um dia,
Quando a luz inundal-a, a esplendida utopia,
Que em germen nelle habita!

Contemplac-o ! Na India assim um curioso
Contempla com respeito o monte mysterioso
— Cimo da tempestade —
E sem que se approxíme, elle na mata ingente,
Nos rochedos, no mar, e em de redor presente
Alguma divindade !

No interior do monte occulta-se o Pagode !
Chega o dia solemne, o povo em onda acode
Rasga-se a porta estranha...
E bradam todos vendo o colossal Dantesco,
O ídolo, que então, qual féto gigantesco,
Rebenta da montanha.

1885.

Raymundo Corrêa



PENNAS E PENAS

—

ALADAS flores serenas
Ao teu bello jardimzínho,
Tivessem meus versos pennas,
As pennas do passarínho,

Si, quacs brilhantes phalenas,
Sobre teu lar sempre em calma
Meus versos tivessem pennas,
Como as penas de minh'alma...

Junto a ti, horas amenas,
Passariam — noite e dia —
Meus versos, batendo as pennas...
As penas da sympathia.

1885.

Américo de Albuquerque



MINHAS FILHAS

A' luz crepuscular, quando a tarde fenece,
Uma parece um cysne, outra, pomba parece ;
Rindo e brincando ali, ambas como são bellas !
Vede : a maior e a irmã mais fraca e pequenina,
Assentadas estão no jardim, e sobre ellas
Pendurados de um vaso, o vento a frouxo inclína

Uns cravos, alvos como a neve, e deixa-os vendo,
Immoveis,—esse quadro infantil e risonho,
Como si vissem présto, o vento distendendo,
Borboletas, e alli s'estaciassem num sonho.

1885.

Wenceslau de Queiroz



A ROSA E A SEPULTURA

DIZ o sepulchro á rosa :

« Do orvalho com que a aurora
As petalas te irrorra,
Que fazes, flor mimosa ? »

— « E tu, de quem se esconde,
Que fazes, no teu seio
Aberto, meio a meio ? » —

A rosa lhe responde :

« Eu faço desse orvalho,
Ó triste cova fria !
Perfume que enebria
E no ar, prodiga o espalho. »

— « Pois eu, da creatura
Que vem a meu regaço,
Do céu, um anjo faço, » —
Volveu-lhe a sepultura.

Alfredo de Magalhães

1885.



NÃO A INSULTEIS !

NUNCA !... Oh, nunca insulteis uma mulher que cáí !
Quem sabe a quanto peso oppressa a alma lhe vai !
Quem sabe quanto tempo a fome ha combatido !
Quando o ríjo soprar do fado desabrído
A virtude abalava, e a pobre dia a dia,
Espaçava na lucta a intermina agonia,
Quem uma nunca viu das míseras cançadas
Agarrar-se-lhe ainda e com as mãos crispadas,

Como se vê de um ramo á ponta scintillar
Uma gotta de orvalho onde o céu vem brilhar,
Que do ramo ao balanço estremece e se arreda;
Pérola ainda em cima e lama apoz a quéda !
A culpa é nossa ; é tua, oh rico ! é do teu ouro !
Essa lama contêm do orvalho inda o thesouro :
Para que a gotta d'agua ascenda da poeira,
E da pérola tome a limpidez primeira,
Basta, e assim tudo volta ao matutino alvor,
Um só raio de sol, ou raio, um só, de amor !

Soares de Souza Jr.

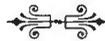
1885.



TIVE sempre uma paixão
Por tudo aquillo que vóa.
Quando era criança então
Pelos campos ia á tôa,
Procurando, oh, que lembranças !
Sob as folhagens os ninhos
Daquelles que das crianças
São irmãos : os passarinhos.

Da canna que o vento agita
Para elles logo fazia
Uma gaiola bonita ;
Depois ahi os prendia ;
Mais tarde deixava aberta
Da gaiola a gelosia,
E punha-me então alerta
A vér si um delles fugia.
Qual ! nem ao menos um só
A morada abandonava.
Si algum ás vezes com dó
A fugir se aventurava,
Ao menor chamado meu,
Batendo as azas, piando
De contente, vinha. Eu
Outrora uma pomba amando
Bastante tempo vivi.
Como ella sabia amar.
Eis Como a arte aprendi
De eu as almas captivar.

1885

Magalhães Carvalho

INNOCENTE

SOBRE límpida areia occulto a meio,
Entre moitas de arbustos se desliza
Um crystallino arroio em cujo seio
Se reflecte do céo a face liza.

Tudo em roda é silencio. Além, a selva
Languida sombra pelo valle estende ;
Brotam íris de flores dentre a relva
E em doce aroma a solidão rescende.

Entre o enredo da matta, ás vezes desce
Do sol nascente um raio fugitivo.
Então o arroio estremecer parece
Nesse beijo de luz — longo e lascivo.

Tal é a imagem viva de tua alma,
Onde se espelha límpida a innocencia ;
Assim correm tambem, em doce calma,
Os teus formosos dias de existencia.

Dos mais santos affectos o cortejo
Como um perfume a envolve onde ella passa,
Vela-lhe a fronte o casto véo do pejo,
Velam-lhe os sonhos o pudor e a graça.

Dentro em seu coração — mimoso ninho —
Asylam-se a esperanza e a crença ardente,
Si colhe a rosa, não lhe enxerga o espinho,
Nem sobre a fronte o áspide presente.

O rumor das paixões que longe rugem
Não perturba sua alma descuidada,
Ave innocente — a candida pennugem
Das suas azas brilha immaculada !

A vida para ella é como um sonho
Que aos seus sonhos ridentes se entrelaça ;
E' o painel de um céu sempre risonho
Onde uma nuvem nem siquer perpassa .

Nos labios abre-lhe a innocencia o riso
Como o botão da flor na primavera ;
— Assim Eva sorriu no paraíso
Quando ainda o peccado a não perdêra .

Porém si a envolve meu olhar ardente,
Arfa-lhe o seio, e a face se enrubece . . .
Tal ao beijo de luz do sol nascente
Subito o arroio estremecer parece .



A FONTE E O MAR

DESCE a fonte lentamente
Do rochedo e cai no mar ;
Diz-lhe o mar, torvo e fremente :
« Que vens, gemendo, buscar ?

« Tenho no seio as tormentas,
« Começo onde finda o céu ;
« Pobresinha ! pois tu tentas
« Vir trazer-me o feudo teu ? ! »

Diz a fonte :— « Aos teus desdens
« Limíto-me a responder
« Que trago o que tu não tens :
« Agua doce—p'ra beber. »

1885

A. de Barros Falcão



VEM !

VEM ! uma flauta invizível
Suspira no bosque em flor :
 A canção mais aprazível
 É a canção do pastor.

A brisa encrespa, amorosa,
As aguas, do lago á flor ;
 E a canção mais soncrosa
 É a do alado cantor.

Si tudo a amar nos ensina,
Amemos, oh ! minha flor ;
É a canção mais divina
A melodia do amor.

1885



HONTEM Á NOITE

HONTEM, quando da flor a aprazível fragrancia
Vinha n'aza da brisa embalsamando o ar,
Eu via a noite calma enchendo a nossa estancia,
A Primavera a rir, — menos que tua infancia,
E os astros a luzir, — menos que teu olhar.

Eu, te fallava baixo. Hora solemne aquella
Em que eleva noss'alma um hymno ao Creador !
Vendo a noite tão pura, e te vendo tão bella,
Aos astros disse então : — vertei o céu sobre ella !
E a teus olhos eu disse: — inundai-nos de amor !

1885



A UMA MENINA

Tu, que não sabes quanto a tua infancia é bella,
Nossa idade cruel não deves invejar !
Em que o coração lucta escravo, e se rebella,
Em que é mais triste o rir de que o teu prantear.

Tua idade gentil tão depressa esquecida
Passa qual fende o azul um argentino som,
Qual nota que se esvai além enfraquecida,
Qual no mar o alcyon !

Sentir força e razão tão cedo não almejes
Da existencia a manhã convída-te a gozar,
As tuas horas são quaes rosas ; não desejes,
Mais rapida que o tempo, as rosas esfolhar.

Deixa vir o poder dos annos enganosos,
O mundo te destina ás dores, ao soffrer,
A males sem esperanza, instantes tormentosos,
Prazeres sem prazer .

Ri contenta, da vida ignorando a inclemencia,
Nunca o beijo da dor tua fronte recebeu ;
Brilhe esse olhar azul, espelho de innocencia,
Que revela tu'alma, e que reflecte o céu .

1885 .

Luiz Nobrega



A INFANCIA

A criança cantava ; em seu leito de dor
A mãe, agonisante, a fronte reclinava
Na sombra ; ávidamente a morte a reclamava ;
E eu escutava o canto e o lugubre estertor.

O pequeno brincava alegremente e ria
A um canto da janella ; e detendo-o a seu lado,
Todo o dia a cantar, traquinas, endiabrado,
Durante toda noite a pobre mãe tossía.

Sob as lages do claustro a mãe foi descançar,
Continuou cantando a criança travêssa. . .
A dor é fructo tal que Deus não quer que cresça
No galho muito fraco afim de sustentar.

1885.

Carlos Coelho



Eu que pude oscular-te o esplendido perfil
Tendo a pallida fronte em tús mãos pousado ;
E, louco, absorví o halito subtíl
De tua alma — perfume em teu corpo velado ;

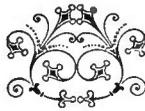
Eu que pude entender e me foi dado ouvir
As vozes de tua alma, os castos sonhos teus ;
E pude ver chorar e pude ver sorrír
Na minha a tua bocca, os olhos sobre os meus.

Pois que já vi brilhar no meu rosto enlevado
Dessa luz sempre occulta um raio de poesia ;
Cahir de minha vida ao mar encapellado
Uma flor arrancada á tua phantasia ;

Aos annos que se vão, posso dizer agora :
Passai ! podeis passar ! não temo envelhecer !
Vossas palmas levai e as illusões de outr'ora ;
Tenho n'alma uma flor que não podeis colher !

Nada conseguirá fazel-a se evolar
Do asylo em que eu a guardo e onde bebo alento.
Ha fogo na minha alma e cinza em vosso altar !
Ha em meu peito amor e em vós — o esquecimento !

1885



AO PÔR DO SOL

EM nuvens, azas, vapores,
Deixai passar, deixai-me ir,
Longe desses esplendores
Chega de tanto existir !
Deixai que eu veja outros mundos,
Que nestes crepes profundos
Encontre a luz, afinal.
Basta de sonho e incerteza,
Minha voz, dessa grandeza,
Penetre o esplendido humbral.

Vamos ! Dai-me azas ou velas !
Um barco bem preparado !
Quero ver outras estrellas
E a cruz do sul abrasado,
Talvez que noutro hemispherio
Ache a chave do mysterio
Rasgando o fulgido véo ;
Talvez que os filhos da Lyra,
Possam ler nessa saphíra,
Nessa outra folha do céu !

1885

Luiz dos Reis

A BELLA SARA

Polos sombrios bosques, sol e brisas ;
Sobre ella frescas sombras fluctuavam.

(ALF. DE VIGNY)

SARA, a indolente criança,
Se balança
Na sua rêde, — gentil,
Por cima daquella fonte
Que do monte
Do Hymetto * jorra, — flebil.

Monte da Grecia onde nasce o rio Ilissus.

Lá — se reflecte de manso
O balanço
Nas aguas a se espelhar,
E com elle essa menina
Que se inclina,
Que se inclina a se mirar.

Si alguma folha, voando,
Vai boiando
Sobre o límpido crystal,
Recolhe a virgem ligeira,
Da ribeira
Seu pésinho esculptural.

Depois, a onda ella agita,
Que se irrita
Perturbando o quadro assim ;
Córa o pésinho de frio ;
E, do rio
Fugindo, volta por fim.

Occulto espera : demora !
 Numa hora
Verás a ingenua sahir,
Mãos cruzadas sobre o seio,
 Lá do veio
Da fonte, — nua — a sorrir !

Ves tu ? é astro que brilha,
 Doce filha
Do deserto, quando vem
Do banho, ao ar tiritando,
 Perscrutando
Si acaso a espreitava alguém !

Eil-a agora alli parada,
 Descuidada,
Mas velando em seu pudor ;
Si algum insecto a apavora,
 Linda córa,
Como a romã toda em flor.

Nada esconde o corpo della ;
E da bella
Nos grandes olhos, taful
Arde o lume das saphíras,
Qual si viras
Estrella a brilhar no azul.

Lembra seu corpo o salgueiro,
Do chuveiro
Brandamente a gottejar ;
Dir-se-hia cahindo, em summa,
Uma a uma,
As perlas do seu collar.

Sara, porém, a indolente,
Mal presente
O tempo correr-lhe em vão ;
Sempre a folgar, a criança
Se balança,
Murmurando esta canção .

« Si eu fosse Sultana um dia,
Quem teria
Banhos assim como os meus?
Ambar ! marmores ! dourados !
Mil brocados !
Gryphos d'ouro e camapheus !

« Rêde de seda eu tivera
Onde houvera
Meu corpo de espreguiçar ;
Teria a molle ottomana,
Donde emana
Perfume que faz amar.

« Núa, então, em pleno dia
Folgaria
No regato do jardim,
Sem temer que houvesse occulto
Algum vulto
De acceso olhar sobre mim.

« Jogaria a propria vida,
Na partida,
Quem tal ousasse uma vez,
Ante o sabre do heiduco,
E do eunuco
D'alvos dentes, negra a tez !

« Eu poderia — folgada,
Descuidada,
Rojar do chão no tapiz,
Minhas vestes, entre dhalias,
E as sandalias
Bordadas douro e rubís. »

Assim a bella criança
Se balança,
Pensando achar-se no harém ;
Como princeza ella sonha,
Tão risonha,
Quando o sol já surge além.

Gottas, do pé da mimosa
Descuidosa,
Vê-se na relva saltar,
E na camisa bordada,
Balançada
Num verde ramo a vergar.

Entretanto, as companheiras
Vão ligeiras
Caminho do monte e val,
Alegres, gentís, em bando,
Lá cantando,
Como em dia festival.

E uma á uma que passa
Diz com graça
Esta ceusura — por bem :
« Vêde ! vêde a preguiçosa !
De vaidosa
Não deixa o banho, não vem ! »

Bittencourt Sampaio

A SESTA

Ao meio dia sempre um leve somno dorme :
A criança inda mais que o homem sonhos quer ;
Quando vimos do céu — a terra é tão disforme !
A's fadas, á Ariel busca o infante rever
E aos camaradas Puck, Titania, Cherubim ;
E Deus lhe aquece as mãos quando elle dorme emfim.
Que surpresa p'ra nós si víssemos ao fundo
Do sagrado dormir em lampejar profundo

Aquelle céu aberto em trévas e a mudança
Das estrellas azues que dizem á criança :
« Juízo ! » aparições, miragens e cegueira !
Pois á hora em que o sol mais calmo, além, avança,
E a natureza escuta e se recolhe inteira ;
Quando a ave emmudece e quando a folha tremula
Se esquece de tremer — das proprias aves emula —
Tem um habito bom, Joanna : — o de dormir !
E a mãe folga um instante, indo forças haurir :
— A gente cança até cuidando de uma rosa.
Os seus pésinhos nús de força duvidosa
Dormem : seu berço fulge entre o azul ideal
Assim como uma auréola envolve uma immortal.
Parece nuvem ser — feita de renda e luz ;
Julga-se ao vê-la ahí, os membros seminus —
— Um rosado clarão debaixo de alvos folhos.
Ao vê-la a gente ri-se ; é um prazer dos olhos..
É um astro infantil, um astro em miniatura ;
Parece até que a sombra adora-a com ternura ;
O vento nem sequer ousa agitar-lhe as véstes.
No leito maternal modesto e casto, prestes,
Derramando essa luz da rutila pupilla,
As palpebras descerra, ergue um braço, tranquilla

Move um pé, move o outro, e tão divinamente
Que ha olhos pelo azul, fitando-a attentamente.
Ella pipilla : — Então, com a voz carinhosa,
A' criança radiante, encarando amorosa,
O nome mais gentil, pedindo ao seu amor
P'ra o seu anjo e chimera e alegria ruidosa,
A mãe lhe diz sorrindo : « eis-te acordada... horror ! »

1885.



MINHA INFANCIA

I

TENHO sonhos de guerra em minha alma inquieta,
Soldado eu fôra, sim, si não fosse poeta.
De aos bravos tanto amar, ó não vos espanteis !
Chorei-os muita vcz em minha dor secreta,
E sua morte achei mais bella que os laureis.

Criança—foi meu berço um tambor esquecido.

Por pia baptismal tive um élmo servido.

Cobrindo-me um heróe de espadas e fuzís,

De uma velha bandeira, o farrapo cosido

Deu-me cheio de amor por faixas infantís.

Entre os carros de polv'ra, as armas deslumbrantes,

Levou-me a Musa heroica ás tendas fascinantes ;

Na carrêta dormi do matador canhão ;

Eu amava os corseis de crínas fluctuantes,

E da espóra no estribo a rouquenha canção.

E admirava o estrondoso e inexpugnável forte ;

Do chefe o gladio nú, levando os seus á morte ;

Em um bosque isolado a sentinella só ;

Os velhos batalhões, marchando ao Sul, ao Norte,

Com o reto estandarte ainda cheio de pó.

Invejava, admirando o hussaro ligeiro,

A ornar de fitas de ouro o seu peito guerreiro :

E o pennacho a fluctuar dos lanceiros fieis ;

E os dragões, confundindo em seu elmo altaneiro

Com o pello do tigre as crínas dos corseis.

E eu accusava a idade— : Alli em sombra escura,
Crescer, viver ! deixar que esfrie em perda pura
O sangue novo e nobre, ardente nos demacs,
Que em lucta fera e negra, havia da armadura
Sobre o aço escorrer em vagas de coracs !

E invocava da guerra as scenas pavorosas ;
E via, esperançado em paragens ruidosas,
De cavallos e tropa o medonho rumor ;
E então, movendo a um tempo as alas temerosas,
Fundírem-se os rivaes entre brados de horror .

Ouvia o aspero som do cymbalo tremente,
Dos carros o rodar, da balla o sílvo ardente,
Espalhando ao passar a morte e a confusão ;
E distinguía ao longe, então, rapidamente,
O combate viríl do fulgido esquadrao !

II

Com o grande vencedor pela Europa vencida
Errei ; eu percorri a terra antes da vida ;

A velhice attenciosa a meu verbo infantil
Ouvia-me, eu contava em voz embevecida,
Minha vida tão cheia e ainda em pleno Abril!

Por vencidas nações eu passei sem defeza,
O seu respeito a mim causava-me surpresa;
Eu na quadra pueril mostrava proteger.
De França ao murmurar o nome com viveza
Eu fazia o estrangeiro altivo estremecer.

Eu visitei essa ilha — em ruínas, fecunda,
— Degráu primeiro apoz de uma queda profunda.
O Cenis cujo abutre ama as penhas — além, —
E escutei do antro escuro onde e avalanche abunda
O caramello alli ranger-me aos pés tambem.

Para o Adige e o Arno vim do Rhodano marchando.
E á regia Babylonia occidental, olhando,
Roma — vi, a se erguer sob os seus mausoléos,
Sobre um resto de throno inda altiva imperando,
Com a purpura rota e a fronte pelos céos!

E Turin e Florença entre o goso e entre a espera :

Napoles — o paiz da eterna primavera,
Que o Vesuvio de fogo illumina no ar ;
Qual o ínvido heróe que uma festa movêra
Das flores joga ao centro o sangrento cocar .

A Hespanha me acolheu, toda entregue á conquista .

Begara atravessei em procella não vista ;
Vendo ao longe, julguei — tumulo o Escurial ;
A cabeça curvei ao descançar a vista
No tríplice aqueducto, altívo, imperial .

Do acampamento, alli, eu via o fumo escuro

Da cidade deserta ennegrecer o muro :
A barraca da igreja invadía os umbraes ;
Da soldadesca o rir no santuario puro,
O echo repetia — em dolorídos ais .

III

De longínquas regiões, cu voltando trazia

Vaga faixa de luz que contente revia .

Qual si achara em caminho, acaso, alguma vez,
No meu curto viver, a fonte da magia
Cujo líquido é doce e eterna a embriaguez.

Mostrou-me a Hespanha amena o convento e o castello :
Burgos a Cathedral — o gothico modelo :
Irun seu tecto humilde e Vittoria o alcaçar,
E tu, Valladolid,—o paço, altivo em sêl-o,
Que deixava no páteo a prisão se oxydar.

Tinha recordações esta alma apaixonada ;
Meus versos decantei com a voz abafada ;
Tacita minha mãi, me observando, então,
Chorava e ria a um tempo, ao dizer : é a fada
Que lhe falla baixinho e que não vimos, não !

1885.

Mendonça Cardoso



CRIANCINHAS EM CLASSE

OH vós, que o olhar pregando em lettras garrafaes,
Sobre a areia subtil, em vão as imitaes,
E vêdes, cada vez, máu grado estudo e ralhos,
O cylíndro fatal varrer vossos trabalhos,
Tão triste diversão, crianças, é o viver !
Um dia olhos de inveja heis de á fortuna erguer,
E fareis, como eu, sobre o feliz traslado,
Mais de um plano gentil, mais de um projecto ousado.

Virá depois a sorte, e, com inquieta mão,
Dum golpe ha de extinguir esboço e imperfeição.
Oh seres, que — infantis — levae-nos primasia,
Porque é mister que vós sejaes homens um dia !
E seja cada qual, como qualquer de nós,
Invejado ou escravo, ambicioso ou algoz !

1885.



UM POUCO DE MUSICA

—
(Canção de Eviradnus)
—

Si te apraz sonhar, montemos
Cada qual seu palafrem ;
Um ao outro arrebateemos...
O bosque chilrêa além.

Partamos ! que é o fim do dia ;
Sou tua preza e senhor ;
Meu corcel — seja a alegria,
E teu corcel — seja o amor.

Que os noivem nossos desejos ;
São faceis viagens taes.
Terão aveia de beijos
Os nossos dois animaes.

Vem ! nossos corséis-mentíras
Escarvam, nitrindo, o chão :
O meu, nos sonhos qu'inspiras ;
O teu, dos céus n'amplidão.

Bagagem... Pois sim ? — As juras
Levemos do nosso amor,
Nossa miseria e venturas,
De teus cabellos a flor.

Vem ! brune a tarde os carvalhos,
Ri-se o melro ; o brincalhão
Ouviu sôar que sem ralhos
Me algemaste o coração.

Em nos vendo emparelhados,
Que culpa teremos nós
Murmurem montes e prados :
« Amemos ! » com doce voz ?

Vem ! sê terna, eu sou delírios,
Verde matta a rosciar !
Tcu bafo irá sobre os lyrios
Borboletas despertar.

De inveja as aves nocturnas
Redondo olho hão de abrir ;
As nymphas, curvando as urnas,
Hão de, nas grottas, sorrir.

E dirão : « Deixar... que tólas !
« Quando Hero e Leandro ahí estão,
« Ouvindo o arrulhar ás rôlas,
« A agua cahir no chão ! »

Vamos ! A Austria perto fica !
Vai-nos á frente o arrelol.
Eu serci grande e tu rica,
Rica de amor, cu de sol.

Galopem no planispherio
Nossos briosos corséis,
No azul sem fim, no mysterio,
Num deslumbrar de ouropéis.

Iremos ter á estalagem.
E os gastos .. é só pagar
Com teu sorriso em viagem,
Com meu bom-dia escolar.

Serás dama e eu serei conde.
Vem ! Que encanto, coração !
Contar este conto a... onde
Estrellas sem conta são.

1885



A CONSCIENCIA

QUANDO envolto, e a família, em pelles d'alimárias,
Lívido, escabellado, e como as procellárias,
Caim poz-se a fugir da facc de Jehovah,
Como cahisse a tarde e fosse escuro já,
Chegou d'alta montanha ao pé, nuns descampados.
Fatigada a mulher, e os filhos já caçados :
« Deitemo-nos no chão, Caim ; vamos dormir. »
Disseram-lhe. E elle estava, insomne, a reflectir.

Erguendo a fronte, viu, oh noite, onde te entrévas,
Enormemente abcrto, um olho em meio ás trévas,
Que o fictava severo e fixamente. . . horror !
« Muito perto inda estou ! » disse elle com terror.
Despertou a mulher e os filhos, do canção,
E deitou a fugir, synístro, pelo espaço.
Andou de dia um mez, um mez de noite andou,
Silente, a estremecer ao ruído que soôu,
Sem olhar para traz, furtívo, o suor em bagas,
Sem repouso, sem somno ; e assim chegou ás plagas
Do mar, nesse paíz que foi o Assur deprecis.
« Paremos » murmurou « seguro é o asylo ; e, pois,
Fiquemos nós aqui, que é o término do mundo. »
E, em indo-se assentar, no morno céo profundo
Viu fictar-lhe inda o olho o mesmo austero olhar.
Então estremeceu com friorento esgar.
« Ocultem-me ! » bradou. E, sobre a bocca o dedo,
Viram todos o avô feroz tremer de medo.
Caim disse a Jabel, pai daquelles que vão
Sob tendas de pelle á arida extensão :
« Estende desse lado o pavilhão da tenda. »
— Muralha fluctuante — e cada qual que a estenda.
Quando pezos de chumbo hiam-n'a ao chão prender,

« Inda o ves ? » diz Tsilla, a luz feita mulher,
O sangue do seu sangue, e doze como a aurora.
E Caim respondeu : « O olho me devora ! »
Jubal, pai dos que vão, dos burgos em redor,
Marchando aos trons da trompa e aos rufos do tambor,
Clamou : « Eu é que sei construír-lhe uma barreira ! »
Muro de bronze ergueu ; Caim poz-lhe á trazeira.
E Caim disse : « Este olho está-me sempre a olhar ! »
Disse Henoch : « É mister torres em roda armar,
— Trincheira que ninguem possa assecar-se della ;
Cidade edificar, com sua cidadella ;
Cidade edificar, que guardaremos nós.
Veio Tubalcaim, ferreiro entre os avós,
Cidade edificou, enorme, sobrehumana.
Emquanto trabalhava, em baixo, em terra plana,
Caçavam seus irmãos filhos de Seth e Enós.
Cravado tinha o olhar quem lhes passasse á voz,
E, quando era o sol posto, íam frechar estrellas.
Veio a pedra antepôr-se ás primitívas tellas ;
A cada bloco, em nó, prendêra ferreo anel ;
E a cidade era assim cidade de Lusbel.
Das torres vinha a noite, a errar pelas campanhas,
E, aos muros, se lhes deu grossura de montanhas.

Á porta, esta inscripção : — *Não pôde Deus entrar !* —
Quando elles acabado a haviam de murar,
Foi posto o avô no centro, em torre de granito,
E desvairado estava, e lugubre, o precíto.
« O olho já não vês ? » Tsilla interroga « já ? »
E Caim respondeu : « Eu sempre o vejo lá ! »
« Eu quero » disse então « morar dentro da te ra,
Como em ermo sepulchro um homem que se enterra.
Ninguem me verá mais ; ninguem mais hei de ver ! »
Cavou-se um fosso, pois, segundo o seu querer.
Depois desceu sósinho á abobadada alfombra ;
E, quando no espaldar se achou sentado á sombra,
E fechou-se sobre elle o subterraneo emfim . . .
. . . Na tumba estava o olho — a olhar para Caim !

1885

Generino dos Santos

O POETA NAS REVOLUÇÕES

« **O** VENTO arroja distante
« A semente do pomar ;
« Curva o cedro — sobre o monte,
« Curva o barco — sobre o mar...
« Mancebo ! tambem a sorte
« Nos prende, da vida á morte,
« Ao poste do dissabor ;
« Mas ha ! na luta sublime :
« Ha o remorso — p'ra o crime...
« E a lagrima — para a dôr !... »

O que?!... Serão temerarios
Os meus hymnos?... — isso não!
Não — que jámais hão de vêr-me
Surdo ás vozes dum irmão.
O Poeta, em seu fadario,
— Exilado voluntario —
Aos homens aponta o céu...
E quando a turba delíra,
Afiña as cordas da lyra,
Desce ao Inferno... — é Orpheu!

« Orpheu ás penas eternas ·
« Vai os mortos despertar...
« Sobre as fronteS criminosas
« Solta o verbo — perdoar!...
« Oh! e desces, insensato,
« Á arêna do pugilato
« A julgar — sem combater?...
« Ah! nescio! em tua demencia
« Vens corromper a innocencia,
« Fazer o crime vencer!... »

Quando o crime — Python lívido —
Impune zomba das leis,
A Musa torna-se Euménido...
Os povos torcem os reis !...
Eu cedo ao Deus que me alenta
E sem temer a tormenta
Abro minh'alma ao luar !...
Vou seguindo a minha estrella :
— Si o tufão rasga-me a vela,
Eu — rasgo o peito do mar !

« Os homens vão ao abysmo...
« Salva-os si o pódes... então?!
« — Tão longe dos céus propícios,
« P'ra que teus passos em vão?...
« Pódes tu, ao som dos hymnos,
« Sem rasgar outros destínos,
« Fechar a vida nas mãos?...
« *Doura, estende a curta vida!
« Não tens— u'a Mãi querida?
« Poeta! — não tens irmãos?... »

Pois bem ! aos meus reverbéros,
Si eu morro, os céus vão se abrir...
O amor — engrandece as almas,
Quem ama — expíra a sorrir !...
O Vate, perante o crime,
Si o justo canta e redíme,
É justo, é juiz tambem :
E... quando a justiça expíra,
P'ra as víctimas — tem a lyra,
P'ra o carrasco — à frente tem !...

« Dizem que outr'ora o Poeta,
« Das estrellas ao fulgir,
« Sabía á terra inquiéta
« Descortinar o porvir...
« Mas tu, que fazes no mundo?...
« Entre um abysmo profundo...
« O céu só névoas contém !
« As lyras não prophetisam...
« E as Musas não suavizam
« Os martyrios de ninguem !... »

O mortal, que um Deus ánima,
Marcha ao porvir sem parar ;
E vai ao fundo do abysmo
Sua profundeza sondar . . .
Prepara-se ao sacrificio :
Sabe que o goso do vício
Ha de a innocencia expiar . . .
Própheta — em dia mortuario —
Faz da prisão — um sanctuario,
Do cadafalso — um altar ! . . .

« Quem não nasceu sobre as margens
« Dos Abbás, dos Cosroés . . .
« Aos raios de um céu sem nuvens,
« Entre myrtho e aloés ;
« Lá . . . surdo ao mal que deploras
« O Bardo vê as auroras
« Se levantar sem tremôr . . .
« E a pomba d'outras paragens
« Leva ás virgens as mensagens
« Que ás flores manda o amor. »

Outro ao celeste martyrio
Prefira a paz sem valor ;
A gloria é o fim que aspíro,
Embora num chão de dôr.
Teme a alcyone, si o mar grita,
O vento — que a onda agita
Sobre o líquido lençol ;
A aguia — a filha das tormentas —
Entre nuvens lutulentas,
Arroja-se — a ver o sol !

1877.



—

OH ! não insulteis nunca uma mulher perdida !
Quem sabe qual o transe em que ella foi vencida ?
Quem sabe si foi longo o seu combate rude,
Entre as mil privações que assaltam a virtude ?
Si o vento das paixões soprou com violencia,
Quem já viu a mulher, que prendia a innocencia
Nas pequeninas mãos cruzadas sobre o seio,
Não ir no turbilhão, gritando, com receio?...
Tal a gotta de chuva, — a pérola da rama : —
Brilha ao passar do vento, oscilla e cái na lama !

A culpa é nossa ; é tua, ó rico ! é do teu ouro !
Mas, no lodo é que o mar esconde o seu thesouro...
Para que o pingo d'agua erga-se da poeira,
Com o vivo esplendor e a limpidez primeira,
Já que as transformações se operam p'ra melhor,
Dái-lhe um raio de sol ! dái-lhe um raio de amor !

1885



JEHOVAH

Domini enim sunt cardines terræ, et
possuit super eos orbem.

(Cant. Annæ, I)

Jehovah est le maître des deux pôles,
et sur eux il fait tourner le monde.

(J. DE MAISTRE — Soirées de St. Pétersburg)

GLORIA a Deus! Gloria a Deus, por toda a immensidade!
De Deus na luz do sol cu vejo o nome escripto...
É Deus, que além do tempo — atira a eternidade,
É Deus, que além dos Céos — atira o infinito!

É Deus quem mede o tempo e move as gcações ;
Enche o cháos com seu Verbe; e, ultrapassando o espaço,
Aos seculos distribúe as raças com seu braço,
Tendo o Archanjo a seu lado a contar as nações .

Seu olhar tem mais luz que o purpureo arrebol ;
Dá vida a tudo ! emhora um sópro omnipotente
Leve de esphera á esphera algum cometa ardente,
Ou nas trévas do espaço apague o velho Sol !

Elle agita os tufões e recorta as montanhas ;
Faz rebentar vulcões na profundez dos mares ;
E despenhou Satan, do mais alto dos ares,
Ao calor infernal das fornalhas extranhas . . .

Palpíta a criação ao teu divino arcano !
Tudo segue, Senhor, a sonda que traçaste.
Franteia uma viuva aos pés do publicano ?
Enxugaste-lhe o pranto — e o déspcta esmagaste !...

O homem nada faz sem ti ; — e o que faria,
Si da desgraça á Morte é conduzido em braços ?..
Deus a lagrima dá-lhe e empresta-lhe a alegria ..
Do berço até á campa Elle corta-lhe os passcs.

Santos e Cherubins, estrellas, sóes, esferas,
E as almas immortaes dos justos reunidas,
Cantam na eterna luz os prodígios que geras.
Mas as vozes mortaes vão nas trévas perdidas...

Gloria a Deus! Gloria a Deus — por toda a immensidade!
Deus é o nome que o sol nos ares deixa escripto...
Deus é que além do Tempo — atira a Eternidade!
Deus é que além dos céos — atira o Infinito!..

1875



A UMA MULHER

C'est une âme charmante.

(DIEROT)

CRIANÇA ! fosse eu rei, que dava o reino inteiro,
A carruagem, o sceptro, as massas populares,
A minha c'róa d'ouro, o marmóreo banheiro,
E a esquadra, a cujo peso o mar treme altaneiro,
Por um dos teus olhares !

Si eu fosse Deus... daria es mares iracundos,
Os anjos, que a voar parecem meus desejos,
Do chãos indefinido os mysterios profundos,
A eternidade, o espaço, e todos es meus mundos ,
Por um só dos teus beijos !

1880



RUY BLAS

(Acto III — Paraphrase da scena I)

RUY BLAS

(Surprehendendo os ministros)

QUE appetite voraz !...

(Voltam-se todos. Silencio de surpresa e de recio. Ruy Blas cobre-se, cruza os braços, e prosegue contemplando-os face á face).

O íntegros ministros !
Conselheiros leaes !... E ha uns plebeus sinístros,

Uns tristes imbecís, cheios de orgulho vão,
Que inda tomam a serio as cousas da nação ;
E ouzam dizer em face aos árbitros do Estado:
Sois nobres, mas lembraes os sérvos do morgado,
Que, por limpar de mais alcovas e salão,
São lançados á rua... ah ! mas repletos vão !...
Vós nem tivestes pejo em escolher est' hora
Em que a patria succumbe ao cancro que a devora...
Nem mais ha que fazer senão roubar,— e após
Fugir... Como isto é vil ! E que infames sois vós !...
Vendo descer á campa este paiz, ligeiros
Correm a despojal-o os tetricos coveiros !...
Ah ! mas por um vestígio, ao menos, de pudor,
Vêde a Hespanha e dizei si não sentís horror:
Onde a sua grandeza?... Onde os laureis de gloria?...
De tudo — restam só as tradições da historia.
Após Filippe quarto, em ocio longo e vil,
Perdemos, sem luctar, Portugal e Brazil.
Podem agora rir da nossa antiga audacia
Steinort no Luxembourg e Brisach pela Alsacia.
Todo inteiro o Condado, o Rossilhão, Ormuz,
E Gôa e Pernambuco e as Montanhas Azues !
Sei que podeis dizer, com desprezo profundo,

— Cinco mil léguas só duma costa... É um mundo !...
Demais, do occidente ao levante, sorri
A Europa, uma rival ! cravando o olhar aqui...
Como si o nosso rei fosse um phantasma em terra,
Partilham entre si a Hollanda e a Inglaterra
As nossas possessões. Roma — zomba de vós.
Quanto ao Piemonte amigo... ah! nos quer muito a nós !?...
A Saboia é um abysmo, um antro, um precipício.
A França espera só — o momento propício...
A Austria nos contempla. E nest'hora, talvcz,
Morre o Bavaro infantc. Emquanto aos vice-reis,
Medina, um libertino, em Napoles dá escandalos,
Vaudemont, põe Milão ao capricho dos vandalos,
Leganez já perdeu Flandres... E o que fazer ?
Vê-se o Estado exhausto e o *deficit* a crescer !...
Já perdemos do mar nas profundas crateras
Trezentas náus, além de innumeradas galeras.
E ouzais !... Senhores ! Oh ! mas pensai n'isto bem,
Em vinte annos, o povo, o mísero, que tem
Curvado o dorso herculeo ao vosso jugo infame,
A turba, que ora geme, e que outras vezes brame,
Eu fiz a conta certa, em vinte annos, é atroz !
O povo, — este leão generoso e feroz, —

Tem suado, a pingar, no vosso sorvedouro,
Quatrocentos e trinta e tantos milhões d'ouro!...

1885.



HERNANI

(Fragmento do acto I — Scena II)

—
DONA SOL

RECEIO algum desastre!... Hernani até agora...

(Entra Hernani, de capa hespanhola e chapéo desabado.

*Vem á moda dos montanhezes do Aragão: cou-
raça, espada, punhal e buzina a tiracollo)*

Hernani! que prazer! mas que longa demora...

HERNANI

Dona Sol ! meu amor ! . . . Ó céo, quanto te eu deuo
Por me deixares tu neste sublime enlevo,
Ouvir a sua voz e ver o rosto seu ! . . .
Pois si eu me esqueço até deste destino meu !

DONA SOL

Hernani ! tua capa está molhada ; chove ?

HERNANI

Nem sei.

DONA SOL

Meu Deus ! Hernani ! o frio te commove . . .

HERNANI

Não sinto frio, não.

DONA SOL

Estás co'a mão gelada ;
Anda, dá-me essa capa... olha, está ensopada...

HERNANI

Dona Sol ! quando á noite, a sós, em abandono,
As palpebras gentis cerras em leve somno,
Não murmuras meu nome, e envías um perdão
Ao triste, a quem os teus lançaram maldição?...

DONA SOL

Hernani ! meu amor ! Hernani ! meu encanto !
Não sentes frio ? Não?... Tu te molhaste tanto...

HERNANI

Junto a ti, Dona Sol... Ainda tu presumes
Que quem arde de amor, e arde de ciumes,
Possa dos temporaes vir a sentir o effeito,
Quando mil temporaes se agitam no seu peito?...

DONA SOL

*(Tira-lhe a capa e estende-lhe a mão para receber
a espada)*

Dá-me a capa e a espada...

HERNANI

(Pondo a mão no punho da espada)

Esta... não, innocente!

É fiel como tu. Teu tio está ausente?

DONA SOL

Pertenço-te uma hora.

HERNANI

E eu bendizia a sorte !...

Uma hora: e depois... o esquecimento, a morte!

Uma hora sómente ! ah louco ! e com vontade
De contígo passar inteira a eternidade ! . . .

DONA SOL

Hernani !

HERNANI

Desgraçado ! eu sou como o ladrão
Que anda , pé ante pé , por entre a escuridão ;
Desgraçado ! p'ra ter — o que é tão meu — presente,
É necessario estar teu velho tio ausente . . .
Sou feliz no emtanto ! E odeiam-me, querida,
Porque furto uma hora a quem me rouba a vida ! . . .

DONA SOL

Socega . . . olha, vem cá ; senta-te ao pé de mim.

HERNANI

(*Sem ouvir-a*)

Então, o velho duque está ausente . . . sim ?

DONA SOL

Como és lindo ! . . .

HERNANI

Teu tio está ausente . . . não ?

DONA SOL

Não penses em meu tio, Hernani.

HERNANI

Pois então

Em breve não vais ser esposa delle ? . . . Almejo
Saber com que intenção elle te deu um beijo . . .
Como não quer que eu pense em tal homem, Senhora ? ! . .

DONA SOL

Zangas-te por bem pouco ; e, além disso . . . ora !
Um ósculo de ancião em fronte virginal
É qual beijo paterno em bocca filial.

HERNANI

Não, Dona Sol ! seu beijo... (Eu tremo de rancor !)
Respirava ciúme e respirava amor !...
Ó velho ! porque vens, curvado para o chão,
Tremulo, oferecer essa rugosa mão
A quem é moça e bella ? Em vez d'ires primeiro
Encomendar um leito á enxada do coveiro,
Abres a mão direita á minha virgem pura,
Escondendo na esquerda a cruz da sepultura !...
Dona Sol, quero crêr que alguém tem interesse
Em ver tal casamento... Ah ! porém fuja esse
Que se atrever a tanto !

DONA SOL

Eu tambem penso assim ;
O rei...

HERNANI

O rei ! O rei !... Vou vingar-me por fim !
É elle... e sempre elle !.. E foi seu pai, que outr'ora
Fez o meu expirar num patíbulo !... Agora

Sinto nascer de novo e crescer dentro em mim
Meu ódio contra o morto e o filho vivo ! Sim !..
Sinto que cada vez augmenta este ódio meu
Contra a viuva e o filho — é elle, que já morreu !
Aos pés da minha mãe, isto bem longe vai,
Eu lhe jurei vingar a morte de meu pai
No filho do assassino... Andei noites e dias
Por entre os matagaes, por sobre as penedias,
Atravessei o mar, vaguei na solidão...
Por toda a parte emfim eu procurei-o, em vão !...
Ó D. Carlos ! ó rei de Aragão e Castella !
Parece que desponta agora a minha estrella...
Eu a te procurar — e tu no meu caminho !
Teu sangue hei de beber, como tu bebes vinho !...
Morreram nossos pais ? Vivemos nós. Pois bem !
O ódio que em mim nasceu ha de viver tambem.

DONA SOL

Hernani ! tu me assustas !...

HERNANI

Assustado

Devo estar eu, criança !— condemnado

A cumprir esta tragica missão !
Oh ! mas hei de encontral-o nesta vida :
Hei de abrir-lhe no peito uma ferida
E por ella — arrancar-lhe o coração !..

Dona Sol, csse velho, apaixonado,
Si o fogo juvenil jaz apagado,
Si não vê sol na senda do porvir,
Tem, em compensação, nome e riqueza :
Tudo elle dá-te em tróca da belleza...

DONA SOL

Hernani ! Hernani ! eu quero te seguir !

HERNANI

Teu tio é rico e nobre e poderoso ;
Elle, te offercendo a mão de esposo,
Faz em torno de ti um céo se abrir...
Emquanto que eu, ai triste ! sou tão pobre
Que apenas tenho o azul que a todos cobre...

DONA SOL

Hernani ! Hernani ! eu quero te seguir !

HERNANI

Bem, tu commandarás minhas cohortes,
Que têm os corações leaes e fortes
Como os gladios — que ao sol verás luzir !
Hão de te obedecer os meus soldados ;
Marcharemos os dois de braços dados . . .

DONA SOL

Hernani ! Hernani ! eu quero te seguir !

HERNANI

Mas . . . tu has de passar as noites frias
Dormindo no cairel das penedías,
Acordando das féras ao rugir ?
E quando á voz das minhas sentinellas
Responderem os uivos das procellas . . .

DONA SOL

Hernani ! Hernani ! eu quero te seguir !...

HERNANI

Meu amor !... E si após luctas renhidas
As minhas legiões forem vencidas
E eu rolar a teus pés — para não ir
Trocar a minha espada de vencido
Por uma cruz no cadafalso erguido...

DONA SOL

Hernani ! Hernani ! eu quero te seguir !

Sim ! quero seguir-te !... Quero
Seguir-te em vida e na morte !
Quem sabe si a minha sorte
Não vai ser como eu espero ?

Andaremos, sem receio,
Como anda a ave no espaço...
Hei de amparar-me em teu braço,
Has de dormir no meu seio !

Me abrigarás em tua farda
Das furias do vendaval. . .
— Fosses o Anjo do Mal. . .
És o meu Anjo da Guarda !..

1880.



A PONTE

EU via só das trévas a cegueira ;
Um abysmo sem porto e sem barreira
Abriu-se em torno a mim ;
E nada alli por perto se movia . . .
Perdido, o meu espírito sentia
O cháos ou cousa assim .

Deus no fundo invizível fluctuava...

Era uma luz confusa que oscillava

Na densa escuridão...

Eu disse, então, commigo : « É impossível

Transpor esse vazio inacessível,

Sem bordas e sem chão !

« Sobre nuvens de fumo ha quem levante

Uma ponte phantastica, gigante,

Que nos conduza a Deus?...

Fôra loucura imaginar tal cousa !... »

Um vulto extranho surge e os braços poussa

Por sobre os hombros meus.

Vi, talvez, o phantasma silencioso

Da Tristeza : — seu rosto era formoso,

Sereno e virginal ;

Tinha mãos de criança, e sua essencia

Lembrava o lyrio, que resguarda a olencia

Na alvura sem igual.

erguendo para o Céu as mãos unidas,
Ajoelhou e disse-me : — « Duvidas ?
Mas não queres, então,
Subir por essa ponte — por que desces ? »
— Quem és tu ? Quem és tu ? — « Não me conheces ?...
Eu chamo-me — a Oração ! »

1885

Mucio Teixeira

Fim das Hugonianas



HOMENAGEM

VICTOR HUGO

POEMA SYNTHETICO

POR

MUCIO TEIXEIRA

Do verre pour gemir, d'airain pour résister.

(VICTOR HUGO)

1885

AO SENHOR

D. PEDRO DE ALCANTARA

RECONHECIMENTO E VENERAÇÃO

Glucio Teixeira

DEDICATORIA

*Si a fortuna um diadema em teu berço ha linçado,
Desse dom casual não me attrahe o esplendor ;
Tens mais rico diadema : eterno ; conquistado ;
Quem mede em ti o sabio, esquece o Imperador.*

(Visconde de Castilho — A D. Pedro II)

*SENHOR ! não satisfeito em merecer da sorte
O prophético dom de um regio nascimento,
Conseguiste elevar esse alto monumento
Onde o mundo contempla o teu egregio póрте.*

*Estendes ao teu povo o braço amigo e forte ;
Dás á sciencia impulso, ás letras luzimento ;
E seméas o bem, momento por momento,
Das vastidões do Sul ás vastidões do Norte.*

*Por isso, Victor Hugo, o Homero do presente,
O phantasma dos reis... curvou-se altivamente
Diante de ti, Senhor ! — Que dupla magestade !...*

*Na alma nacional tens um poema escripto.
E o Cruzeiro do Sul reflecte no infinito
Do teu sereno olhar a intensa claridade.*

Côrte, 1883.

Mucio Teixeira



CANTO PRIMEIRO



Só tenho uma cousa a fazer : continuar
e morrer.

(V. Hugo— *Cesar que Mata e Pedro que Mente*)

INTER DIVOS

—

I

IMAGINO o effeito deslumbrante
De um collar de mil pedras preciosas,
— Que fosse desfiado lentamente,
Gottejando brilhante por brilhante
Dentro d'um vasto escrínio transparente,
— Feridas as facêtas luminosas
Pelos raios do sol em pleno dia...

Ah ! e nem mesmo assim eu poderia
Pintar ao vivo a intensa claridade
Desse tremeluzir vertiginoso,
Phantastico, ideal, maravilhoso,
Reflectido por toda a immensidade ! . . .

Coai toda a brancura das auroras
Atravéz do rubor das primaveras,
Quando ainda nas sombras da devesa
Não pipillam as aves mais sonoras,
Quando a terra parece um paraiso,
Nesse vago crepusculo indeciso
Em que geme e palpita a natureza,
Entre os beijos de fogo das esferas,
Nos extasis de amor dum arrebol !
E tereis, quando muito, conseguido
Reproduzir um raio esvaecido
Da infinidade dos clarões do sol !

Imaginai, porém, um collar vivo
De sóes, como este sol que nos ánima !

Sim ! porque além, nesse infinito acima
Ha de certo outros sóes e mais systemas
Planetarios tambem . . .

São os diademas
Da frente do Sêr Unico, Immutavel,
Creador, Increado e Impalpavel ! . . .

Conduzam-no ao Calvario . . . — o Redivivo !
Considerem-no Allah . . . — que nunca morre !
Sim ! chamem-no Vichnou, ou Déva, ou Theos,
Sempre que eu soffro, a idéa que me occorre
É de que existe um Deus !

II

O Todo Poderoso,
Com seu manto de azul, de sóes bordado,
Assenta-se no throno esplendoroso,
Por sobre o firmamento constellado.

Arrojadas columnas opalinas,
Sustentando uma cúpola brilhante,

Deixam vagar nas regiões divinas
Os sons da eterna musica distante
Do concerto phantastico dos mundos
Que gyram pelos páramos profundos...

Cantam Anjos, passando alli por perto,
Com a graça das mãis, acalentando
Seus filhinhos, a rir de quando em quando...
E a voar — pelo azul do céo aberto —
Abraçam-se co' as azas, docemente,
Mas com tanta alegria e mimo santo,
Que nem se ouve rumor ; — e no entanto
Jehovah escutou distinctamente,
No leve perpassar da fresca aragem,
Esse roçar macio da plumagem
Das azas brancas, longas, palpitantes,
Como uns flócos de neves fluctuantes...

Luzes, sons e perfumes se misturam
Numa condensação mysteriosa ;
Alli, — a violeta, o lyrio, a rosa,
Todas as flores dos vergeis sagrados,

Seus divinos effluvios mais apuram,
Embalsamando o ambiente rarefeito
— Onde palpitam corações e azas,
Nuns estremecimentos-iriados...
Como um rumorejar que fosse feito
Por cinzas assopradas sobre brazas
Vívidas, crepitantes, purpurinas !...

Casam-se alli as notas argentinas
De milhares de sons imperceptíveis
Da harpa sonora do Universo,
Só na celeste acustica sensíveis,
Numa subtil, phantastica surdina,
Transformadas em astro, e flôr, e verso !...

III

Anjos de azas abertas, palpitantes,
Voando sobre nuvens cambiantes,
Sopram clarins de prata ! . . .
Erguem-se vozes claras, transparentes . .
São risadas virginaes, contentes !
Como que o Céu inteiro se dilata
Em ondas de alegria,
Para conter em si tanta harmonia ! . . .

Aos clangores sonoros e vibrantes
Dos arejados, lípidos clarins,
Surge neste momento
O intemerato Archanjo Raphael,
— A' frente da legião dos Serafins, —
Que empunham os seus gladios flammejantes,
Mais bellos que Ariel! . . .

Tirando o capacete — de plumagens
Tremulas, multicores, luminosas,
Curvam-se os Serafins, ajoelhados,
Pousando ao lado as armas victoriosas.

Aéreos córos rendem homenagens
Ao Pai dos bons — e Pai dos desgraçados! . . .

Os rapidos cometas resplendentes
E as estrellas, não tremulas e incertas,
Mas rutilas, sem véo,

Suspendem o seu gyro harmonioso,
Para escutar no espaço silencioso
As musicas do Céu ! . . .

A um aceno de Deus — tudo é silente ;
Não se escuta sequer um rumor brando ;
Como que tudo e todos adormecem . . .
Os varios instrumentos emudecem . . .
E os astros erradiós vão gyrando
Vertiginosa e silenciosamente . . .

Raphael — ajoelha-se por fim
No ultimo degráo d'ouro e marfim
Do throno do Senhor
E diz : — « Ser Poderoso ! Deus do Amor !
Mixto de Gloria e Luz ! Tu, que não és
Só o que eu sei dizer, mas muito mais
Do que tudo que eu penso ! . . . Ó meu Senho. !
Eis-me aqui a teus pés ! . . . »

— Levanta-te e responde, Raphael.

O Archanjo ergue-se e diz :—Falla, meu Pai.

— Escuta, filho meu : porque não vejo
Aqui, como desejo,
O poeta do Céu, que anda exilado
Ha tanto, pelo abysmo de miserias,
Aonde as cousas unicas, sidereas,
Esquecidas por Cesar e Mastai,
São levadas de envolta no tropel
Dessas philosophias
Que não passam de estereis utopias? . . .

Que faz *Elle* na terra?

— Anda engolfado

Nesse profundo Oceano de vaidades,
A recolher — mergulhador ousado —
As perolas occultas das Verdades.

E espalhando-as, Senhor ! por toda parte,
Em turbilhões de flôres e de sóes,
Transformou o seu lar num baluarte,

Onde defende os fracos, os vencidos
Que vão bater-lhe á porta — perseguidos
Por tyrannos, com máscaras de heróes ! . . .

Outras vezes . . . caminha solitario,
Queimando os pés nos areaes ardentes,
A regar com as lagrimas que chora
 Essas mesmas sementes
Que nem com teu Divino Sangue, outr'ora,
Brotáram, entre as sarças do Calvario ! . . .

— Basta ! . . . Sua missão está completa.
Desce, meu filho, á tréva . . . e dize á Morte
Que no seu vôo rapido transporte
Da Terra ao Céu o Sonhador-Propheta.

IV

PARENTESE

Que importa que na lampada de argilla
Desmaie a Luz?...

Na região tranquilla
Do vasto Céu — aberto, indefinido —
Um raio lampejou !... Porém tão breve,
Que a mente a descrevê-lo não se atreve.



CANTO SEGUNDO



« Não sei que tenho... parece-me que
vejo luz ! Chegai-vos mais para ao pé
de mim ! Morre contente ! »...

Apenas acabára do fallar, inclinára-se
para traz...

Estava morto.

(Victor Hugo — *Os Miseraveis*)

PRIMUS INTER PARES

—

I

... o ultimo gemido,
O derradeiro arranco, a suprema agonia
Daquelle coração herculeo, não podia
Deixar de ter um éco enorme e prolongado
No peito universal de um seculo cansado

De tanto o applaudir ! batendo noite e dia
Ao forte latejar da immensa phantasia ;
Sentindo o fogo em sangue a galopar nas veias
Ao calor e á luz do turbilhão de idéas
Do pensador profundo, incomparavel, forte,
Já immortal em vida ! inda immortal na morte !...

Ó Mestre ! ó Grande Mestre !... Ao vêr-te frio e mudo,
Póde o mundo pensar que onde imperava tudo
Pernoita emfim o nada... e no entanto, eu juro
Por ti, por Deus, por tudo o que ha de grande e puro,
Que nada se extinguiu, nem se extingue jámais :
O que foste, — inda és ; e o que és — sempre serás !...

Óra ! uma cruz de mais no chão dum cemiterio,
É uma onda, talvez, no Oceano do Mysterio...
Para um corpo que vai-se, ha um nome que fica ;
A lei da evolução perfeitamente explica
Essa transformação eterna e permanente,
Que se analisa em tudo e todos igualmente.

Além disso, o que mais nos punge e martyriza,
— A ferida fatal que nunca cicatriza —
É a saudade : o pensar que nunca mais veremos
Uma imagem que nós no coração trazemos
Dia e noite conosco . . . e que é tão bom revê-la,
Depois que a gente vê que já não pôde vê-la ! . . .

Mas . . . tua imagem, Mestre ! antes de transformada
Em pó já tinha sido em bronze perpetuada ! . . .
Antes dessa final, subtil metamorphose,
Assististe de pé á propria apothéose ! . . .

II

Que estranho funeral o desse estranho vulto !

Toda a raça latina a tributar seu culto
De Amor e Gratidão ao Pródigo de Idéas
Que viveu a espalhar — Perdões e Epopéas !. . .

É condemnado á morte um estrangeiro ? Aonde ?
Pede por elle o povo ? O rei lhe não responde ? !
E approxíma-se, ó Deus ! o tragico momento
Em que por esse pária ha de gemer o vento ? ! . . .
Mas Victor Hugo falla . . . essa voz, pelos ares
Echôa, repetída em todos os logares ;
Pediú por *elle* ? . . . Então — salvou-o !

A tal pedido

Não ha rei que não sinta o coração varrido
Por lufadas de luz de claridade extranha !

Si nas mãos d'elle, em sol, transforma-se uma aranha !

Christo ! eu sei que tu foste o unico na vida
A fazer refflorir a palma ressequída . . .
Tu semeaste o Bem nas solidões da terra,
Venceste com a paz as multidões em guerra ;
E foste ao mesmo tempo humilde e violento,
Meigo, justo e fatal no austero julgamento.

E os discípulos teus, que ouviam-te de perto,
Fosse na Sinagoga ou fosse no deserto,
Nem um soube seguir os teus divinos passos. .
E ao vêrem-te da cruz nos estendidos braços,
Prostraram-se, a chorar, como si a humanidade
Não precisasse mais do Verbo da Verdade ! . . .
E foram-se contigo, humildes, a gemer,
Em vez de proseguir — luctando até morrer !

Tantos sec'los depois da scena do Calvario,
Viu este mundo emfim um louco, um visionario,
Tranquillo proseguir pelos caminhos rudes
Por onde ias outr'ora — a semear virtudes ; —
Fazendo heroicamente o mesmo que fazias,
Espalhando perdões, enchendo de alegrias
Os tristes corações feridos pelo tédio ;
Dando ás almas amor, aos enfermos remédio ;
Aos cégos da razão a vista da consciencia ;
Afugentando os vis, protegendo a innocencia,
Mais ainda : porque elle, além de fazer isto,
Deixa nos livros seus — um Evangelho, ó Christo !

E elle tambem chamava a si as criancinhas !

Aquella alma era o ninho em flôr das andorinhas
Que entre o berço e a escola andam em seus folguedos
Enchendo o nosso lar de risos e brinquedos,
E enchendo-nos de amor, de crenças, de alegrias,
Os nossos corações, — cofres das utopias —
Donde emigram tão cedo as aves das chimeras,
Em busca de outros sóes e de outras primaveras ! . . .

Tú nos déste a lição : — elle nos deu o exemplo.

Tambem azorragou os vendilhões do templo,
Tambem não consentiu que a turba apedrejasse
A triste messalina . . .

E ai de quem ousasse
Desattendêl-o ! Então, fosse rei ou plebeu,
Sacerdote ou soldado, o mísero — que o seu
Verso em braza marcasse em cheio alguma vez,
Havia de rugir — até cahir-lhe aos pés !
Ou então, era exposto, em livros triumphantes,
Ao escarneo feroz dos povos mais distantes,
Num carcere de fogo a arder constantemente :
A Sátyra, — que mata . . . e vive eternamente ! . . .
H. 3o

III

Não se vê deslizar um préstito funéreo...

Não ousam esconder no chão dum cemiterio

Quem encheu com seu nome o século, o universo !

Oceano ! já não ha quem faça mais um verso

Com a cadencia enorme e esse rythmo profundo

Com que andas noite e dia a cantar pelo mundo !...

Calou-se o teu rival!... — Emudeceu assim
Quem tinha como tu as perolas sem fim
Das doces illusões... e as contas de coraes
Nos escrínios de luz de uns novos ideaes!...
E as fortes convulsões, e os bíblicos lamentos
Com que gemes, á noite, ao látego dos ventos!

Calou-se o teu rival, Oceano!... Mas, que importa?
Tambem pegas no somno, em calmaria morta...
E não deixam, por isso, as rapidas correntes
De agitar do teu corpo os musculões dormentes.

Assim, nessa mudez do seu dormir profundo,
Elle escuta em silencio — os funeraes do mundo!...

IV

Que dantescas Visões contemplo com espanto !.

Esmeralda, a cantar . . . com lagrimas no canto !

Quasímodo, agachado, horrendo, furioso,

— Fazendo trevejar o sino monstruoso

Da torre colossal da eterna *No're-Dame* ! . . .

Claudio-Fróllo, mordido, a sós, pelo enxame

Das vésperas da luxúria, . . . a pensar na cigana,
Blasphemando, — no Templo ! . . .

E á luz meridiana,
Nas ruas de Pariz, *Phébus*, feliz, contente,
Ao galope febril do seu cavallo ardente ! . . .

Mais longe . . . *João Valjean*, e *Javert*, e *Fantina* . . .
Elles, os máus . . . tão bons ! Ella, a infame .. heroína ! . . .

E *Mario*, a conduzir *Cosetta*, a bem amada,
Pelos vergeis em flor da eterna madrugada ! . . .

Escuto os ais de dor da canalha indefeza . . .
Emquanto passa, a rir, cantando a *Marselheza*,
O *Gavróche* — ideal ! esplendido ! atrevido ! —
Que, querendo viver como qualquer bandido,
Morre, como um heróe ! nas pedras da calçada,
Como expira *Eponina*, em plena barricada ! . . .

Vejo um palacio accêso ; e nelle se adivínha
Que *Ruy-Blas* se ajoelha aos pés de uma Rainha . . .

Ou então, no jardim da noite do noivado,
Como o dobrar de um sino, *Hernani*, horrorizado,
Sente a fatal bozina ao longe restrugir...
Que *D. Sol* escuta — e elle não quer ouvir !...

Mas são tantas e taes as creações estranhas,
Brilhantes como sóes, altas como montanhas,
Que eu mal posso avistar, na extrema latitude,
Atravéz do Oceano encapellado e rude,
A sombra de *Gilliatt* — nos rochedos medonhos...
E essa ventosa—a *pieuvre*... a *Pieuvre*, só dos sonhos !...

É esta a procissão, que pára neste instante
Ao pé do Pantheon, — mas que vai para diante !...

25 de Maio—1885.

Fim do Poema

NOTAS

NOTAS

HUGONIANAS

A idéa, que determinou o apparecimento d'este livro, não é *original minha*, por dois motivos :

Além de me ser *lembrada* por meu amigo e primeiro romancista brasileiro da actualidade, Dr. ESCRAGNOLLE TAUNAY, com quem JOAQUIM SERRA e eu nos achavamos, na *Livraria Faro & Nunes*, quando chegou a notícia do trespasso de VICTOR HUGO, n'essa mesma occasião, e á proposito d'isso, lembrámo-nos de homenagem identica, que, pouco depois do fallecimento de LAMARTINE, foi consagrada á memoria do suavissimo poeta do *Jocelyn*. Refiro-me ás *Lamartineanas*, traducções tambem de poetas brasileiros, colleccionadas pelo Dr. MACEDO SOARES.

Quanto á nítida edição *elzeviriana*, que faz honra aos prélos da Imprensa Nacional, não me é permittido declarar o nome do magnanimo protector das letras, sob cujos auspícios são impressas as *Hugonianas*.

ASSIGNATURAS DOS TRADUCTORES

Sigo a ordem das Selectas : quando ha mais de uma producção de um só auctor, a assignatura vai firmando sempre a ultima.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL

(Pags. 9 a 13—14 a 16)

Esta traducção acha-se a pp. 613-616 da 2.^a edição dos *Cantos* de GONÇALVES DIAS (Leipzig, *F. A. Brockhaus*, 1857) e não tem designação de auctor. *A Triste Flor* foi transcripta das *Obras Posthumas de GONÇALVES DIAS*, onde o Sr. Dr. ANTONIO HENRIQUES LEAL collocou-a na segunda parte dos *Echos d'Além-Mar*, tomo II, pp. 181-183 (S. Luiz, *Imp. por B. de Mattos*, 1867).

HONTEM Á NOITE

(Pags. 17 e 18)

Esta traducção, quasi litteral, ainda na 5.^a (e ultima) edição das *Obras Complectas de CASIMIRO DE ABREU*,

(Havre, *Typ. de A. Lemale*, B. L. Garnier — editor, 1877),
apparece como producção *original* do cantor das *Primaveras*.— *Vide* a Obra cit., pag. 257.

A CONSCIENCIA

(Pag. 22 a 27)

Transcrevi-a das *Flores sem cheiro*, poesias do Dr. JOSÉ
IGNACIÓ GOMES FERREIRA DE MENEZES, quando estu-
dante do 5º anno da Faculdade de S. Paulo (Rio, 1863),
pp. 145 a 147.

DIALOGO DE D. RUY E DONA SOL

(Pags. 28 a 36—37 a 44)

Este fragmento do *Hernani* e o que intitulei *Monologo*
de D. Carlos, extrahi-os de pp. 530 a 535 e 578 a 582 do
volume de *Traducções Poeticas de F. J. PINHEIRO GUI-*
MARÃES (Rio, *Typ. de Lacmmert*, 1863).

MOYSÉS NO NILO

(Pags. 45 a 50—192 a 197)

A traducção do Dr. TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO foi pelo Dr. A. H. LEAL publicada em *Appendice* ás *Obras Posthumas de GONÇALVES DIAS*. Vide o já citado volume II, pp. 225 a 228.

A traducção de pp. 192 a 197, bem como as que têm por titulo: *O Gigante*, *Esmeralda*, (fragmentos de algumas scenas dos dois primeiros actos), *Um canto de festa de Nero*, *A Flor e a Borboleta*, *Ah! vinda! Amemos e A Filha d'O-Taiti*, são transcriptas do volume de versões poeticas — *Flores Transplantadas*, do Dr. João Baptista REGUEIRA COSTA.

Da formosíssima ode de VICTOR HUGO ainda ha mais duas traducções feitas por poetas brasileiros, uma do Sr. SANTA HELENA MAGNO, outra do desventurado lyrico que firmava as suas delicadas producções com o pseudonymo de *Francisco Cismontano*. Deixo de incluil-as n'este livro por não tê-las á mão, pois entendo que uma obra de arte, atravez de muitos temperamentos, adquire maior realce.

Muito bem andou o Sr. Dr. MACEDO SOARES, apresentando nas *Lamartineanas* duas traducções d'*O Lago*, duas da *Invocação*, duas do *Isolamento*, duas da *A El****, duas da *Ischia* e duas da *Tristeza*, muito embora esse interessante volume tenha apenas 192 paginas de verscs.

A FILHA D'O-TAITI

(*Pags. 51 a 55*)

D'esta formosíssima traducção do Dr. Gentil Homem de ALMEIDA BRAGA, que me foi dada em manuscripto por meu amigo BITTENCOURT SAMPAIO, conservo o precioso autographo.

NUMERO XIV DAS CONTEMPLAÇÕES

Busca a andorinha...

(*Pags. 59 e 60*)

Per intermédio do Sr. conselheiro F. OCTAVIANO, o laureado interprete de BYRON, que leva a sua predilecção pelo grande Lord ao ponto de não passar para o seu peregrino estylo as producções de outro poeta, esforcei-me por alcançar do Sr. conselheiro JOSÉ BONIFACIO, o festejado poeta do *Redin in o*, alguma traducção moderna; não o conseguindo, recorri aos meus retalhos de jornaes, onde conservo mais de uma poesia de S. Ex., e ahi apenas encontrei estes alexandrinos.

 Æ COLUMNA

(Pags. 85 a 98 — 99 e 100)

JOAQUIM SERRA traduziu a admiravel ode *Æ Columna*, ha vinte annos ; a versão que vem no *Mosaico* difere da que se lê no periódico *A Coalizão*, onde ha modificações para melhor, como na estrophe da pag. 90, verso 6, onde se deve lêr :

« Dizem Cíceros banaes ! »

As *Estancias* são extrahidas do formoso volume dos *Quadros*.

 POBRESINHOS !

(Pags. 101 a 115)

A traducção d'este doloroso poema do Mestre pôde-se dizer que foi feita com o coração ; impressiona profundamente. Faz parte do volume de *Mjosotis* do Dr. TEIXEIRA DE MELLO e é pelo notavel poeta consagrada á sua digna esposa. O Dr. TEIXEIRA DE MELLO, sabendo por mim que a sua traducção devia ornar as paginas d'este livro, teve a gentileza de modificar alguns versos, que no seu livro estão errados, devido unicamente a descuidos de revisão, mas que apparecem immaculados, como sahiram de sua penna, nas *Hugonianas*.

LES ENFANTS

(Pags. 116 e 117 — 118 e 119)

Transcreví esta traducção de uma folha litteraria ; *A Rosa e o Tumulo*, porém, foi expressamente feita para este livro.

Admirador e amigo do illustre Sr. Barão de PARANAPIACABA, o exímio traductor de LAMARTINE e LAFONTAINE, não deixei de bater á porta do seu palacio, indo pedir uma pérola para este escrínio. Surprehendido, porém, fiquei d'ahi a duas horas, si tanto, quando um enviado de S. Ex. chega ao meu encontro, com a poesia e estas generosas expressões, ditadas pela consciencia só em relação a quem as traçou :

« ... Sr. Mucio Teixeira

« Ahi vai. É inferior ao que costume fazer ; mas tenho pressa em obedecer a sua ordem.

« Sou com estima

« Seu amigo e collega

« B. de Paranapiacaba. »

« 21 de Junho — 85. »

Só os *barões assignalados*, que conquistam títulos per serviços ás lettras, podem e sabem prodigalisar obsequios *fingindo cumprir ordens*.

AS DUAS ILHAS

(Pags. 61 a 72 — 73 a 76)

Quando, em 1883, o editor dos *Escravos*, (poema de CASTRO ALVES) contractou commigo a biographia do poeta e coordenação de seus manuscritos, encontrei entre esses papeis duas producções que resolvi não reunir ao volume, não só por serem inteiramente alheias ao assumpto, como por serem attribuídas áquelle escriptor, com a designação de ineditas, quando logo á primeira leitura percebi que n'isso havia engano. Mais tarde verifiquei que ambas podiam ser realmente ineditas, mas nenhuma original. Uma, *A ballada do desesperado*, é traduzida de H. MURGER; a outra — *As duas Ilhas*, de V. HUGO.

O mais interessante, porém, é que a traducção d'*As duas Ilhas*, attribuída a CASTRO ALVES, é quasi uma reproducção da que vem no *Parnaso Maranhense*, firmada por FREDERICO JOSÉ CORRÊA, (pp. 93 a 101).

Sendo a traducção do Sr. F. J. CORRÊA publicada n'um livro impresso em 1861, epocha em que o poeta das *Espumas Fluctuantes* apenas contava 14 annos de idade, quero crer que houve falta de escrupulo na pessoa que copiou a traducção, que não póde ser de CASTRO ALVES; muito embora tivessem a habilidade de alterar — felizmente para melhor — alguns versos, que na primitiva são... insupportaveis.

A traducção intitulada *Perseverando* é extrahida da 5.^a edição das *Espumas Fluctuantes* (editor — Serafim José Alves) a mais completa que existe, onde está, em *Apendice*, a pp. 145 e 146.

O TRABALHO DOS CAPTIVOS

(Pags. 77 a 80, — 81 e 82 — 83 e 84)

As tres bellísimas traducções do Dr. BITTENCOURT SAMPAIO, *O Trabalho dos Captivos*, *Clarão da Lua* e *A Cidade conquistada*, foram expressamente feitas para as *Hugonianas*. Do mesmo illustre poeta e meu presado amigo obtive mais tarde uma deliciosa traducção da *Sara la Baigneuse*, que exige nota especial.

AO REI LUIZ-FILIPPE

(Pagina 150)

A celebre quadra original de V. HUGO foi escripta no palacio real, á meia noite, pedindo o perdão de BARBÉS, condemnado a subir ao cadafalso na manhã do dia seguinte. A irmã do condemnado recorreu ao poeta e este conseguiu o perdão do rei.

H. 31

A traducção do desventurado Dr. CELSO MAGALHÃES, tão cedo arrebatado ás nossas lettras, não está incluída no seu bello livro de *Versos*; consegui-a, graças á memoria prodigiosa de JOAQUIM SERRA, que recíta de cór as melhores poesias de todos os seus companheiros, desde GONÇALVES DIAS até o *ultimo romantico*...

As demais traducções são extrahidas de livros ou jornaes.

AOS BRAZILEIROS

O original de VICTOR HUGO, em verso alexandrino, foi escripto a 21 de Abril de 1883.

A BELLA SARA

Confiei a traducção da *Sara la Baigneuse* a um jovem amigo. O illustre moço, porém, que anda ás voltas só com *Filinto Elysio* e outros que taes, não admittindo que uma leve brochura possa ter o peso moral de quantos bolorentos in-folios jazem pelas estantes dos pachorrentos antiquarios, fez uma excellente traducção, é verdade, mais eivada de tanto purismo, que mais parece um original *do tempo da frol* que uma traducção moderna de versos do romantismo.

Fiz ver ao meu distincto confrade que a fórma subtil d'essa poesia não admittia esses pesados moldes e o delicado poeta, querendo provocar polemica (pois elle ainda sonha com esses bellos nadas, na terra do café e do 3º escrutínio), deu-a á redacção de uma das folhas diarias d'esta côrte, onde sahiu publicada ultimamente.

Contando o occorrido ao Dr. BITTENCOURT SAMPAIO, o meu amigo disse-me que devia ter entre os seus manuscritos a traducção que fizera, ha annos, d'essa poesia; mas que tinha escrupulos em consentir n'essa preferencia em relação á outra.

Assumo com a responsabilidade da substituição, pois a estima do jovem poeta está ácima d'essas ligeiras cousas.

TRADUCÇÕES ESPECIAES

Compõe-se este volume de 55 versões extrahidas de varios livros ou jornaes, e 51 traducções expressamente feitas para a minha collecção de *Hugonianas*, pelos Exms. Srs.:

1) Conselheiro MARTIM FRANCISCO, que antes d'esta gentileza já me havia honrado com a dedicatoria de uma de suas bel íssimas traducções de LAMARTINE ;

1) Conselheiro FRANKLIN DORIA ;

1) Barão de PARANAPIACABA ;

4) Dr. BITTENCOURT SAMPAIO ;

2) Dr. CASTRO LOPES ;

2) Dr. RODRIGUES PEIXOTO ;

-
- 2) Dr. ROZENDO MONIZ * ;
 1) VERISSIMO DO BOMSUCCESSO ;
 1) RUBEM TAVARES ;
 2) RANGEL DE S. PAIO ;
 2) Dr. SILVA RAMOS ** ;
 1) FONTOURA XAVIER ;
 1) JOÃO RIBEIRO ;
 1) Dr. DIAS DA ROCHA ;
 1) Dr. SILVA NUNES Jr. ;
 1) A. MOREIRA DE VASCONCELLOS ;
 1) SALUSTIANO SEBRÃO ;
 2) Dr. Alfredo de BARROS FALCÃO ;
 2) Dr. Manoel VICTOR Fernandes BARROS ;
 1) ALFREDO DE MAGALHÃES ;
 1) AMERICO DE ALBUQUERQUE ;
 1) Eugenio de MAGALHÃES CARVALHO ;
 3) LUIZ NOBREGA ;
 1) CARLOS COELHO *** ;
 2) LUIZ DOS REIS ;
 2) MENDONÇA CARDOSO ;
 4) Dr. GENERINO DOS SANTOS ;
 7) MUCIO TEIXEIRA.
-

Na *Serenata*, (do Dr. ROZENDO MONIZ), verso 1 da pagina 22, lêa-se:
 — Quando ris, ó amor se expande, etc.

** Na poesia *Hontem...* (do Dr. SILVA RAMOS), o verso 3 da pagina 266 e : — Admirava o fulgor que o rosto te incendeu ; e o verso 7 da pagina 267, é : — Deixa-te, pois, amar ; pois que é o amor a-vida.

*** No ultimo verso da pagina n. 371, lêa-se : — No galho muito fraco afim do o sustentar.

Do meu amigo GENERINO DOS SANTOS apenas vão tres traducções no corpo d'esta obra, visto a quarta ter chegado já tarde. Recolho-a, porém, n'esta nota, visto ser uma das producções mais curiosas de V. HUGO.

Só o título dá que pensar :— *Canção de Quasímodo* !. Pois esse surdo, que só tinha ouvidos para o bimbalar dos sinos da *Notre Dame*, essa máscara de gnomo também canta ?...

Só mesmo uma canção sem rimas e de versos descompassados, podia sahir d'aquella bocca « em fórma de ferradura ; » d'aquella *careta maravilhosa*, « de nariz tetraedro, de pequeno olho esquerdo coberto por uma frondosa sobrançella ruiva e embrenhada, emquanto o olho direito estava inteiramente occulto sob uma enorme verruga : de beicho caloso, invadido por um dos dentes como as defezas de um elephante... aquelle conjuncto de malícia, admiração e tristeza ! » * Imaginem isso, si é possível, — cantando !

Ouçamol-o :

A Canção de Quasímodo

(Sem rimas)

*N*ÃO olhes só figura,
*V*é coração, formosa !
*M*uito moço bonito o tem disforme.
*O*utros ha, onde amor dura um só dia.

* V. HUGO — *Notre Dame*.

*Não é bello o pinheiro,
Como o álamo frondoso ;
Mas conserva a folhagem pelo inverno.*

*Ah ! mas por que estou dizendo eu isto ?
O que bello não é, viver não deve ;
Belleza tão sómente ama Belleza ;
Costas só tem Abril para Janeiro.*

*A belleza é perfeita,
Póde tudo a belleza ;
Só belleza não ha, partida ao meio.*

*Vôa de dia o corvo,
O mocho vôa á noite ;
Noite e dia, porém, o cysne vôa.*

HOMENAGEM

POEMA DE MUCIO TEIXEIRA A VICTOR HUGO

Publiquei este modesto trabalho pelas columnas literarias do *Jornal do Commercio* d'esta côrte, de 25 de Junho ultimo.

Sua Magestade o Imperador, sempre generoso, disse-me que queria vê-lo reunido ás *Hugonianas*. É mais um obsequio que o magnanimo soberano junta aos repetidos favores que me tem prodigalisado.

DERRADEIRA HOMENAGEM

Assim que as folhas parisienses trouxeram-nos os bellos alexandrinos de LECOMTE DE LISLE, que trascrevo em seguida, BITTENCOURT SAMPAIO, que leu-os comigo, trasladou-os, então, *currente calamo*, para os harmoniosos versos soltos com que termino estas notas :

DERNIER HOMMAGE

Dors, Maître, dans la paix de ta gloire ! Repose,
 Cerveau prodigieux, d'ou, pendant soixante ans,
 Jaillit l'éruption des concerts éclatants.
 Va ! La mort vénérable est ton apothéose :
 Ton esprit immortel chante à travers les temps !
 Pour planer à jamais dans la Vie infinie,
 Il brise comme un Dieu les tombeaux clos et sourds,
 Il emplit l'avenir des voix de ton génie.
 Et la terre entendra ce torrent d'harmonie
 Rouler de siècle en siècle en grandissant toujours !

1885

TRADUCÇÃO

DORME na paz da tua gloria, ó Mestre !
Descança, ardente, prodigioso cerebro
Que jorraste, durante sessenta annos,
Torrentes tão ruidosas de harmonia.
A morte foi a tua apothéose :
Dos tempos através teu grande espirito
Mais livre agora canta ; e, assim pairando
Na vida do infinito, os surdos horridos,
E os tumulos trancados despedaça,
Qual si fôra elle um deus ; e dessas vozes
Do teu genio o porvir se alaga, eterno.
Oh ! sim ! dessa harmonia as notas santas
Toda a terra ouvirá, rolando sempre
De sec'lo em sec'lo, cada vez mais alto.

20 de Julho de 1885.

Mucio Teixeira

Fim das Notas.

INDICE



DEDICATORIA

VICTOR HUGO (Biographia)	IX
--------------------------	----

HUGONIANAS

Canção de Bug-Jargal.	9
A triste flor.	14
Hontem á noite .	17

Canção	19
A Consciencia	22
Dialogo (de D. Ruy e Dona Sol).	28
Monólogo de D. Carlos.	37
Moysés no Nilo.	45
A Filha d' O-Taiti	51
Si existe um prado de eternaes verdôres.	56
Busca a andorinha a torre envelhecida.	59
As duas Ilhas	61
Perseverando	73
O trabalho dos captivos	77
Clarão da Lua	81
A Cidade conquistada.	83
Á Columna.	85
Estancias.	99
Pobresinhos .	101
Les enfants	116
A Rosa e o Tumulo	118
Aimens toujours !	120
Jehovah	124
Piedade Suprema (fragmento)	128
Idyllio (do 5.º acto do <i>Hernani</i>).	133
Amanhã.	148

Ao Rei Luiz-Filippe	150
Eu vivo onde tu respiras	151
A Arte e o Povo.	156
Triboulet.	159
Confrontações	161
Ao Povo.	163
Christo perante o tumulto	165
Hontem á tarde.	170
Ouves tu ? si podessemos nós ambos.	172
Canção	174
O Gigante	177
Esmeralda (fragmento)	181
Moysés no Nilo.	192
Um canto de festa de Nero	198
A Flor e a Borboleta	204
Ah ! vinde !.	207
Amemos.	210
A Filha d' O-Taiti	214
Canção	218
Srenata .	220
Canto das Lavadeiras	223
A uma mulher.	225
Marion Delorme (fragmento).	227

A uma mulher	237
Canção	239
Lgrimas no ermo.	241
Os dois Trophéos	250
Hontem...	265
Depois da batalha.	269
Miserrimo montão de vaidades do homem.	271
A alma do outro mundo	273
Soneto (<i>unico</i>).	279
Anima plena.	281
Hontem á noite.	283
Ad Majorem Dei Gloriam.	285
Não partas	290
Recordação de uma tarde.	295
Velha canção	301
Pois que noss'alma a santa	304
Oceanó nox.	307
Nós	311
A Oblação	314
Passeiando pela manhã	317
Oh! doce amor de mãi, que em nós gravado fica!.	319
Após uma visita ás galés	320
A Fonte.	324

A Estatua	326
Aos Brasileiros	329
Relígio	332
Perguntavam elles — como	335
Ambos juntos e sós, satisfeitos e rindo	337
O Ninho no Templo	339
Mãe e filho	342
Resoai, sem cessar, tubas do pensamento.	345
Sobre um homem popular.	347
Pennas e Penas.	349
Minhas Filhas	351
A Rosa e a Sepultura	353
Não a insulteis !	355
Tive sempre uma paixão.	357
Innocente	359
A Fonte e o Mar	362
Vêm !	364
Hontem á noite.	366
A uma menina.	368
A Infancia	370
Eu que pude oscular-te o esplendido perfil.	372
Ao pôr do sol	374
A bella Sara.	376

A sesta	383
Minha infancia.	386
Criancinhas em classe.	392
Um pouco de musica.	394
A Consciencia	398
O Poeta nas Revoluções	402
Oh ! não insulteis nunca uma mulher perdida !	408
Jehovah	410
A uma mulher.	413
Ruy Blas (Acto 3º, scena I)	415
Hernani (Acto 1º, scena II)	419
A Ponte.	431

HOMENAGEM

POEMA DE MUCIO TEIXEIRA

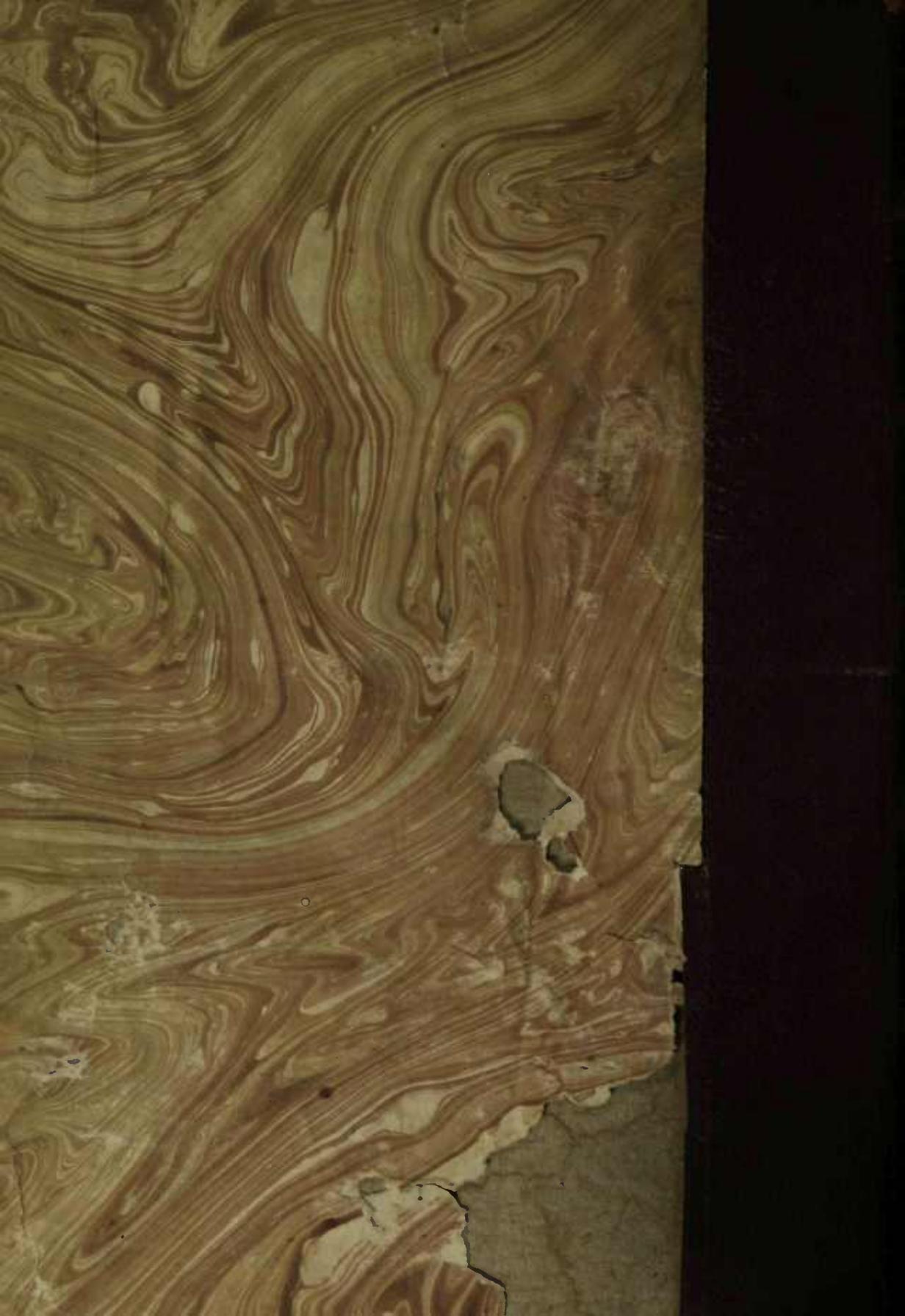
Dedicatoria	441
CANTO I — <i>Inter Divos</i>	445
CANTO II — <i>Primus inter pares.</i>	457
Notas.	469

IMPRESA NACIONAL



RIO DE JANEIRO

1885



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).